



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS



MARIANE LINHARES DA SILVA

**POESIA EM LÍNGUA DE SINAIS AMERICANA (ASL): UM ESTUDO
SEMIÓTICO COM ALUNOS UNIVERSITÁRIOS SURDOS
BRASILEIROS**

JOÃO PESSOA
2025

**POESIA EM LÍNGUA DE SINAIS AMERICANA (ASL): UM ESTUDO
SEMIÓTICO COM ALUNOS UNIVERSITÁRIOS SURDOS
BRASILEIROS**

MARIANE LINHARES DA SILVA

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Área de concentração: Literatura, cultura e tradução Linha de pesquisa: Estudos Semióticos. Orientadora: Dra. Janaína Aguiar Peixoto

**JOÃO PESSOA
2025**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586p Silva, Mariane Linhares da.

Poesia em Língua de Sinais Americana (ASL) : um estudo semiótico com alunos universitários surdos brasileiros / Mariane Linhares da Silva. - João Pessoa, 2025.

118 f. : il.

Orientação: Janaína Aguiar Peixoto.

Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA/PPGL.

1. Poesia - Língua de Sinais Americana. 2. Literatura surda. 3. Linguagem estética. 4. Compreensão textual - Alunos universitários - Surdos. I. Peixoto, Janaína Aguiar. II. Título.

UFPB/BC

CDU 82-1:81'221.24(043)

FOLHA DE APROVAÇÃO



Documento assinado digitalmente

JANAÍNA AGUIAR PEIXOTO

Data: 13/11/2025 08:56:02-0300

Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profª Drª Janaína Aguiar Peixoto – PPGL/UFPB
(Orientadora)



Documento assinado digitalmente

ANA CRISTINA SILVA DAXENBERGER

Data: 17/11/2025 08:40:39-0300

Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profª Drª Ana Cristina Silva Daxenberger - PPGL/UFPB
(Examinadora interna)



Documento assinado digitalmente

NAYARA DE ALMEIDA ADRIANO

Data: 18/11/2025 15:08:55-0300

Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profª Drª Nayara Nayara de Almeida Adriano-UFPB
(Examinadora interna)



Documento assinado digitalmente

PEDRO LUIZ DOS SANTOS FILHO

Data: 13/11/2025 10:24:49-0300

Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof Dr Pedro Luiz dos Santos Filho– UFRN
(Examinador externa)



Documento assinado digitalmente

GISELE PEREIRA GAMA GARCIA

Data: 14/11/2025 09:55:17-0300

Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profª Drª Gisele Pereira Gama Garcia - UFCA
(Examinadora externa)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus, à minha família, aos meus amigos e à comunidade surda como um todo. Recebo a todos com afeto e espero que, a partir deste trabalho, seja possível incluir a Literatura Surda no currículo dos alunos surdos, para que tenham a oportunidade de descobrir a beleza da Literatura em toda sua trajetória de vida.

AGRADECIMENTOS

A jornada acadêmica não é uma linha reta, confortável e fácil. É um percurso desafiador que trilhamos em busca de saberes e conhecimentos, com o objetivo de contribuir com a ciência e partilhar as descobertas de nossos estudos. Nessa trajetória, encontramos um apoio inestimável, especialmente espiritual, vindo de Deus, de minha filha, marido, pais, família, orientadora e amigos. A força que recebi de cada um de forma direta e indireta foi fundamental para alcançar esta vitória.

Um agradecimento especial a Deus, que, apesar de minha fé ter sido abalada, sempre me expressou seu sustento de várias formas.

Ao meu esposo, Geversson Damasceno, e à minha filha, Luane Linhares, por todo amor, companheirismo, paciência e palavras de incentivo. Mesmo com meus pensamentos contrariados, no final, tudo sempre ocorreu como, ou quase, planejado. Serei eternamente grata por toda a confiança.

Aos meus pais, Carlos Magno e Ozani Linhares, e ao meu irmão, Marcio Linhares, por terem um amor incondicional e por seu apoio constante durante toda a minha jornada acadêmica. Sem vocês, eu não estaria aqui hoje, e a paciência de vocês foi, sem dúvida, fundamental para o meu sucesso.

Meu profundo agradecimento à professora Dra. Janaina Aguiar Peixoto, que me abriu a mente, despertando minha curiosidade e combatendo minhas dúvidas, além de me orientar com paciência e sabedoria. Suas dicas e conselhos foram valiosos e essenciais para o meu crescimento acadêmico, ajudando-me a aprimorar meu pensamento crítico e a desenvolver esta pesquisa.

Aos meus amigos, meus companheiros de trabalho na Libras, que me acompanharam durante este processo. Com certeza, eles foram fundamentais com pequenos gestos, como palavras positivas, perguntas sobre o andamento da pesquisa, participação em eventos para troca de ideias e inúmeros outros fatos que não consigo mensurar aqui.

“A gaivota cresceu e voa com suas próprias asas.Olho do mesmo modo como que poderia escutar. Meus olhos são meus ouvidos.Escrevo do mesmo modo que me exprimo por sinais. Minhas mãos são bilíngües. Ofereço-lhes minha diferença. Meu coração não é surdo a nada neste duplo mundo...” – **Emmanuelle Laborit**

RESUMO

Este trabalho, teve como objeto de estudo os elementos estéticos presentes em obras literárias, compostas por autores surdos em em Língua de Sinais Americana. Para a realização deste projeto, propusemos um embasamento teórico apoiado em Sutton-Spence (2021) e Peixoto (2023). O objetivo geral foi investigar a compreensão do conteúdo de poesias em Língua de Sinais Americana (ASL) por um público de alunos universitários surdos brasileiros. Como desdobramento desse objetivo principal, tivemos os seguintes objetivos específicos: 1) Analisar como acontece a recepção dos textos poéticos em ASL para surdos brasileiros. 2) Identificar, nas respostas dos alunos surdos, quais elementos estéticos da literatura surda utilizados pelos poetas americanos favoreceram mais a compreensão do conteúdo das obras. 3) Contribuir para a disseminação do conhecimento sobre a linguagem estética literária em Língua de Sinais. Para alcançar esses objetivos, o desenvolvimento do trabalho foi dividido em três etapas práticas: uma entrevista semiestruturada, um minicurso de formação sobre a estética da literatura surda e a reaplicação da entrevista semiestruturada, posterior ao minicurso. Este estudo se caracteriza como uma pesquisa-ação, e o procedimento metodológico para análise dos resultados do estudo foi de abordagem qualitativa, conforme Ludke e André (1986). O instrumento de coleta de dados utilizado foi a análise documental dos registros em vídeo, que continham as respostas dos estudantes surdos. Ao final da pesquisa, especialmente, após a participação no minicurso, os alunos universitários surdos demonstraram uma significativa melhora na compreensão da linguagem estética das poesias em ASL que compôs o *corpus* desta pesquisa: *The Rosebush* da Ella Mae Lentz; *Caterpillar* do Ian Sanborn e *A Creative Storytelling Without Words* do Douglas Ridloff. O estudo evidenciou que a modalidade visual-espacial da Língua de Sinais contribui para o conforto linguístico dos surdos, permitindo-lhes acessar a literatura surda e promovendo a troca de saberes e experiências. Foi observado que a cultura, a língua e a identidade surdas eram compartilhadas entre os participantes, criando um espaço coletivo de aprendizado e reflexão. Esse trabalho foi relevante não apenas para a compreensão da literatura surda, mas também para a valorização da cultura e identidade surdas, promovendo um diálogo entre diferentes experiências e perspectivas de vida.

Palavras-chave: Literatura Surda; Linguagem estética; Surdo; Compreensão.

ABSTRACT

This study aimed to investigate the aesthetic elements present in literary works created by Deaf authors in American Sign Language (ASL). To carry out this project, the theoretical framework was based on Sutton-Spence (2021) and Peixoto (2023). The main objective was to examine how Brazilian Deaf university students comprehend the content of poems in ASL. Derived from this main goal, the following specific objectives were established: (1) to analyze how Brazilian Deaf individuals receive poetic texts in ASL; (2) to identify, in the students' responses, which aesthetic elements of Deaf literature used by American poets most contributed to their comprehension of the works; and (3) to contribute to the dissemination of knowledge about the aesthetic and literary language of sign language. To achieve these goals, the study was structured into three practical stages: a semi-structured interview, a training minicourse on Deaf literature aesthetics, and the reapplication of the same semi-structured interview after the minicourse. This research adopted an action-research design, and the methodological approach used for data analysis was qualitative, following Ludke and André (1986). The data collection instrument consisted of documentary analysis of video recordings containing the Deaf students' responses. At the end of the study—particularly after participating in the minicourse—the Deaf university students showed significant improvement in understanding the aesthetic language of the ASL poems that comprised the research corpus: *The Rosebush* by Ella Mae Lentz, *Caterpillar* by Ian Sanborn, and *A Creative Storytelling Without Words* by Douglas Ridloff. The findings revealed that the visual-spatial modality of sign language contributes to Deaf individuals' linguistic comfort, enabling them to access Deaf literature while fostering the exchange of knowledge and experiences. It was also observed that Deaf culture, language, and identity were shared among participants, creating a collective space for learning and reflection. This research proved relevant not only for understanding Deaf literature but also for valuing Deaf culture and identity, promoting dialogue among diverse life experiences and perspectives.

Keywords: Deaf Literature; Aesthetic Language; Deaf; Comprehension.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Perfis dos participantes

Quadro 2 – A obra em inglês e português

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** – Diferenciação entre os termos comunidade surda e povo surdo
- Figura 2** – Busca do título da pesquisa na plataforma da CAPES
- Figura 3** – Quantitativo de pesquisas por palavra-chave na plataforma CAPES
- Figura 4** – A aranha subindo na árvore em “*Dew on Spiderweb*”
- Figura 5** – O espectador fotografando o orvalho na teia de aranha em “*Dew on Spiderweb*”
- Figura 6** – Trecho de “*Looking back*”
- Figura 7** – Trecho de “*Looking back*”
- Figura 8** – Trecho de “*Looking back*”
- Figura 9** – Trecho de “*Looking back*”
- Figura 10** – Trecho de “*Looking back*”
- Figura 11** – Trecho de *Deaf Poet's Visual Poetry: A Creative Storytelling Without Words*
- Figura 12** – Trecho de *Deaf Poet's Visual Poetry: A Creative Storytelling Without Words*
- Figura 13** – A assimetria no espaço na poesia “*Como Veio a alimentação*”
- Figura 14** – Recorte da poesia *Leoa Guerreira* de Vanessa Lima.
- Figura 15** – Configuração de mão como uma pata executando o sinal de “desistir”.
- Figura 16** – O peixe desesperado Fish
- Figura 17** – “*fish*”
- Figura 18** – Apresentação da obra e entrevista
- Figura 19** – *The Rosebush* da Ella Mae Lentz
- Figura 20** – transformação da largada
- Figura 21** – Largata subindo a árvore.
- Figura 22** – O voo
- Figura 23** – representando o voo da borboleta
- Figura 24** – *The Rosebush* da Ella Mae Lentz
- Figura 25** – pétalas de rosas vídeo *The Rosebush* da Ella Mae Lentz
- Figura 26** – Ambiente Virtual de Aprendizagem do minicurso
- Figura 27** – Perguntas em Libras sobre a poesia 3
- Figura 28** – primeira aula do minicurso
- Figura 29** – Elementos estéticos literários em Língua de Sinais
- Figura 30** – Livro “*Patinho Surdo*”
- Figura 31** – Poesia de Fernanda Machado

Figura 32 – “Mãos do mar”

Figura 33 – *Como veio a alimentação*

Figura 34 – *As brasileiras*

Figura 35 – Aula de Mariane Linhares

Figura 36 – Narrativa de Sá

Figura 37 – *A pedra rolante*

Figura 38 – Obras

Figura 39 – Celular de Ana Luiza

Figura 40 – *A Creative Storytelling Without Words*

Figura 41 – Participante surdo

Figura 42 – Participante universitário surdo

Figura 43 – Participante Surdo

Figura 44 – Trio de obras

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASL – American sign language

AVA – Ambiente Virtual de Aprendizagem

BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CNS – Conselho Nacional de Saúde

CODA – Children of Deaf Adults

JSL – Língua de Sinais Japonesa

LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais

LS – Língua de Sinais

LSF – Língua de Sinais Francesa

NTD – National Theatre of the Deaf

RJ – Rio de Janeiro

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TILS – Tradutor e Interpretador de Língua de Sinais

UFERSA – Universidade Federal do Semi-Árido

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

VV – Visual vernacular

Sumário

1 INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA	16
2 REVISÃO DA LITERATURA.....	20
2.1 Contextualização da temática	20
2.2 Estado do conhecimento	25
2.2.1 Busca 01- Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD.....	25
2.2.2 Busca 02- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPEs.....	26
2.2.3 Busca 03 – Repositório da Universidade Federal da Paraíba – UFPB.....	29
3 REFERENCIAL TEÓRICO-CRÍTICO DA PESQUISA.....	31
3.1 A produção humana denominada de Literatura.....	31
3.2 A literatura em Língua de Sinais Americana (ASL).....	33
3.3 A literatura em Língua Brasileira de Sinais (Libras)	35
3.4 A linguagem estética da literatura em Língua de Sinais	37
4. PERCURSO METODOLÓGICO.....	52
4.1. Objetivos	52
4.1.1 Objetivo Geral	52
4.1.2 Objetivos Específicos.....	52
4.2. Caracterização da pesquisa	52
4.3 Posicionamento ético	54
4.4 Desfecho.....	54
4.5 Lócus da pesquisa.....	54
4.6 Participantes	55
4.7 O corpus	56
4.8 Procedimentos.....	59
5. DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	62
5.1 Análise das obras: <i>The Rosebush</i> e <i>Caterpillar</i>	62
5.2 – Promovendo o conhecimento sobre a Linguagem Estética Literária em Língua de Sinais.....	70
5.3- Resultados das análises das obras: <i>The Rosebush</i> , <i>Caterpillar</i> e <i>A Creative Storytelling Without Words</i>	87
6. CONCLUSÃO.....	95

7. REFERÊNCIA	102
APÊNDICE 1.....	114
CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	117
APÊNDICE 2.....	120

1 INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA

Nasci ouvinte, adorava música até os quatro anos de idade, quando fui afetada por uma doença chamada meningite que, na minha época, estava em surto no bairro. Quando fui diagnosticada, os médicos não perceberam a surdez de imediato, pois eu me comunicava através da oralidade, este é um equívoco comum: associarem a surdez à mudez. Logo, a minha prima desconfiou que eu estava surda e minha mãe buscou uma fonoaudióloga, para garantir a continuidade do desenvolvimento da fala, mesmo sem o feedback do som.

Posteriormente, aos cinco anos de idade tive oportunidade de ter contato com uma nova língua, a Libras (Língua Brasileira de Sinais), em meados de 1996. A minha vida social era bastante fechada para pessoas conhecidas, desconhecidas, família. Os amigos eram poucos, por ter medo de me envolver com as pessoas. Em casa me comunicava com meus parentes verbalmente por hábito, estimulada desde criança a falar. Com os amigos da rua, também, só brincava se tivesse a presença de algum colega íntimo em qualquer lugar, provavelmente por insegurança.

Por não poder estabelecer uma comunicação confortável, não participava de brincadeiras que envolviam a voz. Em ciclos de amizade poderia estar presente com pouco envolvimento verbal. Para evitar o diálogo, distanciava-me das pessoas. Houve, então, uma mudança na minha vida acadêmica. De forma inesperada, aconteceu meu ingresso em ambiente universitário bilíngue-bicultural. A implementação significa que os surdos são protagonistas e é possível dialogar num plano de igualdade.

Depois de alguns anos, surgiu a oportunidade de trabalho da área de Libras, que me fez crescer profissionalmente, iniciando como instrutora de Libras e professora no Estado até ser aprovada em concurso na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Logo depois fui nomeada para tomar posse na Universidade Federal do Semiárido (UFERSA), no campus de Caraúbas-RN, como docente do magistério superior para ensinar na graduação em Letras/Libras presencial noturno. Um curso bilíngue em que a maioria dos docentes ministram aulas em Libras, com duração de cinco anos, a fim de formar futuro profissionais de Libras para atuar no Ensino Fundamental II, Ensino Médio e Graduação, diferentemente da pedagogia bilíngue.

Durante o mestrado, estudei diversos conceitos, como literatura, literatura surda e (auto)biografia, com o objetivo de narrar a minha história, bem como de vivenciar narrativas de surdos por meio da literatura no espaço educacional. Foi um estudo relevante, devido o

uso de narrativas de aprendentes surdos como fonte de investigação como pressuposto do reconhecimento do próprio ser surdo na literatura como auto(re)conhecimento e enquanto sujeito de direitos, como um ser ativo capaz de narrar a própria história e de refletir sobre ela. Ao se reconhecer nas obras literárias como ser surdo, com uma representação de si e dos seus desafios e superações diários, promovendo assim uma identificação e reflexão sobre si perante o próprio sujeito e à sociedade.

A língua de sinais apresenta sua própria estrutura gramatical e é realizada na modalidade visual-espacial sendo que esta língua “é o meio e o fim da interação social, cultural e científica da comunidade surda brasileira” (Quadros, 2004, p. 15) que, se apresenta como um eficiente canal de comunicação e expressão das pessoas surdas e deve ser o meio de instrução desses alunos nas escolas brasileiras.

Percebemos avanços significativos na trajetória da educação de surdos com diversas ações no sentido de dar provimentos de desenvolvimento para a comunidade surda (Gomes-Sousa, 2018) nas escolas, uma delas é a presença dos professores de língua de sinais bem como os tradutores/intérpretes de língua de sinais como regulamentada a legislação vigente. Será que essas ações bastam para um efetivo desenvolvimento dos aprendentes surdos em nossas salas de aulas?

Saber como os alunos se sentem nesses espaços é mais que necessário para podermos contribuir efetivamente para o desenvolvimento acadêmico e pessoal desse público em nossas escolas, e acreditamos que a literatura é um direito humano e vemos com Cândido (1989, p. 113) que

[...] a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas.

Dessa forma, a pesquisa aqui apresentada busca contribuir com a melhor compreensão desta realidade no contexto dos surdos universitários. Com o fato de perceber essa realidade provocada pela literatura, através da poesia, para os alunos surdos é necessário e importante, pois reconhecemos que a literatura traz elementos significativos de compreensão do ser surdo e como podemos contribuir para a educação de surdos como um todo.

A pesquisa se justifica, inicialmente, pela importância do estudo e do uso da poesia

surda como fonte de investigação e como pressuposto do reconhecimento do próprio ser surdo na literatura como auto(re)conhecimento e enquanto sujeito de direitos, como um ser ativo capaz de refletir sobre si e sobre a estética literária. Uma vez que acreditamos que ao se reconhecer nas obras literárias como ser surdo, com uma representação de si e dos seus desafios e superações diários possam promover uma identificação e reflexão sobre si perante o próprio sujeito e à sociedade.

Acreditamos dessa forma, que essa reflexão das suas necessidades, avanços e percalços a enfrentar para a área da educação de surdos é de grande relevância. Como também, promovermos estudos sobre os aprendentes surdos, sobre sua cultura, sua língua, suas identidades multifacetadas que, muitas vezes, são esquecidas ou generalizadas.

O trabalho torna-se pertinente, também, pois o mesmo nos permitirá que estudemos a poesia em Língua de Sinais Americana (ASL); apoiemos as lutas da comunidade surda; vejamos a pesquisa semiótica como área de estudo da produção de significação dos sujeitos surdos como pessoas de direitos, assim como poderemos trazer insumos para a educação literária de surdos, percebendo as aprendizagens e modos dos diferentes contextos educacionais no contexto brasileiro nas diferentes regiões do país.

Pensar nesta pesquisa é compreender os sujeitos surdos nas suas próprias perspectivas e auxiliar no processo educacional destes, dando novas óticas e sentidos por meio da poesia e da literatura como propulsora de conhecimentos transdisciplinares.

Partindo da primícia que a semiótica, estuda os signos e sistemas de significação, buscando entender como os sentidos são produzidos e interpretados, ao refletir sobre a delimitação do problema da pesquisa, constatamos que o contexto deste estudo acontece a partir do seguinte questionamento: Como os alunos universitários surdos percebem e assimilam a construção de significados nas poesias em outra língua de sinais, diferente da LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais)?

Parte-se da hipótese de que a compreensão das poesias em Língua de Sinais Americana (ASL) por parte de alunos surdos universitários brasileiros, não fluentes nesta língua, pode ocorrer por meio da estética literária em língua de sinais

Sugere-se que esse contato contribua para o desenvolvimento da sensibilidade estética, possibilitando o reconhecimento e a valorização de elementos fundamentais da literatura em línguas de sinais, como: o uso do **espaço e simetria, a velocidade, a incorporação humana, o antropomorfismo, o morfismo, os classificadores, a repetição de configuração de mãos, os elementos não manuais e as perspectivas múltiplas**. Ao

mesmo tempo, pode-se inferir que ele promova a valorização da diversidade linguística e cultural surda.

Além disso, a experiência estética com obras em ASL tende a estimular reflexões críticas sobre as semelhanças e diferenças entre a literatura em Libras e em outras línguas de sinais, potencializando o engajamento acadêmico dos estudantes e fortalecendo sua inserção em estudos literários comparativos.

2 REVISÃO DA LITERATURA

No decurso desta seção, será apresentado o cenário onde esta pesquisa acontecerá, elucidando assim, o papel das produções culturais do povo surdo, como, também, serão apresentadas as varreduras do estado da arte que poderão colaborar com o estudo.

2.1 Contextualização da temática

Nesta época fluida e descentrada, em que a tradição parece ceder lugar à ruptura e à reinvenção estéticas, a sociedade convive com a literatura de diversos modos. Tais produções, criadas e vivenciadas no âmago das relações sociais, possuem papel preponderante nos estudos da linguagem. Isso não significa, naturalmente, que elas se dão exclusivamente por meio de registros gráficos, dado que as possibilidades de inventividade extrapolam a esfera canônica.

Nesse sentido, a busca por novos paradigmas, de modo a responder às demandas da contemporaneidade, contemplam uma visão diferenciada do fazer literário e passam a abarcar manifestações verbo-visuais de maneira mais ampla. Para além disso, esses novos modos de ser e de estar no mundo sugerem uma aproximação epistemológica com a comunidade de origem, uma visão interna, compromissada com os interesses de determinados grupos. A despeito disso, Sodré (2019) problematiza a alusão a esses novos termos, ao dizer que

Esse uso imoderado, embora natural nas condições em que vivemos, por parte de pessoas as mais variadas, e dirigindo-se, também, aos grupos mais variados, deu à palavra povo uma significação tão genérica que a despojou de qualquer compromisso com a realidade (Sodré, 2019, p.29)

Embora não raras vezes despida de seu aspecto político, a palavra “povo” denota um posicionamento e, quando enunciada, em geral, faz referência a pessoas que compartilham traços indenitários virtuais¹. Essas afinidades políticas estão diretamente ligadas a questões de religião, etnia, nacionalidade, classe social, língua, família, crença etc., enfim, a diferentes níveis de pertencimento. É fato que, nesse escopo, forma-se um espaço de partilha adimensional, em que se valorizam valores, obrigações e leis comuns aos membros. Em vista disso, centramo-nos, nesta investigação, em um povo, mais especificamente, o povo surdo. Trata-se de surdos usuários de língua de sinais que estão presentes em todas as esferas do conhecimento e, paulatinamente, conseguem galgar o próprio espaço e se ver reconhecidos no

¹ Por virtuais, diz-se daqueles que não necessariamente compartilham do mesmo espaço físico. As comunidades surdas, por exemplo, embora estejam espalhadas pelo globo, possuem artefatos culturais e afins e reconhecem-se como possuidoras de uma cultura similar.

Outro. Conforme Strobel (2013), quando pronunciamos “povo surdo”,

Estamos nos referindo aos sujeitos surdos que não habitam no mesmo local, mas estão ligados por uma origem, por um código ético de formação visual, independentemente do grau de evolução linguística, tais como de sinais, a cultura surda e quaisquer outros laços. (Strobel, 2013, p.38.)

As pessoas visuais sempre estão ligadas a uma percepção sensorial distinguível, à sinalização e a uma habilidade particular de compreenderem o mundo. Por si só, o uso do termo “pessoas visuais”, se referindo às pessoas surdas, já antecipa o caráter sensível, ontológico e corpóreo que os singularizam. O uso deste termo é disseminado quando diferentes autores destacam a existência de “uma cultura das ‘pessoas visuais’” (Peixoto e Vieira, 2018, p.44) ou afirmam que “Na educação de surdos, um dos discursos que ocupa centralidade atualmente é o de que o surdo é um sujeito visual” (Belaunde e Sofiato, 2019, p.67).

Mas, quanto a sua origem, o termo “pessoas visuais” foi proposto pelo professor e autor da Literatura Surda, Bem Bahan em 1989. Este pesquisador surdo norte americano explicou que ao adotar este termo ele se coloca na posição das coisas que ele é capaz de fazer, e não na posição das coisas que é incapaz de fazer. Assim, ao assumir uma identidade de pessoa visual, isso explica toda sua vivência de mundo que pode envolver campainha luminosas, a leitura labial, e a emergência de uma língua visual, que no caso dele é língua de sinais americana (Wilcox e Wilcox, 2005, p.17)

Dado a naturalidade com que se apropriam de uma língua de modalidade visual-espacial, as competências linguísticas no processo de aquisição de linguagem são tomadas como conquista, nunca como um problema a ser superado – ou mesmo como um estágio intermediário para se obter, posteriormente, a fala. Isso posto, a LIBRAS e as demais línguas de sinais, em sua totalidade², são um direito linguístico conquistado por meio de lutas, um artefato cultural democrático em sua natureza, capaz de possibilitar a interação entre os pares.

Apesar de servir como um código social convencionado para as comunidades surdas, as línguas de sinais enfrentam rechaço por parte da área médica especializada. É fato que existe um ponto de vista medicalizante largamente difundido por entre profissionais da saúde, que pendura por séculos. Essa visão patológica da surdez acaba por estender-se entre leigos e

² As línguas de sinais não possuem um caráter universal. Assim como as línguas orais-auditivas, distinguem-se quanto ao léxico, a morfologia, a sintaxe e a fonética. No Brasil, por exemplo, os surdos fazem uso majoritário da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, na França, a Língua de Sinais Francesa, no Reino Unido, Língua de Sinais Britânica, etc.

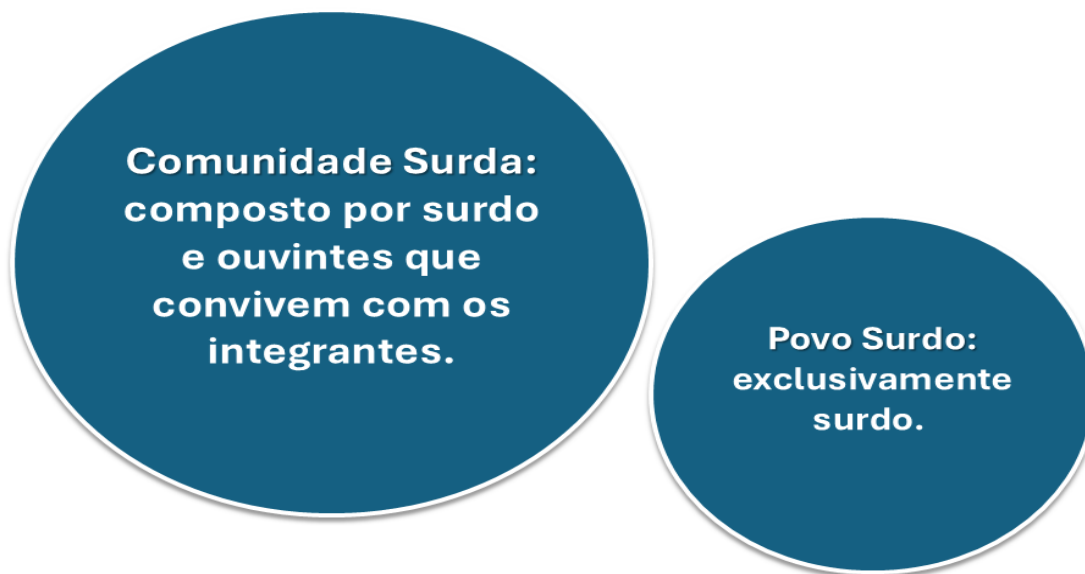
repercuta negativamente no contexto familiar em que os surdos se veem inseridos. A percepção de que há uma doença a ser combatida toma o surdo como portador de uma deficiência, como um sujeito que precisa se aproximar da normalidade. Para tanto, deve se fazer uso dos avanços da tecnologia, como a implantação de próteses auditivas ou implantes cocleares. Mas, a concepção de normalidade é muito relativa. Há dois lados que concebem a normalidade de forma oposta: a perspectiva da pessoa surda e na visão da pessoa ouvinte.

Retomando a reflexão do conceito de “povo surdo”, não há dúvida de que há um movimento incessante de re(criação) cultural, o qual envolve todas as áreas do agir em sociedade. No estudo de Hall (1997), a cultura é abordada como um conjunto de valores e significados que devem serem partilhados por meio do sistema de representações. No decurso do tempo, os sujeitos surdos começaram a conviver de forma conjunta e, a partir de então, surgiu a necessidade de existir uma comunicação (linguagem e língua) entre eles. Desse modo, as línguas de sinais passaram a configurar um sistema simbólico atrelado à vivência e à historicidade.

A educação de surdo, em sua gênese, era informal, considerada a impossibilidade de registrar glossários e métodos no processo de ensino-aprendizagem. Durante certo tempo, as produções culturais vivenciadas por eles eram repassadas por gerações e gerações, até que, enfim, surgiram autores ouvintes para oficializar os registros por meio de metanarrativa³. Esses fatos ocorreram em vários territórios espalhados pelo globo. Com persistência, resistência e resiliência, os surdos conseguiram a visibilidade, o espaço e a legitimidade de que necessitavam. A história da língua de sinais e as conquistas também contaram com a colaboração da comunidade surda, bem como com os militantes surdos, ao que se faz necessário distinguir os conceitos a seguir:

³ Metanarrativa, segundo Silva (2000, p.78), é [...] qualquer sistema teórico ou filosófico com pretensões de fornecer descrições ou explicações abrangentes e totalizantes do mundo ou da vida social. A mesma coisa que ‘grande narrativa’ o ‘narrativa mestra’.

Figura 1 – Diferenciação entre os termos comunidade surda e povo surdo



Fonte: Elaborado pela autora.

Os dois círculos presentes na Figura 1 são ilustrativos das diferenças entre os conceitos de povo surdo e comunidade surda. Visivelmente, a comunidade surda engloba mais pessoas, em especial, aquelas que se veem envolvidas por surdos. Fazem parte deste grupo, inclusive, ouvintes, a exemplo dos que frequentam associações de surdos, militantes, intérpretes e filhos de surdos (CODAS⁴). Por outro lado, o povo surdos diz respeito aos próprios surdos, e tal distinção reside na ideia de que pautas comuns podem ser compartilhadas, contudo, não afetam a todos da mesma maneira. Dito de outra forma, os ouvintes relacionam-se aos surdos em relação de reciprocidade, porém, não possuem impedimentos sociais no que se refere à ausência de acessibilidade.

Ao longo dos anos, os surdos tiveram de adotar estratégias de resistência cultural. Em um caso particular, a língua de sinais foi utilizada clandestinamente, em vista da proibição estipulada pelas autoridades. Esse movimento é conhecido como gestualismo, e ocorreu devido à decisão no Congresso Internacional de Milão, em 1880, da proibição da língua de sinais em contextos educacionais. Adotou-se, pois, o método oralista na educação de surdos, e lhes foi negada a possibilidade de sinalizar. Diante dos espaços de convivência, professores e familiares eram forçados a se articularem verbalmente, mas, em momentos entre surdos e surdos, foram gerados artefatos culturais singulares (produções culturais) da cultura surda, no intento de

⁴ CODA (Children of Deaf Adults) é o termo internacional para filhos de pais surdos.

resistirem e manterem sua língua viva e ativa.

Nos processos de identificação, um indivíduo se define por ser o que o Outro não é. Em suma, a aproximação se dá por traços similares, por ideias e pautas afins. Nessa seara, há um choque de ideias no que concerne à conduta social de pessoas surdas. Um juízo de valor bastante propagado é a conjectura de que o surdo quer ser igual ao ouvinte. Mais que isso, alguns querem, forçosamente, inseri-los no “mundo auditivo”, como se para interagir em sociedade houvesse a necessidade de ouvir e falar verbalmente. Ou seja, novamente, a surdez é entendida como uma “doença”, na qual se reúnem constantes esforços na busca de uma “cura”.

Vale destacar que é por meio dos artefatos culturais que hoje temos todo reconhecimento da língua dos surdos. O que são “artefatos culturais” e por que mencionam “o povo surdo”? Para Strobel (2008, p. 37), esses objetos imateriais referem-se às “peculiaridades da cultura surda”, do modo que são baseados das experiências visuais do povo surdo, não são somente materiais como também nas experiências dos sujeitos. A autora destaca alguns artefatos culturais, como o referente à experiência visual; à língua; à família; à literatura surda; à vida social e esportiva; às artes visuais; à política; e, mais recentemente, foi incluído o artefato religioso por Peixoto e Vieira (2018).

Esta pesquisa não tem como finalidade abarcar a plenitude das produções culturais surdas, tendo em vista que o objeto de estudo consiste na união de artefatos culturais específicos, que resultam na produção de outro **artefato cultural: a literatura**. Sob um ponto mais estrito, esta pesquisa objetiva analisar semioticamente a linguagem poética e nela, é sabido, pode ser encontrado principalmente o **artefato linguístico**. Os seres humanos não vivem sem a língua, se considerarmos ela, logicamente, constitutiva da própria razão de humanidade. O linguista considerado pai da Língua de Sinais Americana – ASL, William Stokoe (1960), comprovou que a Língua de Sinais comporta-se de forma semelhante à língua oral. A diferença reside em que se notam algumas mudanças gramaticais. De fato, a “Língua de Sinais é prioritária do povo surdo” (Strobel, 2008, p. 46), por isso, o nosso trabalho se voltará às suas nuances. Serão procuradas produções de textos sinalizados por surdos na forma de registro de vídeo. No que se refere às plataformas, optou-se por fazer as pesquisas no *YouTube*, por ser uma das ferramentas em que podemos encontrar poesias em língua estrangeira. Ademais, serão analisadas questões linguísticas manifestadas no uso da descrição imagética (Campelo, 2008) – que são signos imagéticos da língua de sinais na estrutura poética – para chegar a resultados semioticamente.

No Brasil, compreendemos que há um grande grupo de pesquisadores da área linguística. Uma das pioneiras foi Lucinda Ferreira e, depois, foram surgindo outros interessados, como Ronice Quadros, Tanya Felipe, Regina Campello e Fernando Capovilla. Eles tiveram papel preponderante na difusão e divulgação da língua, e colaboraram para que a Libras se tornasse parte da constituição brasileira. Em 2002, ocorreu um marco histórico da comunidade surda, a tão esperada aprovação a lei nº 10.436, que reconhece a Libras como meio de comunicação e expressão do surdo. Há uma interpretação equivocada pela comunidade, que interpreta como a segunda língua do país.

O artefato cultural **experiência visual**, como o próprio nome sugere, indica que a cultura surda é de experiência eminentemente visual. Isto é, os surdos manifestam representações (Hall, 1997) de mundo diferentes das reveladas por ouvintes. O fato de não possuírem uma concepção auditiva não invalida suas epistemes, mas os dota de uma capacidade única de criação e de adaptação. Na perspectiva de Strobel (2008),

Experiência visual significa a utilização da visão, em (substituição total à audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo mundo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. A cultura surda comporta a língua de sinais, a necessidade do interprete, de tecnologia de leitura. (Strobel, 2008, p. 39)

As concepções visuais possuem uma dimensão sociocultural, no entanto, no nosso objeto podemos encontrar por meio das poesias que são apresentadas em língua de sinais que pode ser um relato de experiência vivenciada por histórias dos surdos ou ouvintes, familiar, escolar, Tradutor e Interprete de Língua de Sinais-TILS, tudo de forma poética por ser uma experiência visual do próprio sujeito surdo, sem deixar de destacar a análise do estudo que é por meio da visualidade.

2.2 Estado do conhecimento

Agora veremos os resultados do levantamento de estudos anteriores sobre a temática do nosso estudo.

2.2.1 Busca 01- Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD

Ao iniciar uma procura na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD, foi possível perceber, por meio de análise das categorias presentes no título, que não há

pesquisa que se relaciona diretamente com a nossa área de interesse. A busca por **“POESIA EM LÍNGUA DE SINAIS AMERICANA (ASL): UM ESTUDO SEMIOTICO COM ALUNOS UNIVERSITÁRIOS SURDOS BRASILEIROS”** não encontrou correspondências, uma vez que a presente pesquisa pretende fazer algo demasiado específico, uma leitura semiótica da poesia sinalizada.

Para que pudéssemos continuar o nosso trabalho de varredura por teses, dissertações, artigos e revistas que respondessem aos nossos questionamentos, partimos para uma segunda plataforma digital, a de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Separamos o processo subsequente em três etapas. De início, semelhante ao já feito, pesquisou-se o título da pesquisa. Em seguida, observaram-se três palavras-chave, Poesia, Língua de Sinais Americana, Semiótico, cada uma separadamente. Por fim, investigaram-se as mesmas três palavras-chave, desta vez de forma concomitante, Poesia, Língua de Sinais Americana, Semiótico.

2.2.2 Busca 02- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES

a) Etapa I

Conforme explicitado anteriormente, a Etapa I consistiu na pesquisa do título na plataforma da CAPES, a fim de encontrar investigações cujos objetos de estudo correspondessem, integralmente, ao nosso objeto. No entanto, a busca não satisfez os critérios ora definidos, como se nota na figura a seguir:

Figura 2 – Busca do título da pesquisa na plataforma da CAPES

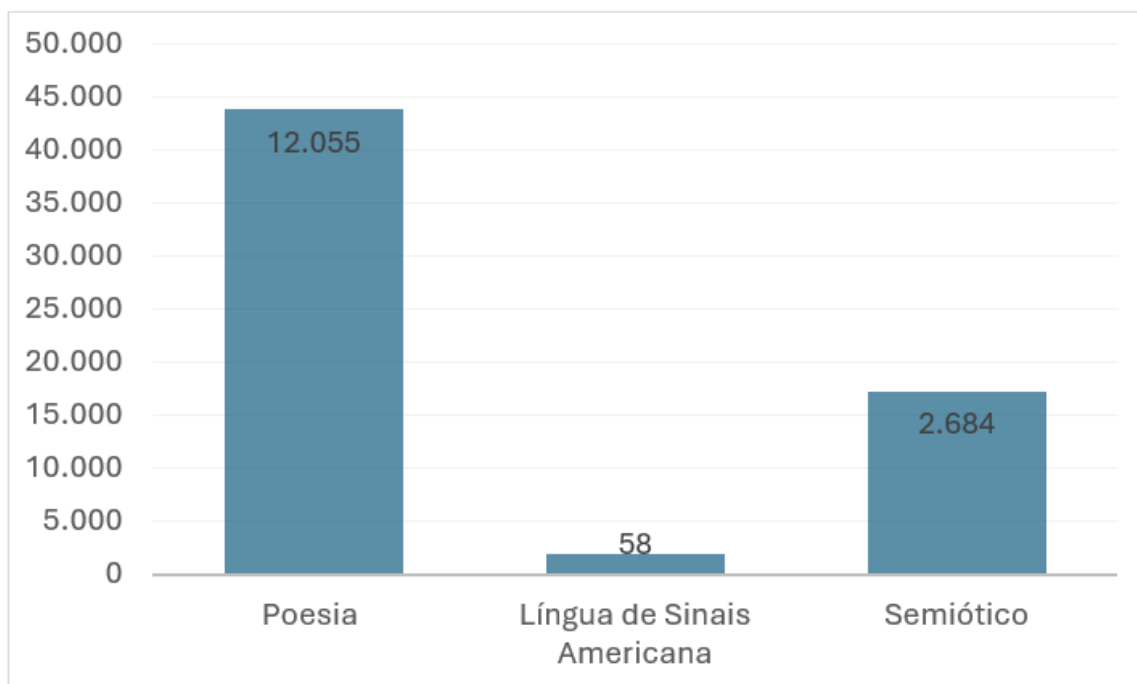


Fonte<<https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php/buscadador-primo.html>>.

Portanto, podemos perceber que não há resultado com a titulação da pesquisa deste projeto, o que torna este trabalho significativo, por não haver registro idêntico até o presente momento. É esperado, porém, que à frente sejam encontradas semelhanças com futuras dissertações e teses, as quais venham a contribuir à discussão aqui iniciada.

b) Etapa II

A Etapa II, por sua vez, consistiu em uma varredura na plataforma da CAPES com as palavras-chave Poesia, Língua de Sinais Americana, Semiótico. Quando observadas separadamente, no período dos últimos 12 anos (2013 até 2025), as categorias aludidas indicaram os seguintes dados, presentes no Gráfico da Figura 3:

Figura 3 – Quantitativo de pesquisas por palavra-chave na plataforma CAPES

Fonte: <https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscador>.

Os resultados da categoria “Poesia” revelaram um expressivo quantitativo de estudos. Dos 12.055 trabalhos, encontraram-se 12.014 artigos, 16 editoriais, 13 capítulos de livro, 7 livros, 3 paratextos, 1 errata e 1 revisão. Já “Língua de Sinais Americana” revelou um total de 58 resultados, sendo todos os 58 resultados publicações de artigos. Por fim, o “Semiótico”, apresentou um resultado de 2.684, sendo 2.675 artigos, 7 editoriais, 1 capítulo de livro e 1 paratexto.

c) Etapa III

O nosso terceiro campo de busca permaneceu no site da CAPES de forma mais refinada para a procura pelas três palavras-chave juntas: Poesia, Língua de Sinais Americana e Semiótico. Tal pesquisa resultou em 26 trabalhos acadêmicos do ano 2012 até 2021 (10 anos), exclusivamente artigos. Posteriormente, selecionaram-se os mais adequados às nossas questões de análise e quantificaram-se os dados.

A partir desse recorte, foram localizados 3 artigos científicos entre os anos de 2015 e 2018. O primeiro artigo, datado de 2015 foi intitulado “Uma proposta para o estudo de percepção: em torno da semiótica cognitiva” do autor Fernando Moreno da Silva, ao buscar a metodologia foi possível localizar que ele se serviu de três “abordagens” na elaboração de suas metodologias: inteligível, sensível e cognitivo.

O artigo posterior, do autor Cristian Santos, foi intitulado de “Ícones metaforizados e iconicidade em Libras e se referiu a um estudo bibliográfico publicado em 2017. Por último, o terceiro artigo localizado foi publicado em 2018, do autor Emerson Cristian Pereira dos Santos com o título “No princípio Era a palavra, mas a palavra foi traduzida para sinais” onde ele propõe reflexões sobre a relação entre ideologia, tradução e literatura.

Para finalizar as buscas do portal da CAPES, concluiu-se que os artigos em português eram mais adequados e, por isso, foram selecionados, em virtude de possuírem um *locus* semelhante – ou, ao menos, partilharem um ambiente de pesquisa com traços comuns. Para além disso, os trabalhos em língua inglesa diferenciavam-se metodologicamente, haja vista partirem de outras abordagens teóricas.

2.2.3 Busca 03 – Repositório da Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Quanto à terceira das buscas, foi utilizado o Repositório da Universidade Federal da Paraíba e os trabalhos selecionados foram sintetizados a seguir, sendo 1 tese de 2024, 1 dissertação do ano de 2024, 4 dissertações do ano de 2021 e 1 dissertação de 2017. O primeiro trabalho refere-se a uma tese, publicada após a defesa em 2024, foi intitulada de “Literatura surda e literatura Coda: produções visuais que retratam realidades culturais singulares” da autora Gisele Pereira Gama Garcia, a metodologia utilizada em seu trabalho baseou a sua coleta de dados a entrevista semi-estruturada com as mães, buscando entender a relação e influência leitora entre mães e crianças, além disso a pesquisadora estava inserida nesse contexto para além de colher informações também fazer suas pontuações.

O segundo trabalho publicado em 2024 se refere a uma dissertação, cujo título se dá por “Um estudo semiótico sobre o *slam* em Libras: uma nova manifestação artístico-cultural” de autoria da Jacqueline Veríssimo Ferreira da Silva, o qual possui uma relação mais próxima com a nossa pesquisa. Foi utilizada por base a pesquisa etnometodológica, cuja abordagem é qualitativa, com o intento de destacar características subjetivas das obras poéticas.

O terceiro trabalho de dissertação foi intitulado “O passarinho diferente: uma análise semiótica da literatura surda” da autora Maysa Ramos Vieira, a metodologia utilizada foi o estudo de produções literárias da Literatura surda Brasileira a base da cultura surda e foi publicada em 2021.

O quarto trabalho de dissertação encontrado foi intitulado de “Cultura surda em quadrinhos: uma análise semiótica de tirinhas da coletânea “tjat deaf guy-a wide ride” e foi escrita por Nemuel Gonçalves de Lima, publicada em 2021. Este trabalho de dissertação se

refere, metodologicamente, a um estudo semiótico das significações em torno do surdo e dos valores expressos, culturalmente, através dos textos que compõem o acervo literário do povo surdo.

O quinto trabalho de dissertação encontrado tem por título “Análise verbo-visual de textos literários adaptados para a comunidade surda” do autor João Batista Alves de Oliveira Filho. Sua metodologia foi de ordem qualitativa de caráter documental com técnica de análise de produção de sentido no texto verbo-visual e o ano de publicação também foi o de 2021.

O sexto trabalho se propôs a estudar sobre a vida e obra do poeta popular nordestino, surdo, Mauricio Barreto, em especial a poesia intitulada 24 de abril Lei da Libras, assim como, catalogar suas obras (de todos gêneros), fazer um levantamento biográfico do poeta e por fim, analisar a poesia escolhida com base nos três níveis dos estudos semióticos: fundamental, narrativo e discursivo. Assim, a dissertação publicada em 2021 pelo autor Ligio Josias Gomes de Sousa foi intitulada de “Vida e obra do poeta popular surdo Mauricio Barreto: um estudo de abordagem semiótica”.

O sétimo trabalho de dissertação foi da autora Sandra Maria Diniz Oliveira Santos, publicado em 2017. O intuito metodológico da autora era de analisar aspectos presentes na transcodificação do conto popular para Libras, além de apresentar a cultura surda, descrever e descobrir os sistemas de valores pertinentes a sua comunidade e teve por título “Transcodificação de contos populares para Língua Brasileira de Sinais: uma leitura semiótica da cultura surda”.

O repositório da Universidade Federal da Paraíba – UFPB é a última varredura do Estado das Arte para, enfim, concluir a coleta dos dados que possam contribuir de forma positiva para a nossa pesquisa. Encontramos 247 trabalhos que foram divididos em dissertações e teses, sendo que, dentre eles, elegemos as publicações compatíveis ao nosso estudo através da leitura do título das pesquisas, além de identificar em alguns deles a aproximação com a pesquisa de Estudos Semióticos. A busca ocorreu por meio de três palavras-chave, Poesia, Língua de Sinais Americana e Semiótico. No que se refere à área de conhecimento, optou-se por Letras e o período selecionado foi de 2013 até 2024.

Após este levantamento através da busca por estudos anteriores, foi comprovado o ineditismo da presente pesquisa. Com base nisto, a seguir apresentaremos os referenciais teóricos que embasam as discussões e reflexões do estudo e dão suporte para a concretização da pesquisa e posterior análise dos dados.

3 REFERENCIAL TEÓRICO-CRÍTICO DA PESQUISA

Neste capítulo, é apresentada a trajetória teórica trilhada que possibilitou a realização desta pesquisa, que inicia na Literatura, presente em diferentes culturas ao longo da história enquanto uma produção inerente da humanidade, segue para a Literatura produzida na Língua de Sinais Americana e a exploração das suas características.

Em seguida, se discute a Literatura produzida na Língua Brasileira de Sinais, e finaliza, com os fundamentos da linguagem estética utilizada nas composições semióticas de obras das Literaturas em Línguas de Sinais, partindo do pressuposto que, composição semiótica, refere-se à forma como diferentes elementos significativos são combinados para produzir um significado em um texto.

3.1 A produção humana denominada de Literatura

O próprio termo literatura apresenta uma particularidade que remete a uma ideia do que é acessível e permite que todas as comunidades possam usufruir da arte e da estética do texto. Podemos encontrar quem acredite que a literatura resume-se, basicamente, às obras e autores clássicos, como Gregório de Matos, Machado de Assis, Mário de Andrade, José de Alencar, dentre outros. Há quem desconheça a existência de outros autores e outras obras, além daquelas que nos são apresentadas no ambiente escolar, por exemplo: Menino Maluquinho (Ziraldo Pinto, 1980), Chapeuzinho Amarelo (Chico Buarque, 1979), Três Porquinhos (Josep Jacobs, 1853), A árvore generosa (Shel Silverstein, 1964), A aventura de Pinóquio (Carlo Collodi, 1883), dentre outros. Para que cada cidadão desenvolva-se humanamente na sociedade, por meio da imaginação, faz-se relevante a exposição constante a textos literários, inclusive isso vem a favorecer a construção de memórias afetivas, melhora na linguagem, desenvolvimento de fantasias, performance, valores culturais e sociais.

O texto é uma palavra que sempre iremos ouvir/ver em toda trajetória da vida, podendo ser compreensível ou incompreensível, mas como? Nem todos os surdos compreendem os textos escritos em português e nem todos os ouvintes compreendem os textos sinalizados. Cada sujeito tem uma leitura diferenciada e precisamos ser acessíveis em relação à leitura.

Pode ser estranho para algumas pessoas lerem quando citamos a estrutura da Língua de Sinais como produtora de literatura. O autor Culler (1999) cita que o conceito da literatura vai depender de onde se encontra (contexto), então, particularmente, afirmo que não precisa ter somente letras para ser a literatura. Para Cândido (1989), a literatura é um bem incompressível para os seres humanos por nós não vivemos somente de corpo, que a plenitude espiritual e

intelectual é indispensável.

A literatura é um direito universal. Como os direitos humanos, o direito à alimentação, à saúde, à moradia, à instrução, ao vestuário, por exemplo. E acabamos esquecendo ou desvalorizando do direito à arte e à literatura por fazer parte do processo de humanização. Por causa da humanização, quando usamos a palavra “direito”, só conseguimos pensar em si, e o próximo de forma coletiva não tem importância, estamos “cegos” com o pensamento individualista.

Quando citamos que nos preocupamos com o direito de forma individual no caso da literatura, podemos compreender que apenas um grupo minoritário tem acesso à literatura de forma adequada: a elite, a classe alta, as pessoas com condições financeiras boas, e as de classe baixa, geralmente, nunca tem acesso. É comum encontrarmos em sala de aula, alunos que nunca leram uma obra clássica e surdos que nunca abriram um livro adaptado, são pessoas carentes do acesso à literatura.

O processo de humanização, quando a pessoa tem acesso à leitura e à informação, é um aprendizado que transforma em conhecimento, uma instrução devido ao contato com as palavras, que livra da ignorância, do desconhecimento e da inocência. A humanização, conforme com Candido (1989, p. 117) é:

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante.

A literatura oferece ao homem a inteligência humana, a cultura e a linguística, podemos perceber que muitas escolas públicas e privadas não valorizam o campo artístico. Se na escola o estímulo é mínimo, imagine em casa pela família, uma raridade nos dias atuais. O fato é que no Brasil, principalmente no nordeste, o acesso é escasso e desvalorizado, geralmente é estudado apenas a biografia dos famosos nomes da literatura e não as produções, as interpretações, a forma de escrita, as significações e o vocabulário.

Infelizmente, a literatura tem acesso restrito na sociedade, pois sabemos da limitação das escolas públicas, e dificuldade que algumas famílias têm para ler um clássico. Se tratando, especificamente, de famílias com surdos, os entraves comunicacionais e o acesso literário se torna ainda mais difícil. Ainda é necessário haver um maior conhecimento

sobre a literatura surda para poder ter uma valorização linguística e reconhecimento nacionalmente, no país que é produzida pelas mãos dos integrantes da sua comunidade linguística.

3.2 A literatura em Língua de Sinais Americana (ASL)

A cultura surda nos Estados Unidos é composta pela *American Sign Language*-ASL (Língua de Sinais Americana), tem sua história atravessada, de algum modo, pela severa recusa ao fato de se apresentar de modo distinto da cultura hegemônica presente no seu país. Na época, quando se apresentou como uma cultura separada da cultura ouvintista daquele território, os especialistas educacionais criticaram duramente esse movimento, em razão de serem “outros”, ou ainda “não-americanos” como aponta o autor:

Muitos grupos resistiram aos aspectos derivados de uma americanização, em razão de proteger partes desses grupos onde haviam identidades culturais não-americanas. Esse ponto central gerava um fator particularmente desvantajoso para as pessoas surdas que tentavam manter a sua cultura autônoma.” (Bursh, 2002. p. 42, tradução nossa).

A ascensão do oralismo nas escolas, em razão dos movimentos como a reforma progressista, industrialização, imigração, a separação cultural foi sendo dificultada. Entretanto, os líderes surdos prezavam pela preservação e conservação da sua língua de sinais, por compreenderem e valorizarem a importância de sua língua (Bursh, 2002). É interessante observar e contatar com os estudos de Bursh (2002), a semelhança e aproximação com os movimentos e acontecimentos da cultura surda, sua defesa e a sua separação linguística aqui no Brasil.

Assim, é compreensível que mantenham manifestações culturais a partir dessas comunidades linguísticas. Na comunidade surda contamos com a presença da literatura surda, a discussão apontada por Leigh, Andrews e Haris (2017), converge em direção ao alcance de que a literatura, costumeiramente, é apontada como algo da ordem da escrita, porém, ela também pode ser sinalizada.

Ainda, Byrne (2013), aponta sobre as histórias contadas em ASL assim como os poemas são performatizados ou sinalizados. É interessante ressaltar que quando a passagem de uma literatura, seja ela escrita ou sinalizada, de uma língua à outra, algo é perdido, eis também a preciosidade de preservar a poesia (ou o texto literário a ser trabalhado) em sua língua e

modalidade de criação, entretanto, havendo impeditivos, é relevante estar advertido da possibilidade de perder algo.

Com o avanço das tecnologias e também dos registros audiovisuais, essas impossibilidades de transmissão tem diminuído, e assim, os registros de imagens, performances têm sido disseminados e alcançado horizontes até onde a internet permite. Holcomb (2013) argumenta, para contribuir com essa discussão, sobre como a literatura surda tem tido um enfoque na literatura em língua inglesa produzida por pessoas surdas nos Estados Unidos e também em partes do Canadá.

O conceito e atribuição da terminologia *Deaf* (surda) para essa literatura se refere a essas características, ao fato de serem sujeitos surdos a produzirem essa literatura, diferentemente de ouvintes que produzem um outro tipo de literatura conforme Byrne (2013). Além disso, a literatura é produzida desse modo e em ASL, a maior parte dos sujeitos surdos passaram por experiências traumáticas com a língua inglesa escrita ao longo do seu processo educacional, conforme apontam Lane, Bahan e Hoffmeister (1996).

O surgimento das tecnologias e, conseqüentemente, do vídeo foi essencial para o crescimento das línguas de sinais em todo o mundo, já que possibilitou o registro, a disseminação e a reflexão sobre o seu uso. Para a poesia, que trabalha fundamentalmente com a construção estética da linguagem, o vídeo possibilitou captar as diferentes produções iniciais do artista/autor:

O poder de impressão e do vídeo de congelar performances e divulgá-las a milhares de pessoas necessariamente torna os artistas mais auto- conscientes ao compor seus trabalhos. [...] É tão fácil escrever uma ideia no papel [em Inglês], mas esquecemos uma expressão ou sentimento", diz Kenny Lerner, do Flying Words Project. O poema inteiro está lá, mas algo está faltando. Tero vídeo permite-nos capturar essas coisas em nossos esboços (Krentz, 2006, tradução nossa)

Uma das funções do artista/poeta é o de construir o texto, de trabalhar profundamente a linguagem de forma criativa, deslocando do uso comum, criando figuras metafóricas e jogos com as palavras. Com o registro dos poemas sinalizados em vídeo, é possível alcançar o refinamento e aprimorar os esboços de poemas, conforme afirma Krentz (2006). Para Bahan (2006), o advento do vídeo para o registro das produções em Língua de Sinais permitiu aos artistas/poetas não somente aprimorá-las:

Tal como na maior parte da tradição oral, a noção de que a "comunidade" possui a história persiste, em algum sentido. O contador pode ser dono só do seu estilo e, talvez, do processo de reconstrução da história depois de adquirir uma "história-esqueleto" da cultura. Mas desde a década de 1990, com o advento da tecnologia de vídeo, a questão da propriedade tem sido reavaliada. Quando uma performance

está "impressa" em vídeo, é como ter uma obra escrita. (Bahan, 2006, p. 43, tradução nossa).

A poetisa americana Ella Lentz, em seus poemas (auto)biográficos, usa o seu próprio corpo na construção da identidade (Rose, 2006). Essa relação entre corpo, identidade e texto na literatura em ASL vem sendo explorada, evitando que o autor se distancie da obra, já que o estilo e a personalidade do artista/poeta emergem na poesia.

Na comunidade surda, Dorothy trouxe inovação e pioneirismo, pois construiu poemas em língua de sinais e fez o registro das obras. Os trabalhos anteriores eram traduções de poemas da linguagem escrita para língua de sinais. Na poesia, os trabalhos mais marcantes na poesia sinalizada são da poetisa britânica Dorothy Miles. Após Miles, surge uma nova geração de poetas em ASL: “na década de 1980, uma nova geração de poetas de ASL, incluindo Ella Mae Lentz e Clayton Valli, começou a produzir poemas originais em ASL que fazem uso brilhante de configuração de mão, ritmo, movimento e espaço” (Krentz, 2006, tradução nossa).

3.3 A literatura em Língua Brasileira de Sinais (Libras)

As línguas estão em constante evolução e influenciam diretamente as produções literárias. Isso significa afirmar que a Literatura também está em constante transformações. A maioria dos surdos brasileiros são sinalizantes e usuários da Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS que tornou-se reconhecida como meio legal de comunicação e expressão dessa comunidade a partir do dia 24 de abril de 2002, por meio da Lei 10.436 e do decreto 5.626/2005. Contudo, cabe destacar que cada país tem a sua legislação e suas línguas, o que evidencia o caráter não universal destas.

No Brasil, a pioneira do estudo da Literatura Surda foi Lodenir Karnopp, especialmente por incluir a disciplina no currículo do curso de Letras Libras em 2006, a fim de valorizar cada vez mais as produções da comunidade surda. Esse fator culminou no surgimento do curso de pedagogia bilíngue para surdos em nível de graduação, incentivando a produção de conhecimento no âmbito das universidades públicas e privadas em território nacional e internacional comprovando as competências desses sujeitos na esfera artística.

Na Literatura Surda não há uma conceituação definida e concreta, segundo Sutton-Spence (2021, p. 39-40), podemos afirmar que essa literatura é da comunidade surda e das pessoas surdas e pode ser assim classificada a partir dos seguintes critérios: “ser produzida por sujeitos surdos; atingir públicos surdos; tratar da experiência compartilhada de ser sujeito surdo;

e ser apresentada em Libras”. Contudo, observemos, que as produções literárias que circulam no meio da comunidade surda podem, também, ser produzidas por pessoas ouvintes. Nesse caso, contanto que satisfaça algum dos outros três critérios apontados por Sutton (2021) acima, essa produção pode ser, sim, classificada também como Literatura Surda.

As produções literárias da comunidade surda são compostas por características, como o próprio nome transparece, daquilo que é dos sujeitos surdos. Envolve as experiências do sujeito surdo (visualidade, língua, cultura, militância, crença, valores, vivência e outras) e foca no público surdo, podendo refletir uma particularidade da minoria linguística. Contudo, isso não significa que os ouvintes não possam usufruir desse espaço, ou produzir, há questões que relacionam-se, exclusivamente, com o protagonismo do “SER SURDO”, o orgulho de assim o ser e de ver isso como um presente.

O registro dessas produções literárias são nas modalidades Libras ou Português escrito, e, nesse último caso, sempre com respeito às características de produção escrita em segunda língua, como também em escrita de sinais (Signwriting). Como exemplo de obras produzidas na modalidade escrita da língua oral do país podemos destacar *O grito da gaivota*, obra de gênero autobiográfico de uma atriz surda francesa. A obra destaca em sua apresentação as características da vida do autor como, por exemplo, questões sobre a sua vida desde o nascimento até o momento presente, oferecendo ao leitor, desde o início informações sobre as características daquela escrita e das experiências ali compartilhadas. Mas, é comum, também, encontrarmos no meio das produções literárias surdas algumas obras que são de autoria e de cultura ouvinte, mas que passam a compor o acervo literário a partir de adaptações, quer seja sem alteração do enredo ou, até mesmo, com adaptações que incluem e evidenciam as características da comunidade surda, do povo surdo e da cultura surda, a exemplo da obra “*O patinho surdo*”, de Fabiano Rosa e Lodenir Karnopp.

Na literatura há uma existência de línguas, nacionalidades e modalidades. Nesta característica a Literatura Surda em Libras representa uma literatura da produção da comunidade surda devido a sua modalidade linguística: gestual-visual-espacial no Brasil por conta do termo Libras. Caso da “Literatura em Língua de Sinais”, a mais recente nomenclatura, o conceito dado por Sutton-Spence (2021, p. 41), “inclui todas as línguas de sinais mundiais em comparação ao conceito de “língua oral”, que engloba todas as línguas de modalidade oral-auditiva, portanto as línguas orais”. Nesta perspectiva, não destaca tanto a origem de uma literatura específica por incluir origem surda e não surda, mas o foco está na língua na qual esta literatura é produzida.

Como vimos anteriormente na contextualização da temática, a Literatura Surda é um

artefato/produção cultural que faz parte da comunidade surda envolvendo a arte, estética, performance, corpo, linguagem e cultura que são construídos junto com seu público.

3.4 A linguagem estética da literatura em Língua de Sinais

Na Literatura Surda além de contar com as produções culturais do povo surdo, temos a experiência corporal, os sujeitos surdos que envolvem dois pontos: visão e tato. Esses aspectos são os responsáveis por destacar a linguagem estética, por ser um elemento essencial das produções que envolvem o corpo e mão. Esses são elementos que geram o cenário artístico sem a necessidade de usar objetos visuais, uma forma de brincar com a língua gerando os efeitos imaginários sem uma regra específica como a literatura escrita. O artista tem o poder de apostar na criatividade por meio do corpo através da sua experiência visual e isso é a parte da linguagem estética para criar textos literários sinalizados de diversos gêneros.

Os elementos estéticos que os artistas surdos usam na composição do texto sinalizado literário potencializam o nível poético das obras, considerando que a linguagem poética se diferencia da linguagem cotidiana, através dos seus efeitos, inclusive e, principalmente, os efeitos estéticos, contemplando a possibilidade da diferenciação e do modo como a estética interfere na recepção da poesia. A autora Sutton-Spence (2021) apresenta fundamentos sobre a Libras Estética:

A linguagem estética apela aos sentidos e por meio dela o artista surdo busca criar uma experiência para o seu público, em vez de apenas afirmar algo ou dar uma informação. [...] A teoria linguística lida com uma descrição de “unidades” delimitadas da língua, descrevendo os fonemas e morfemas, os sinais, os itens do vocabulário e a sintaxe das sentenças, mas a língua artística vai além dos limites dessas unidades fundamentais da Libras. As brincadeiras estéticas mesclam os sinais até que não existam mais “unidades”, quebram as regras fonológicas, geram morfemas esquisitos e criam novas experiências visuais e comunicativas fora dos padrões da Libras cotidiana. Os elementos na literatura sinalizada chamam atenção ao “visual” com movimento no espaço e por isso são diferentes dos elementos literários na literatura escrita, especialmente na literatura escrita das línguas orais. [...] A Libras criativa é uma forma de arte linguística que compartilha elementos em forma de arte visual e arte visual em movimento. (Sutton-Spence, 2021, p. 56)

Esta quebra dos padrões da linguagem cotidiana e a ênfase na beleza visual é um fator relevante em um texto poético, independente da língua de sinais que ela foi composta. Ainda, a linguística se ocupa de fragmentar a língua e esmiuçar suas características e funções, formação de frases, ligadas à estrutura da língua, consequentemente, do modo como ela se apresenta no cotidiano, nos diálogos, nas trocas e nas construções gramaticais, o que é distinto do objetivo

da estética na Libras, como a própria autora reafirma, é uma arte que prioriza seus elementos visuais, objetivando gerar efeitos em quem acessa essa literatura. A seguir veremos de forma resumida cada um deles.

Para demonstrar como essa teoria da Sutton-Spence (2021) se apresenta, será demonstrado a partir de então alguns recortes fazendo e criando vínculo como que tem sido discutido e apontado pela autora em seu trecho supracitado. Para isso, foi escolhido o poema *Dew on Spiderweb*⁵ da autora Ella Mae Lentz. O vídeo foi publicado no canal do YouTube de Peter Quint em 16 de julho de 2010, já obteve 15.229 visualizações desde então. Um dos elementos que Sutton-Spence (2021) destaca é o modo como a estética do poema em língua de sinais se fundamenta em demonstrar uma ação e não somente afirmá-la.

Na primeira imagem a seguir é possível visualizar Ella Mae Lentz sinalizando o ato da aranha em subir em uma árvore, o que em seguida no poema é complementado com o ato dessa aranha nessa árvore estabelecer e construir a sua teia de aranha, já na segunda imagem Ella Mae Lentz se utiliza de uma sinalização que demonstra alguém fotografando aquela teia de aranha para que se registre. O desfecho da história é que a câmera estava sem filme, entretanto, cada uma das partes que foi possível contemplar sobre o orvalho, a aranha e sua teia ficarão registrados somente na memória.

É possível inferir que esse desfecho se decorre em razão de um outro elemento que a autora utiliza: a repetição de todas as cenas que foram construídas até então depois de se constatar que não havia filme na máquina fotográfica. Os atos são descritivos na medida em que a estética possibilita que sejam demonstrado com tamanha nitidez possibilitando assim uma compreensão clara e explícita sobre o que decorreu.

Para além dos pontos colocados anteriormente, há algo no poema que acontece com a demarcação do espaço, que será esmiuçado em um momento posterior, a autora sempre se refere ao mesmo espaço quando retoma a árvore onde a aranha colocou sua teia, as ações subsequentes (como o ato de fotografar, por exemplo) é orientado ao lugar onde primeiro ela havia construído a imagem da árvore, da aranha, de sua teia, dos orvalhos, o que é um outro recurso estético também apontado por Sutton-Spence (2021).

⁵ Orvalho na teia de aranha (tradução nossa).

Figura 4 – A aranha subindo na árvore em *Dew on Spiderweb*.



Fonte: Canal do YouTube de Peter Quint⁶

Figura 5 – O espectador fotografando o orvalho na teia de aranha em *Dew on Spiderweb*.



Fonte: Canal do YouTube de Peter Quint

Em relação ao elemento ou recurso estético chamado de **velocidade** a autora define:

Na linguagem estética podemos brincar com a velocidade para gerar emoções no público. Um recurso utilizado, e valorizado, nas narrativas é o da “câmera lenta”. Já sabemos que nos filmes esse efeito especial mostra eventos em uma velocidade reduzida para que se veja melhor os detalhes da ação. Os artistas surdos podem recriar esse efeito e sinalizar com movimentos prolongados e lentos para aumentar as emoções no público com imagens mais fortes. (Sutton-Spence, 2021, p.56-57)

⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=YaHChvFWegQ&t=5s>

A partir dessa citação, compreendemos como é empreendido o uso da velocidade, não há uma correspondência sobre essa velocidade dentro da poesia do português ou de outras línguas escritas, pois, o que há é a construção de uma imagem, de uma ação que se prolonga ou é encurtada. Ainda, de acordo com Sutton-Spence (2021), ela apresenta um exemplo com a imagem de uma bicicleta, ora, se a bicicleta se movimenta de modo mais ágil, a sinalização terá a mesma velocidade: rápida. Caso a bicicleta dentro da ação se mova de modo mais lento, a sinalização também será lenta.

Desse modo, a velocidade é utilizada como um recurso estético onde objetiva despertar emoções em quem é o receptor dessa poesia. Há uma criação da experiência a partir do corpo de quem produz esse texto, e ainda, há também a possibilidade plural de produção de efeitos, não há uma exatidão de qual efeito e/ou emoção esse recurso estético pode gerar a partir de sua recepção, eis o que torna a literatura múltipla e diversa, a amplitude de interpretações.

Um poema em ASL que poderia ser citado para ilustrar esse aspecto da estética da língua de sinais é *Looking back*⁷ publicado no canal do YouTube ThatSimple1Guy que pela descrição do vídeo é o autor desse poema, ainda na descrição ele afirma ter sido uma criação sua no período escolar que naquele momento ele decide então recriar. O vídeo possui 58.435 visualizações e foi publicado em 5 de novembro de 2011.

O poema se refere à história de um rapaz que em seu cotidiano se depara com uma linda mulher e a partir da sua presença as coisas ao redor aparentam se modificar em decorrência do efeito que ela lhe causa, isso é impresso em elementos pontuais que serão esmiuçados a seguir. Ainda, é possível perceber que a história se conclui também com o fato da moça ter simplesmente passado por ele, que não reage, não lhe entrega uma flor e relata em datilologia NEVER FORGET⁸.

Na figura 3 é possível observar a configuração de mão e a legenda que ali ele se refere às pessoas, já na figura 4 ele utiliza essa configuração de mão para se referir aos carros, no vídeo é possível constatar que tanto as pessoas quanto os carros advém de direções opostas, entretanto, o que mais chama a atenção nesse trecho é a velocidade das mãos, se dão em ritmo compassado, que acompanha e até simula como seria a velocidade das pessoas e carros passando da perspectiva de um sujeito que observa o movimento.

⁷ Olhando para trás. (tradução nossa)

⁸ Nunca esqueci. (tradução nossa)

Figura 6 – Trecho de *Looking back*.



Fonte: Canal de *ThatSimple1Guy*⁹

Figura 7 – Trecho de *Looking back*



Fonte: Canal de *ThatSimple1Guy*

A partir do momento em que ele sinaliza que há a presença de uma linda mulher em seguida retornam as mesmas configurações de mão anteriormente citadas, porém, a velocidade

⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=CRAFNTKJuSc>

com que se apresentam é espaçada, quase como se a imagem para quem é espectador da cena fosse congelada, causando assim um efeito de quem assiste que o eu-lírico inserido ali é acometido por aquela presença de tal forma que o ponto central do direcionamento do seu olhar é a linda mulher, e as outras pessoas tornam-se assim figurantes, ou quaisquer outras interpretações que couberem.

Figura 8 – Trecho de *Looking back*.



Fonte: Canal de *ThatSimple1Guy*

As configurações de mão utilizadas são as mesmas que foram utilizadas anteriormente, como é possível visualizar nas figuras 9 e 10 que se apresentam a seguir, entretanto, o que demarca uma diferença se estabelece justamente na velocidade de reprodução de cada um dos sinais, imprimindo uma nova possibilidade interpretativa. A partir desse momento o movimento é o de câmera lenta, assim como estabelece a Sutton-Spence (2021) como um recurso utilizado constantemente e serve exatamente ao propósito de causar emoções.

Figura 9 – Trecho de *Looking back*.



Fonte: Canal de *ThatSimple1Guy*

Figura 10 – Trecho de *Looking back*.



Fonte: Canal de *ThatSimple1Guy*

Um outro exemplo de poesia onde podemos verificar a presença do elemento estético da velocidade, entretanto, fazendo uma utilização antagônica ao exemplo anterior, ou seja, se no exemplo anterior vemos a utilização da câmera lenta, nesse exemplo é possível verificar a aceleração da sinalização para imprimir aumento de intensidade, colocando assim uma maior velocidade na sinalização da poesia.

A poesia sinalizada em ASL está contida em uma entrevista concedida ao NBC pelo poeta Douglas Ridloff, a entrevista publicada em 24 de outubro de 2017 conta com 25.278

visualizações. Sob título “Deaf Poet's Visual Poetry: A Creative Storytelling Without Words¹⁰”, onde o poeta conta um pouco sobre as possibilidades da sua expressividade através do uso dos sinais, além disso durante a entrevista são apresentados momentos onde ele está imerso em seu processo criativo, enquanto escreve ele também se coloca a sinalizar.

Nos recortes a seguir é possível observar quando ele sinaliza uma narrativa que acontece com a chuva, na primeira imagem ele está com a expressão facial amena, a velocidade de suas mãos acompanha as expressões faciais, na medida em que se intensificam as gotas de chuva, suas expressões faciais se modificam assim como a velocidade de suas mãos.

Figura 11 – Trecho de *Deaf Poet's Visual Poetry: A Creative Storytelling Without Words*



Fonte: Canal de *NBC News*¹¹

¹⁰ Poeta surdo e a poesia visual: Uma criativa história e narrativa sem palavras. (tradução nossa)

¹¹ <https://www.youtube.com/watch?v=xRcwVRf5BS8>

Figura 12 – Trecho de *Deaf Poet's Visual Poetry: A Creative Storytelling Without Words*



Fonte: Canal de *NBC News*

Como é possível observar nas imagens acima, dois elementos se sobressaem enquanto recursos estéticos: a velocidade e as expressões não manuais (que serão abordadas de modo aprofundado a posteriori). Assim, esses recursos atribuem ao texto poético e à sua visualidade novos elementos, possibilitando também novas sensações em quem recebe essa poesia.

No que diz respeito ao **espaço**, a autora explica que existe a capacidade de construir cenários narrativos a depender do modo como ele é dividido e seccionado. Ou seja, o uso do espaço pode servir como ilustração, como apresentação de um contexto imagético, ao colocar e situar cada personagem em um lugar do espaço neutro, por exemplo, compreende-se quem está emitindo o enunciado de uma narrativa, entretanto, ao nos referirmos à poesia, é possível utilizar da simetria ou da assimetria, bem como das configurações de mãos. Sobre o espaço e simetria a autora (Sutton-Spence, 2021, p. 57) explica e de forma exemplificada ela apresenta este recurso na composição de uma obra sinalizada:

Sabemos que em Libras se pode colocar os sinais em diversos lugares para criar sentidos adicionais. No poema *Como Veio Alimentação*, Fernanda Machado usa o espaço de uma forma estética para criar sentidos adicionais. Colocar dois sinais em lugares opostos do espaço pode gerar o sentido de que dois referentes se opõem. Nesse poema, as mãos são localizadas e movidas em lados contrários no espaço de sinalização, mostrando os mundos separados, o do trabalhador rural pobre (do lado direito) e o do rico habitante da cidade que não pensa sobre como surgiu a alimentação (à esquerda). A mão representando o trabalhador rural é sempre mais baixa e a mão representando o morador da cidade é sempre mais alta, como uma metáfora para as pessoas “inferiores” ou oprimidas e as que estão em posições “mais altas” da

sociedade. A simetria é outra maneira de criar efeitos de linguagem estética por meio da criação de uma sensação de equilíbrio. (Sutton-Spence, 2021, p. 57)

De acordo com o exposto, na citação percebemos a análise em concordância e consonância do que foi argumentado, anteriormente, a divisão da poetisa entre dois contextos antagônicos presentes em seu poema, acrescentado, de modo visual, a contextualização dessa distinção e separação: de um lado o trabalhador rural (pobre, à direita) e do outro lado o do rico habitante que não pensa sobre como surgiu a alimentação (rico, à esquerda).

Quando a autora argumenta que existem mundos separados, o sentido é acrescentado na imagem, como se houvesse uma cerca, ou ainda, o acontecimento de mundos paralelos que se conflitam mas não se encontram, pois estão em lados opostos, ocupam a polaridade da discussão e não o centro, o meio, onde poderia haver um encontro e um diálogo. É justamente a isso, reforçando, que se preza a discussão sobre a estética, a possibilidade de acréscimo de sentidos para além dos sinais, configurações de mãos e também classificadores, há o que se apresenta em elementos como velocidade e uso do espaço como recursos.

Na imagem a seguir podemos perceber como a separação é colocada, ao utilizar as duas mãos de modo simultâneo, a autora se coloca na posição de usar o seu corpo para transmitir mensagens díspares, ocasionando a distinção das imagens e ações dentro da poesia. É possível interpretar também como uma demarcação do território, digamos assim, de cada uma dessas narrativas dentro do mesmo poema.

Figura 13 - A assimetria no espaço na poesia *Como Veio a alimentação*



Fonte: Canal no youtube da autora Fernanda Machado¹²

¹² <https://www.youtube.com/watch?v=eiH0CqYNe6s>

Outro aspecto da linguagem estética em Libras é a repetição da **mesma configuração de mão**, um ponto curioso sobre essa estratégia é a possibilidade de construir nuances dentro do poema, esse é um dos recursos utilizados também na poesia *looking back*, vista e discutida anteriormente. A autora Sutton-Spence (2021) desenvolve seu argumento utilizando dois exemplos de poesias: *Leoa Guerreira* (<https://youtu.be/rfnKoCXmSg4>) de Vanessa Lima. A discussão sobre essa poesia é o fato de haver a incorporação de uma leoa por parte da autora, os sinais são executados como se ela tivesse uma pata de leoa no lugar da mão e isso agrega uma dimensão estética ao texto, colocando a leoa como eu-lírico do poema.

A poesia *Leoa Guerreira* foi publicada no canal da autora Sutton-Spence em 28 de janeiro de 2019 e conta com 2.505 visualizações, até o presente momento. Da autoria de Vanessa Lima, que é uma autora surda residente da cidade de Fortaleza no estado brasileiro do Ceará. Através de seu poema ela incorpora uma leoa que é surda, inicialmente tenta contato com seus pares ouvintes, entretanto é repetidamente ignorada.

Em determinado momento de sua sinalização ela se utiliza da frase “não desistir”, em seguida continua correndo e explorando assim a selva que a rodeia, nesse percurso encontra outros leões e leas que também são surdos e começa ali então uma relação de amizade. Em seguida ela os convida para ver um desfile, tenta se candidatar, mas é recusada, porém depois de insistir ela é aceita para participar.

Esse é um exemplo de como a história é contada e tem a possibilidade de ser compreendida sem prejuízos mesmo com as configurações de mão sendo metamorfoseadas como se fossem sinalizadas através de patas de uma leoa e não de uma humana, a história relata e retrata a experiência de pessoas surdas inseridas em um contexto em que as pessoas ao seu redor são, em sua maioria, ouvintes e não usuárias da língua de sinais.

Figura 14 - Recorte da poesia *Leoa Guerreira* de Vanessa Lima.



Fonte: Canal da autora Sutton-Spence¹³

¹³ <https://www.youtube.com/watch?v=rfnKoCXmSg4>

Figura 15 – Configuração de mão como uma pata executando o sinal de “desistir”.



Fonte: Canal da autora Sutton-Spence.

As configurações de mão sofrem ligeiras alterações, entretanto, não há comprometimento no significado principal dos sinais a serem executados, o que ocorre é um acréscimo de sentido, conforme descrito no parágrafo anterior. Ainda, a agregar à discussão, existe o elemento do **morfismo** acerca das configurações de mão, esse fenômeno ocorre quando, diferentemente da repetição de configuração, a configuração de mão é modificada no decorrer da sinalização, como se sofresse uma metamorfose.

Ainda, é possível perceber através desse exemplo de *Leoa Guerreira* algo valioso dentro da estética da Libras artística: a possibilidade de imitar animais para mostrá-los (por incorporação), a derivação dessa categoria estética é a de mimetizar plantas e objetos inanimados também. Isso ocorre também com a possibilidade de imitar humanos, demonstrando através de expressões corporais a distinção entre os personagens, esse efeito substitui o apontamento de qual personagem está enunciando a fala, priorizando e dando enfoque às dimensões e características de cunho visual, reiterando a ideia de demonstrar para além de afirmar algo.

Entretanto, a subversão do uso da língua de sinais através das expressões corporais não convencionais, configurações de mãos, incorporação de animais, não se encerra nesses méritos. Há alguns sinalizantes que "vão além das regras da linguagem e criam configurações de mão classificadoras que não são convencionais" (Sutton-Spence, 2021, p. 61), ou seja, existem também os **classificadores** e **novos classificadores** quanto elementos estéticos, utilizados enquanto recursos e possibilidades de subversão da utilização da língua de sinais de modo corriqueiro.

Eles podem ser utilizados para representar personagens, fazer descrições ou ainda para

construir imagens visuais onde seus significados podem ser imaginados, permitindo assim a construção da percepção do texto a partir do momento que o espectador o recebe, construindo outros sentidos para além dos pretendidos, por vezes. A utilização dos classificadores e novos classificadores decorrem de formas mais atrativas e instigantes ao olhar do leitor/espectador, tem por objetivo fixar a atenção de quem assiste além de agregar aspectos estéticos curiosos.

Há também, enquanto um elemento estético, existe a viabilidade do uso de **expressões não manuais**, como podemos ver:

Movimentos de cabeça, abertura do olhar e o posicionamento deste são utilizados em diversas maneiras para engajar o público na performance do texto estético e são uma parte muito importante da sinalização estética. A abertura do olhar frequentemente mostra emoção e a direção dele pode mostrar movimento e espaço. Por ser o exagero um importante elemento de entretenimento na sinalização estética, os elementos não manuais são com frequência exagerados. (Sutton-Spence, 2021, p. 62)

Concordamos com a autora a partir dos exemplos de expressões não manuais que ela cita, os quais atribuem características ao corpo de quem sinaliza, corroborando com a dimensão estética do texto. As incorporações, por exemplo, onde existem as características de animais, possuem expressões não manuais marcantes e definidoras de qual animal está sendo representado, além disso, as emoções também são transmitidas através de expressões não manuais.

Um exemplo possível se dá a partir do poema “*Fish*” do autor Dack Virnig publicado em seu canal do YouTube em 12 de julho de 2015 e conta com mais de 131.312 visualizações, onde ele incorpora não somente um peixe como também mimetiza as suas emoções através de expressões não manuais. O vídeo possui cerca de 4 minutos e 36 segundos e é possível perceber através de suas movimentações como se daria a vida de um peixe debaixo d’água.

O poema ilustra um peixe vivendo a sua vida no fundo do mar, alimentado-se, nadando entre algas marinhas, até o momento em que é pego por uma isca de um pescador. O poeta ilustra tudo isso da perspectiva do peixe, fazendo assim a sinalização da movimentação da água, do mergulho, das algas marinhas e até mesmo do anzol.

No decorrer da trama ele apresenta e interpreta o momento em que está preso em uma caixa com água depois de ter sido pego e manipulado por uma pessoa, pode-se deduzir que essa pessoa é o pescador, como é possível ver nos recortes a seguir.

Figura 16 - O peixe desesperado Fish



Fonte: Canal de *Dack Virnig*¹⁴

Através das suas expressões não manuais é possível perceber em seu olhar, uma das características marcantes do uso das expressões não manuais, o desespero de um peixe que se encontra em um lugar desconhecido, inédito, e também em alguma medida, incerto diante do que lhe acontecerá dali em diante. O poeta também se utiliza de recursos estéticos da edição de vídeo em diversos momentos, alternando entre um vídeo colorido e preto e branco, se servindo assim de uma sobreposição estética do recurso audiovisual em recursos visuais da língua de sinais.

Para além disso, como é possível perceber na imagem a seguir, o poeta utiliza a pintura facial, como a de um peixe, atrelando à sua imagem escamas, a cor de um peixe dourado, o desenho ao redor da boca, assemelhando à de um peixe, entretanto, como é notório, o posicionamento das suas mãos, as suas expressões não manuais, excluindo assim a pintura de seu rosto, também possibilitariam inferir e deduzir que ele está incorporando um peixe, então apesar do apelo estético que a pintura contém, há ainda a proeminência desses outros recursos que pertencem às línguas de sinais.

¹⁴ https://www.youtube.com/watch?v=DR4HF6S_hz0

Figura 17 – “Fish”



Fonte: Canal de *Dack Virnig*

Para corroborar complementar, há o último elemento estético apresentado por Sutton-Spence (2021), em que trata de perspectivas múltiplas. É sabido que as produções literárias em língua de sinais são costumeiramente gravadas em produções audiovisuais, com isso, é corriqueiro que os sujeitos sinalizantes façam uso de estratégias, movimentos de câmera, enquadramento e posicionamento dos corpos de modo semelhante ao que se assiste no cinema.

Com isso, o elemento **perspectivas múltiplas** aponta para a possibilidade de como as coisas são enxergadas, a partir de um, ou mais, ponto de vista específico. Se existem dois personagens, a história, bem como a direção da sinalização imitando o efeito de câmera, pode estar em um ângulo ou em outro, do mesmo modo o cenário. Um exemplo possível de se imaginar é o de alguém, que está dirigindo um carro, as árvores passam conforme o carro avança em velocidade, isso pode ser representado através desse elemento estético. Se o sinalizante está dentro do carro, as árvores passarão pois o carro prossegue na estrada, entretanto, se o sinalizante se torna uma árvore, ele verá o carro passando e não o contrário.

4. PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo descrevemos a metodologia da presente pesquisa de doutorado desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, na área de concentração Literatura, Cultura e Tradução, na linha de pesquisa de Estudos Semióticos.

4.1. Objetivos

4.1.1 Objetivo Geral

Investigar a compreensão do conteúdo de poesias em Língua de Sinais Americana (ASL) por um público de alunos universitários surdos brasileiros.

4.1.2 Objetivos Específicos

- Analisar como acontece a recepção dos textos poéticos em ASL para surdos brasileiros.
- Identificar nas respostas dos alunos surdos participantes da pesquisa quais elementos estéticos da literatura surda utilizada pelos poetas americanos favoreceram mais a compreensão do conteúdo das obras.
- Contribuir para a multiplicação do conhecimento sobre a linguagem estética literária em Língua de Sinais.

4.2. Caracterização da pesquisa

A pesquisa será de abordagem qualitativa, de natureza explicativa. Sobre a abordagem qualitativa, Ludke e André (1986) destacam cinco características básicas:

A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento; b) os dados coletados são predominantemente descritivos; c) a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto; d) o significado que as pessoas dão às coisas e a sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador; e e) a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo.

A compreensão qualitativa responde aos temas particulares, nos quais a problemática é construída a partir da realidade em que o investigador tem conhecimento, e que não se

problematiza-se se for apenas quantificada. A abordagem qualitativa se aprofunda no mundo dos significados, envolvendo valores, crenças, motivos e atitudes, sendo realizada quando os códigos das ciências matematizadas são incapazes de envolver a totalidade de uma realidade social.

Faremos uma pesquisa-ação, pois essa possibilita que o pesquisador intervenha dentro de uma problemática social, analisando-a e anunciando seu objetivo de forma a mobilizar os participantes, construindo novos saberes. É através da pesquisa-ação que o docente tem condições de refletir criticamente sobre suas ações. Ela possui uma base empírica que é concebida e realizada através de uma relação estreita com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo. Os participantes dessa pesquisa então envolvidos de modo cooperativo ou participativo (El Andaloussi, 2004).

Nessa perspectiva, entendemos a pesquisa-ação como melhor opção metodológica para este trabalho, pela necessidade da pesquisa de uma definição metodológica acerca de como conduziríamos o trabalho com o texto literário, pois precisávamos considerar que o fazer pedagógico do professor é construído a partir do conhecimento sobre o conteúdo a ser ministrado, mas também e, principalmente, por uma concepção de ensino voltada para o respeito ao aluno surdo.

Para tanto, utilizamos o método criativo como instrumento auxiliar de nossa vivência em sala de aula. Para a escolha desse método, embasamo-nos em Aguiar e Bordini (1988, p. 41), ao dizerem que “a adoção de um método de ensino para a literatura depende, sobretudo, do posicionamento do professor quanto ao aluno que tem à frente”. Ainda de acordo com as referidas autoras:

[...] a tarefa de uma metodologia voltada para o ensino da literatura está em, a partir dessa realidade cheia de contradições, pensar a obra e o leitor e, com base nessa interação, propor meios de ação que coordenem esforços, solidarizem a participação nestes e considerem o principal interessado no processo: o aluno e suas necessidades enquanto leitor, numa sociedade em transformação (Aguiar e Bordini, 1988, p. 40).

Na perspectiva da pesquisa-ação, selecionamos 2 (duas) obras poéticas em Língua de Sinais Americana registradas em vídeo para assim iniciarmos a coleta de dados para posterior análise. Nesse momento, buscaremos os indícios sobre questões estéticas, criativas e literárias identificando os seus respectivos elementos que podem contribuir para a compreensão do conteúdo das obras. Para assim, contribuir com reflexões com base nos resultados.

4.3 Posicionamento ético da pesquisa

O projeto de pesquisa foi submetido a um Comitê de Ética em Pesquisas, atendendo ao preceituado nas Resoluções 466/12 e 510/16 ambas do Conselho Nacional de Saúde, que disciplinam as pesquisas envolvendo seres humanos. Obteve como número de CAAE 72529023.1.0000.5188 em registro e referido comprovante.

Só após a aprovação do mesmo pelo referido Comitê de Ética em Pesquisa, a pesquisa iniciou. Todos os participantes foram informados previamente sobre os objetivos da pesquisa, só após a sua autorização e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) é que a entrevista foi realizada.

4.4 Desfecho

Todos os resultados do presente estudo, serão tornados públicos quando da defesa da tese, assim como serão encaminhados à Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN, cenário da pesquisa, e enviado para publicação em periódicos científicos, tudo como preceituam as Resoluções 510/16 e a Norma Operacional 001/13, ambas do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

4.5 Lócus da pesquisa

A universidade escolhida foi a Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN, fundada em 1958, que atualmente conta com vários departamentos, incluindo o de: Letras, onde encontramos um curso bilíngue, Letras-Libras/Língua Portuguesa que foi fundado em 2013 que tem objetivo de formar professores para lecionar no ensino de Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS e Língua Portuguesa como segunda língua para Surdo com durabilidade nove semestres. O curso conta com docentes surdos e ouvintes sinalizantes e não sinalizantes como também estudantes surdos e ouvintes.

No curso conta atualmente¹⁵ com média 62 surdos matriculados regularmente do primeiro ao último semestre da graduação, esse número conta com estudante do ano 2013 até 2023, esse foi o critério principal que contribuiu para decisão do lócus por estabelecer mais

¹⁵ Em 2023.

segurança nas análises e a parte da coordenação Jessica do Carmo e Daniele Caroline que foi apresentada e assinado o termo de anuência para a pesquisa por meio do protocolo: 23077.074451/2023-90, logo em seguida a antiga gestão encerrou mandado e passou a ser sob responsabilidade de Joatan David e Daniele Caroline (2023-2025), ambos apresentaram disponibilidade para cooperar com estudo oferecendo salas para o caso, se necessário.

4.6 Participantes

Neste estudo, contamos com a colaboração de 10 participantes, estudantes do curso bilíngue, Letras-Libras/Língua Portuguesa Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN. A seguir apresentamos o perfil desses licenciandos com nomes fictícios por questões éticas.

Sobre a escolha dos sujeitos, conforme Minayo (2010), a boa seleção dos sujeitos ou casos a serem incluídos no estudo é aquela que possibilita abranger todo o problema investigado em suas múltiplas dimensões. Os critérios para a escolha dos participantes foram: Surdos fluentes em Língua Brasileira de Sinais; e, exclusivamente, alunos surdos do curso de Letras/Libras na Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN. Os participantes também foram selecionados pelo critério de aceitação.

A inclusão social desses indivíduos tem uma vinculação significativa para este estudo. Os sujeitos da pesquisa foram 10 (dez) participantes (surdos), com idades entre 18 e 60 anos com vínculo ativo na universidade entre o primeiro ao nono semestre. Para preservar a identidade dos participantes da pesquisa seus nomes foram omitidos por meio de nome fictício de algum autor ou representante do Povo Surdo em sua homenagem.

As pesquisas em língua de sinais, ao se utilizarem de métodos visuais, têm implicações éticas, uma vez que para o anonimato/confidencialidade dos participantes sejam mantidos, mesmo com registro em vídeo das respostas e da aplicação da oficina, esta pesquisadora se compromete em não divulgar essas imagens. Além disso, com o objetivo de manter a confidencialidade/anonimato, os integrantes envolvidos na pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Quadro 1 - Perfis dos participantes

Nome fictício	Idade	Semestre	Estuda presencial ou a distância	Fluente em ASL	Profissão

Maria	22	6	Presencial	Não	Estudante
Gabriel	22	4	Presencial	Básico	Bolsista
Bela	27	6	Presencial	Não	Estudante
Aurora	25	8	Presencial	Não	Psicóloga
Solange	26	2	Presencial	Básico	Estudante
Dsetfe	25	6	Presencial	Básico	Administrador
Keo	35	6	Presencial	Básico	Estudante
Pedro	29	4	Presencial	Não	Administrador
Nina	33	6	Presencial	Não	Estudante
Cleo	34	9	Presencial	Não	Estudante

Fonte: Elaborado pela autora

4.7 O corpus

Inicialmente, na pesquisa-ação foram apresentadas duas poesias em Língua Americana de Sinais-ASL por autores surdos: Ella Mae Lentz e Ian Sandorn.

Ella Lentz nasceu em 1954, é uma poetisa, educadora, advogada e defensora da comunidade surda americana, filha de surdos, estudou em escola para surdo na Califórnia e na Universidade Gallaudet. A sua biografia destaca em solo americano e seus poemas no *YouTube* tornou reconhecido internacionalmente e para a nosso estudo o escolhido: “*The Rosebush (2008)*”, com 10.000,00 visualizações, em português o título significa “a roseira” e podemos ter acesso da tradução escrita na língua inglesa pela tradutora Karen Christie:

Quadro 2 - A obra em inglês e português

Inglês (Traduzido por Karen Christie)	Português (Traduzido po Mariane Linhares)
In the beginning Were dark heavens Until the skies were touched with light	No início Eram céus escuros Até os céus serem tocados pela luz
In the beginning Was the earth Evolving With living things	No início Foi a terra Evoluindo Com coisas vivas
In the beginning Was a seed Planted and fed	No início Era uma semente Plantado e alimentado

By sunlight and rain	Pela luz do sol e pela chuva
From the seed	Da semente
Young roots burrowed	Raízes jovens enterradas
Veins spreading entwining	Veias se espalhando entrelaçadas
And reaching upward	E alcançando para cima
Breaking above ground	Quebrando acima do solo
Each stem bud blossom	Cada broto de caule floresce
Mined the air	Minei o ar
One root stem	Um caule de raiz
Unleashed red roses	Rosas vermelhas liberadas
Red red red	Vermelho vermelho vermelho
Sister roots	Raízes irmãs
Grew buds opening yellow flowers	Cresceu botões abrindo flores amarelas
Yellow yellow yellow	Amarelo amarelo amarelo
Tunneling farther	Túnel mais longe
New branches held purple blossoms	Novos galhos continham flores roxas
Purple purple purple	Roxo roxo roxo
Their fragrant breaths	Seus hálitos perfumados
Swirled skyward	Rodado em direção ao céu
Feeding	Alimentando
The stars	As estrelas
And there uniting earth	E ali unindo a terra
And sky	E céu
Was the Rosebush	Foi a roseira
There came a time	Chegou um momento
When fawns and butterflies	Quando filhotes e borboletas
Savored her colors	Saboreei suas cores
With their delicate tongues	Com suas línguas delicadas
Until	Até
In an approaching thunder	Em um trovão que se aproxima
The arrival	A chegada
Of man	Do homem
Not pleasing to his eye	Não agrada aos seus olhos
The Rosebush stood	A roseira ficou
An aberration of color	Uma aberração de cor
An affront to clean greenery	Uma afronta à vegetação limpa
He tore at her flowers	Ele rasgou as flores dela
Wrenching up stems and branches	Arrancando caules e galhos
Drawing inward	Desenhando para dentro
	A roseira
	Aproveitou sua raiva

<p>The Rosebush Tapped into her rage To power the sharpness of thorns</p> <p>Man parried Fencing her in with iron Locking her away As he experimented with final solutions</p> <p>Still the mother root nurtured Long arms of new blossoms Stretching Beyond caged boundaries</p> <p>Once again their fragrant breaths Swirled skyward Feeding The stars</p> <p>There came a time When children Enfolded the roses Carrying them off as their own</p> <p>But soon learned In their small hands That the colors and smell they loved Could not be possessed</p> <p>Men refused the lesson Breaking in Cutting deeper Until she could only Whisper fragrance</p> <p>Today the Rosebush Bled of colors Still lives</p> <p>Underground The ancient root of all roots Crawls Reaching out</p> <p>Is she to be Abandoned Stifled Knowing the foul darkness Of sure extinction?</p>	<p>Para alimentar a nitidez dos espinhos</p> <p>Homem defendeu Cercando-a com ferro Trancando-a Enquanto ele experimentava soluções finais</p> <p>Ainda assim, a raiz mãe é nutrida Longos braços de novas flores Alongamento Além dos limites enjaulados</p> <p>Mais uma vez seus hálitos perfumados Rodado em direção ao céu Alimentando As estrelas</p> <p>Chegou um momento Quando as crianças Envolvei as rosas Carregando-os como se fossem seus</p> <p>Mas logo aprendi Em suas pequenas mãos Que as cores e o cheiro que eles amavam Não poderia estar possuído</p> <p>Homens recusaram a lição Arrombando Cortando mais fundo Até que ela só pudesse Fragrância sussurrante</p> <p>Hoje a Roseira Sangrado de cores Ainda vive</p> <p>Subterrâneo A antiga raiz de todas as raízes Rastreamentos Alcançando</p> <p>Ela será Abandonado Sufocado Conhecendo a escuridão imunda De extinção certa?</p>
--	---

Na obra poética podemos verificar que é um vídeo gravado em um possível estúdio de gravação, com o fundo plano da cor preta, com a poetisa sinalizando com a imagem neutra preta e branca com finalidade atingir um público de visuo-leitores.

Ian Sandorn, é surdo, norte-americano, ator, professor, produtor, contador de história em Língua de Sinais, integrou o National Theatre of the Deaf (NTD), é uma das companhias de teatro mais antiga nos Estados Unidos em Língua de Sinais.

Na poesia “*Caterpillar*” em português significa largata, observamos que está registrada em um canal do YouTube em uma conta do nome “sorenson” que é uma canal americano de comunicação com 11.300 inscritos. O seu vídeo foi publicado neste espaço no dia 11 de abril de 2017 com 97.468 visualizações e pela quantidade de público assistindo prova que é um poema reconhecido internacionalmente da Comunidade Surda.

Para conhecermos um pouco da obra, percebemos que possivelmente foi gravado com uma câmera profissional pela qualidade da imagem e seus efeitos como fundo claro e levemente embaçado com desenho de uma borboleta sem detalhes com as cores: azul, amarelo, branco e Ian destacando com roupa preta. Não foi possível encontrar tradução em escrita, somente a obra autoral original em Língua de Sinais.

No final da pesquisa, com o objetivo de aprimorar a aquisição e o aprofundamento dos estudos sobre elementos estéticos da literatura em Língua de Sinais, foi acrescentada uma terceira obra: *A Creative Storytelling Without Words* de Douglas Ridloff. Foi publicado no dia 24 de outubro de 2017 que conta com 26.117 visualizações no canal *NBC NEWS* que propaga notícias globais.

4.8 Procedimentos

Como procedimentos de construção de dados, utilizamos a entrevista semiestruturada para compreender alguns termos e situações existentes, como também para o aprofundamento de alguns aspectos. Segundo Haguette (1997, p. 86), a entrevista “é um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado”. No anexo é possível encontrar a entrevista semiestruturada.

Quanto ao passo a passo da pesquisa, inicialmente, os integrantes da pesquisa tomaram conhecimento da proposta do estudo e se comprometeram a colaborar com o estudo, tendo o

direito de desistir a qualquer momento sem prejuízos pessoais. A pesquisa foi realizada em cinco etapas:

- a) O **primeiro** momento para um encontro selecionar os dez sujeitos volutários com interesse de colaborar com o estudo;
- b) A **segunda** etapa aconteceu após esta seleção dos participantes, quando a pesquisadora deste estudo apresentou, presencialmente na UFRN, dois vídeos com poesia em ASL com uma duração entre um até quatro minutos por ser um momento que eles precisam aprender, segundo Sutton-Spence (2021) a observar, descrever e explicar para que possam identificar e compreender os elementos literários surdos por meio da poesia. Pois, segundo Mourão (2016), são “visualeitores” que é a expressão visual por sinalizantes que explora por meio da sua língua de sinais referindo a pessoas surdas. Como observar, descrever e explicar uma poesia na própria língua não é fácil, e se torna mais difícil quando é uma língua estrangeira, do caso deste trabalho será a Língua de Sinais Americana (ASL), que faz ter a necessidade de ver/ler o texto mais de uma vez para que chegue a sua conclusão/compreensão/percepção. No momento que cada participante expressou o que compreendeu na arte linguística através da estética da poesia, para riqueza, do resultado foi registrado por uma câmera de vídeo em sigilo em uma sala reservada na UFRN. Além disso, foram realizadas perguntas colaborativas (em anexo) para que a pesquisadora identifique os elementos da poesia detectados por eles;
- c) A **terceira** etapa, ao finalizar as gravações com as respostas dos participantes, aconteceu o momento de desenvolver a discussão dos resultados após assistir, observar, analisar e identificar os elementos da poesia que podem ser encontradas em três partes, nos estudos de Sutton-Spence (2021), entre elas são: performance, conteúdo e linguagem.
- d) A **quarta** parte da pesquisa, consistiu na realização de uma ação extensionista no formato de minicurso para fomentar nos participantes o conhecimento sobre a Linguagem Estética Literária em Língua de Sinais. Portanto, a ação consistiu na realização de um minicurso para os participantes desta pesquisa, intitulado: “A

Literatura em ASL: um estudo dos elementos estéticos da poesia”. O minicurso, com carga horária de 15 horas, foi composto por atividades síncronas e assíncronas. Os dois encontros síncronos ocorreram pela ferramenta Google Meet, nos dias 23 e 24 de abril de 2025. Tendo como objetivos:

1- Geral: Contribuir para a multiplicação do conhecimento sobre a linguagem estética literária em Língua de Sinais.

2- Específicos: Apresentar o estudo teórico da Literatura em Língua de Sinais; Descrever os elementos estéticos da poesia; Praticar os estudos literários da poesia em ASL.

Como atividade de conclusão do minicurso, os participantes tiveram do dia 25 de abril a 25 de maio para responder às perguntas da segunda entrevista, que desta vez foi realizada, virtualmente, com vídeos gravados em Libras e enviados para um AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem), a plataforma Moodle PEX, utilizada para a oferta de cursos de extensão pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Nela, as gravações dos dois encontros síncronos foram cadastradas para que os participantes pudessem assisti-las novamente. Além disso, eles tiveram acesso aos vídeos com as obras e com as perguntas da entrevista em Libras e em Português.

- e) A **quinta** e última etapa, consistiu na análise comparativa dos dados obtidos na primeira entrevista, realizada na etapa dois com esta última entrevista realizada na etapa quatro, a fim de acompanhar a evolução do aprendizado sobre a temática e verificar se os objetivos foram alcançados.

Para que assim, como resultado, possamos entender melhor o processo de assimilação e percepção da construção estética literária surda nas poesias em outra língua de sinais por parte de visuais universitários brasileiros, mais especificamente, surdos universitários nordestinos.

5. DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Este capítulo é o espaço para a leitura dos resultados das análises que foram a base do estudo, inicialmente, por meio de uma entrevista semi-estruturada com os alunos surdos universitários brasileiros, e pela apresentação de duas obras poéticas em ASL.

Figura 18 - Apresentação da obra e entrevista



Fonte: Elaborado pela autora.

5.1 Análise das obras: *The Rosebush* e *Caterpillar*

Foi possível perceber que, apesar do baixo nível linguístico em Língua Americana de Sinais — ASL (*American Sign Language*) por parte dos alunos surdos participantes da pesquisa, eles puderam compreender o que estava sendo posto e colocado como mensagem principal da poesia apresentada.

Após assistirem às poesias: *The Rosebush* e *Caterpillar*, afirmaram conhecê-las por já terem assistido a elas na universidade e também entre os colegas fora do ambiente universitário. A primeira pergunta feita aos participantes surdos foi: “***O que você entendeu?***”, com a finalidade de compreender o **conteúdo** da poesia sem aprofundar e tocar na parte teórica do estudo da Literatura Surda. O estudante Dsetfe:

The Rosebush: Há flores com significado metafórico que são crianças com

suas culturas e diferenças como surdo, surdo-cego e outras deficiências. E a sociedade fica excluída por causa da Libras e sofrendo ouvintismo. A semente representa uma conquista da comunidade surda como a Libras, mas a sociedade não aceita a nossa evolução e firmeza.

Caterpillar: *Uma lagarta que é um animal que estava procurando um lugar para dormir. A lagarta com esforço encontrou uma árvore que se sentisse confortável para continuar o seu processo de metamorfose para transformar numa borboleta. Que esse processo significou a paz. (tradução nossa, 2024)*

Dessa forma, estes estudantes compreenderam o conteúdo da poesia em ASL sem ter conhecimento profundo da língua de sinais de outro país, usando a experiência e raciocínio visual da sua própria língua de sinais, cultura e comunidade para que chegassem à conclusão do que a poesia representou, mesmo com suas individualidades e interpretações dentro do mundo da Literatura Surda Mundial. Quanto a isto Sutton-Spence (2021, p.48) esclarece:

A comunicação baseada na visão usa a experiência visual e as características visuais dos referentes sempre que possível, enquanto a comunicação baseada no som usa qualquer som relacionado aos referentes. A maioria das pessoas, surdas ou ouvintes, pode ver as coisas no mundo. Os referentes têm forma, tamanho e outras qualidades, bem como uma localização no espaço em que podem se movimentar. Os referentes são todos visíveis, mas poucos deles produzem som. As línguas de sinais são baseadas no raciocínio visual em todos os níveis porque são produzidas por um meio visual.

O exemplo de outro participante Keo: *“The Rosebush: Árvores ao vento que floresceu”*. E, *“Caterpillar: Uma lagarta que passa pelo processo de metamorfose. Ela sobe a árvore, cria seu casulo, começa a soltar até alcançar o seu voo de forma de borboleta.”* (tradução nossa, 2024). Diante dessas análises, podemos comprovar por meio das falas que o conteúdo foi possível de ser compreendido em uma poesia em língua diferenciada e da mesma modalidade.

No segundo questionamento: ***“Você não sabe ASL, correto? Então, como você compreendeu as duas poesias, o que você acha que contribuiu para sua compreensão?”*** com a necessidade de entender o nível linguístico, qual abordagem de entendimento e elemento estético. Como foi apresentado na tabela que a maioria não domina a ASL e é uma língua acessível para os estudantes surdos no Brasil através da Literatura Surda, cursos em instituições ou contato por meio de docentes e colegas da área que traz curiosidade e entendimento de forma compreensível mesmo sem fluência. Como resposta vimos que o que mais contribuiu para a leitura sinalizada da poesia foram dois elementos estéticos: classificadores e expressões não manuais. Como também a performance do artista que utilizou de forma clara e estética.

Na terceira questão: ***“Que parte (s) você achou mais bonita e por quê?”*** (analisar os

elementos estéticos). É possível perceber que as principais marcas apontadas pelos participantes quanto elementos estéticos, o que também, possivelmente, auxiliou na compreensão da maioria deles foram: incorporação, movimento, espaço, expressão não manual e o uso de classificadores, esses dois últimos sendo primordial.

Figura 19 - *The Rosebush* da Ella Mae Lentz



Fonte: Canal de *George Veditz* site¹⁶

Figura 20 – transformação da largada



¹⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=W9biUSEHRlo>

Fonte: Canal de *Sorenson*¹⁷

Na última indagação: “*A sinalização de qual poeta você gostou mais e por quê?*” (para analisar a performance). Para tanto, gostaria de apontar aqui alguns dos trechos que apareceram e se destacaram a partir do momento em que os alunos elencaram esses como trechos os quais mais gostaram (a performance), escolhi alguns recortes que se repetiram mais de uma vez na opinião dos participantes do estudo, em conjunto a isso, trago também a tradução para melhor compreensão desses trechos.

Acerca de *Caterpillar* do Ian Sanborn, alguns trechos se destacaram e serão apresentados na sequência em que surgiram ao longo do vídeo. Em um primeiro tempo, um dos trechos mais citados se referiu ao *timecode* de início no 0:44 estendendo-se até o 0:48, onde acontece a jornada da escalada da lagarta na árvore, antes de adentrar em um casulo e passar por sua metamorfose

Figura 21 – Lagarta subindo a árvore.



Fonte: Canal de *Sorenson*

Os outros dois trechos ilustrados a seguir dizem respeito ao *timecode* de 2:32 até 2:48, recorte recorrentemente citado e referenciado por parte dos participantes, nesse momento acontece a passagem e a transformação da lagarta em borboleta. A sinalização preserva algumas características físicas da lagarta, sendo acrescida de asas, e a performance demonstra o

¹⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=4PeYpRbg18Y>

momento de aprendizado da borboleta em seu primeiro voo.

Figura 22 – O voo



Fonte: Canal de *Sorenson*

No recorte a seguir, ainda dentro do mesmo tempo demarcado acerca da ilustração anterior, após a borboleta alçar voo, é possível notar a transformação na sinalização do *performer*, a sinalização deixa de envolver o corpo inteiro do sinalizante e se localiza nas mãos, de modo a representar acrescido das expressões não-manuais a contemplação do voo da borboleta que a cada segundo se distancia e decresce de tamanho.

Figura 23 - representando o voo da borboleta



Fonte: Canal de *Sorenson*

Sobre *The Rosebush* da Ella Mae Lentz, alguns destaques das falas dos participantes, quanto trechos preferidos e mais escolhidos, se deram entre o *timecode* de 0:44 a 0:54 bem como no *timecode* de 1:10 a 1:22. Alguns recortes foram possíveis de serem extraídos do vídeo, acompanhado também de uma tradução em língua inglesa por Karen Christie (2015)¹⁸.

A seguir, será possível apresentar algumas ilustrações que recortam a poesia, seguida também da tradução de ASL para língua inglesa, em nota de rodapé haverá uma tradução nossa para a língua portuguesa, com o intuito de melhor demonstrar os significados do trechos destacados pelos participantes e demonstrar o que estava sendo dito e transmitido nos recortes que tiveram maior incidência nas falas dos participantes.

¹⁸ Disponível em: <http://www.thevoicesproject.org/poetry-library/the-rosebush-by-ella-mae-lentz> <Acesso em 7 de maio de 2024>.

Figura 24 -*The Rosebush* da Ella Mae Lentz



Fonte: Canal de *George Veditz* site

Nesse recorte especificamente o trecho relata sobre a presença dos brotos e do seu processo de florescimento, que após ocorrido, apresentará de qual cor será aquela rosa presente na roseira. É um trecho que se repete, modificando somente as cores, o que obteve destaque foi o da cor vermelha (do momento do vídeo foi recortado e colocado em imagem). Entretanto as flores que se apresentam posteriormente variam de cor entre amarelo e roxo, provocando assim uma alteração somente no sinal das cores, mas a execução do restante do texto permanece a mesma. O que pôde ter sido transposto também na tradução em língua inglesa, vejamos:

*One root stem
Unleashed red roses
Red red red¹⁹*

*Sister roots
Grew buds opening yellow flowers
Yellow yellow yellow²⁰*

*Tunneling farther
New branches held purple blossoms
Purple purple purple²¹*

Em seguida, um outro trecho destacado pelos participantes com frequência se deu entre

¹⁹ Em um caule / Brotaram pétalas vermelhas / Vermelho vermelho vermelho.

²⁰ Raízes irmãs / Deram botões onde brotaram flores amarelas / Yellow yellow yellow.

²¹ Num caule mais longo / Novos galhos continham flores roxas / Roxo roxo roxo.
(tradução nossa)

a marcação do *timecode* entre 1:10 a 1:22, os recortes a seguir dizem respeito aos tempos de 1:12 e 1:17. A construção da imagem se dá a partir de configurações de mãos a formar as pétalas das rosas, assim como o perfume exalado por ela, que a partir do movimento das mãos significa o alcance ou uma ponte entre a terra e o céu, como aponta a tradutora, vejamos a seguir os recortes.

Figura 25 - pétalas de rosas vídeo *The Rosebush* da Ella Mae Lentz



Fonte: Canal de George Veditz site

*Their fragrant breaths
Swirled skyward
Feeding
The stars²²*

*And there uniting earth
And sky
Was the Rosebush²³*

Nesse momento é possível analisar ao longo do vídeo os movimentos que fazem a união entre o céu e a terra, do espaço neutro até acima do topo da cabeça, ou seja, fazendo o uso do espaço, bem como a presença de expressões não-manuais e classificadores, o que corrobora com a percepção e compreensão dos participantes ao elencar esses aspectos no que tange a discussão e compreensão desse poema sinalizado. Isto ocorre por ser a literatura sinalizada uma forma de arte de uma língua viisual, como afirma Sutton- Spence (2021, p.55-56):

²² Seus hálitos perfumados / Giravam em direção ao céu / Alimentando as estrelas.

²³ Unindo a terra / E o céu / Estava a roseira.
(tradução nossa)

A experiência corporal das pessoas surdas é, na maioria, de visão e de tato ao invés de som, e a linguagem estética da literatura destaca isso. [...] A linguagem estética apela aos sentidos e por meio dela o artista surdo busca criar uma experiência para o seu público, em vez de apenas afirmar algo ou dar uma informação. [...] Os elementos na literatura sinalizada chamam atenção ao “visual” com movimento no espaço e por isso são diferentes dos elementos literários na literatura escrita, especialmente na literatura escrita das línguas orais.

Após esta primeira etapa da pesquisa, verificamos que embora os alunos surdos do curso de Letras/Libras, futuros professores de Libras e Literatura Surda, tenham conseguido compreender de certa forma a construção da significação (o conteúdo) das obras, eles não conseguiram com segurança nomear e identificar os elementos estéticos literários que contribuíram para sua compreensão.

Com base nisto, passamos para etapa da intervenção pedagógica desta pesquisa, a ministração de um minicurso para os participantes desta pesquisa.

5.2 – Promovendo o conhecimento sobre a Linguagem Estética Literária em Língua de Sinais

Nesta parte do texto apresentamos o relato da intervenção pedagógica desta pesquisa, que aconteceu por meio de uma ação extensionista organizada pela pesquisadora deste estudo em parceria com sua orientadora. Isto foi necessário devido ao contexto histórico do contato literário das pessoas surdas:

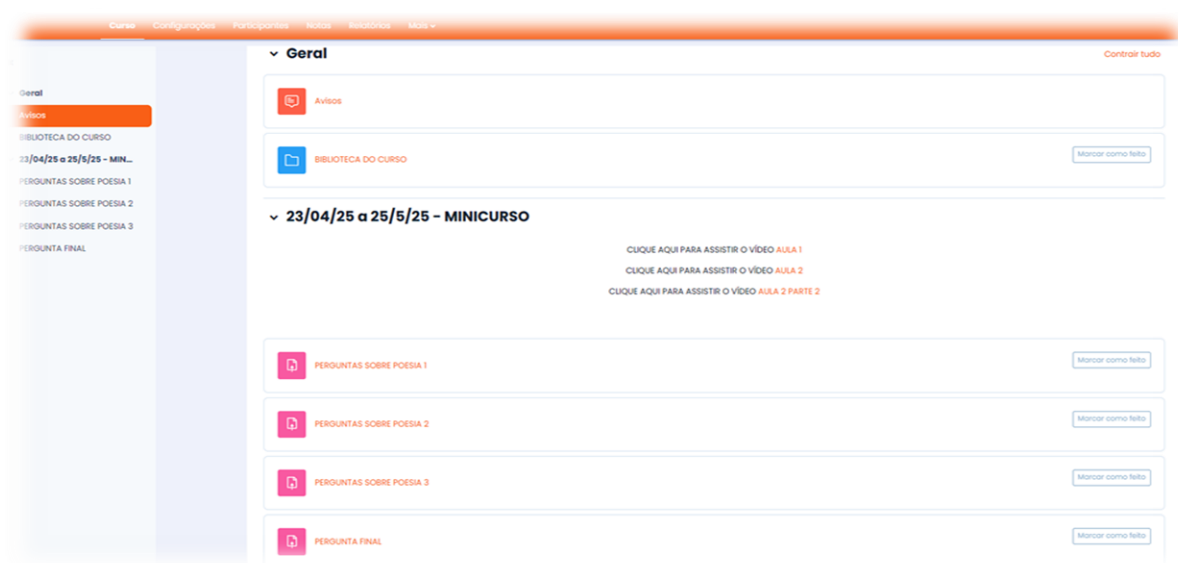
O ensino e a aprendizagem da literatura em Libras são fundamentais tanto para alunos surdos quanto para adultos surdos, sobretudo porque muitos destes não estudaram sobre literatura em Libras quando eram crianças. Além disso, podemos ensinar esse conteúdo também para os ouvintes aprendizes de Libras como L2. Em relação a sua distribuição e seu status, a literatura em Libras é uma forma de arte ainda precária. Com pouquíssimas exceções, ainda não é amplamente ensinada nas escolas e raramente no ensino superior. Costumava ser compartilhada informalmente por meio de reuniões de surdos em escolas e nas associações de surdos. Porém, ambas as instituições estão ameaçadas, algumas encontram-se até mesmo em ponto de extinção. (Sutton-Spence, 2021, p. 238)

Portanto, a ação consistiu na realização de um minicurso para os participantes desta pesquisa, intitulado *A Literatura em ASL: um estudo dos elementos estéticos da poesia*. O minicurso, com carga horária de 15 horas, foi composto por atividades síncronas e assíncronas. Os dois encontros síncronos ocorreram pela ferramenta Google Meet, nos dias 23 e 24 de abril de 2025. Os participantes tiveram do dia 25 de abril a 25 de maio para responder às perguntas da segunda entrevista, que desta vez foi realizada, virtualmente, com vídeos gravados em Libras

e enviados para um AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem).

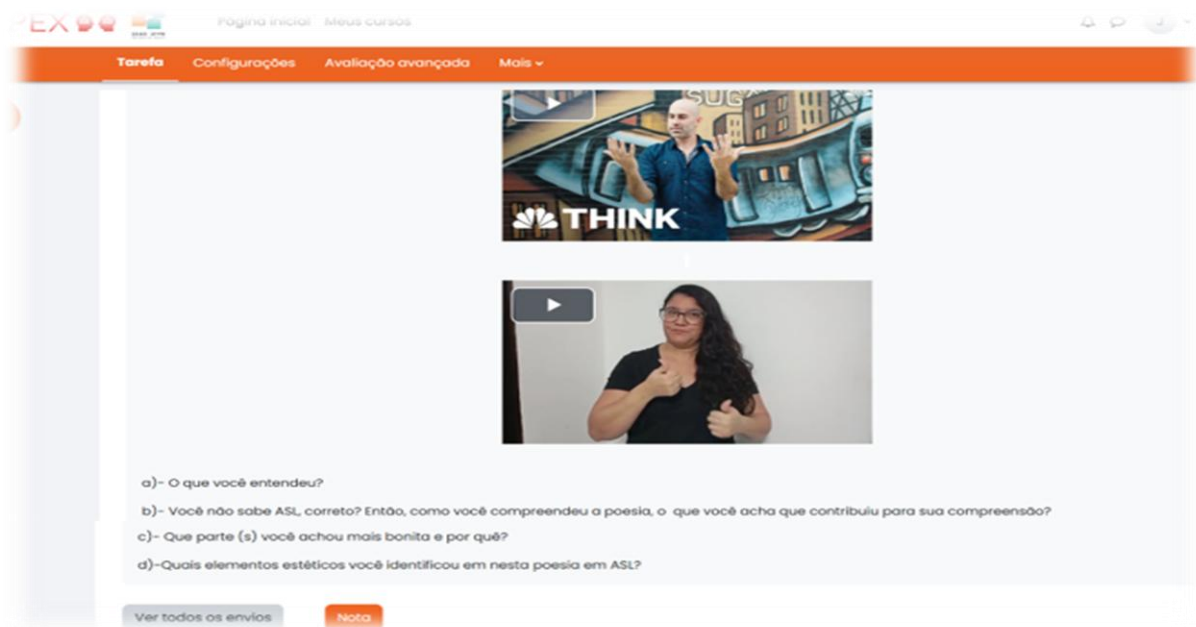
Neste trecho, apresento a vocês o sistema que utilizamos para que os participantes surdos tivessem acesso ao conteúdo do minicurso gravado, bem como à atividade, que consistia em responder às perguntas da segunda entrevista. A plataforma Moodle PEX, utilizada para a oferta de cursos de extensão pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), foi a escolhida. Nela, as gravações dos dois encontros síncronos foram cadastradas para que os participantes pudessem assisti-las novamente. Além disso, eles tiveram acesso aos vídeos com as obras e com as perguntas da entrevista em Libras e em Português, como podemos ver nas imagens a seguir.

Figura 26 - Ambiente Virtual de Aprendizagem do minicurso



Fonte: <https://pex.sead.ufpb.br/>

Figura 27 - Perguntas em Libras sobre a poesia 3



Fonte: <https://pex.sead.ufpb.br/>

Os participantes, além de terem acesso às perguntas em Libras, também responderam em Libras, registraram em vídeo e as enviaram para a plataforma como atividade. Esse sistema foi escolhido por ser de fácil acesso e por ter poucas informações, que são claras e objetivas para os participantes surdos. Para a pesquisadora, o sistema oferece segurança, pois os dados não são vazados e não há perda de arquivos, já que é exclusivo da UFPB. Para os participantes, há a oportunidade de receberem o certificado do minicurso, emitido pela instituição.

Nas aulas, fundamentadas em Sutton-Spence (2021), pontuamos o conceito, as características e os critérios da Literatura Surda, Literatura em Libras e Literatura em Língua de Sinais, além dos gêneros em Libras. Por fim, ministramos o conteúdo mais importante, por ser o nosso foco: os elementos estéticos literários em língua de sinais, com vários exemplos para reforçar a aprendizagem.

Figura 28 – primeira aula do minicurso

Fonte: Elaborado pela autora

Os participantes Surdos chegaram ao minicurso carregando boas expectativas. Para eles, aquele era um momento especial da vida acadêmica: a oportunidade de aprender diretamente com uma das referências nos estudos da Literatura Surda, a Professora Doutora Janaina Aguiar Peixoto. Mais do que uma simples atividade, o encontro representava uma chance marcante de aprofundar conhecimentos e de estabelecer contato com pesquisadores da área.

Figura 29 – Elementos estéticos literários em Língua de Sinais

Fonte: Elaborado pela autora

O minicurso aconteceu no dia 23 de setembro de 2024 e foi conduzido pela professora Janaina Peixoto. Entre os presentes estavam as participantes Maria, Aurora, Nina, Bela e Dsetfe,

além da pesquisadora Mariane Linhares. O encontro teve início com uma introdução dedicada a três temas centrais: Literatura em Libras, Literatura Surda e Literatura em Línguas de Sinais.

Logo no começo, a professora destacou que a **Literatura em Libras** corresponde a produções sinalizadas e originárias do Brasil, diferenciando-se da literatura escrita em língua portuguesa. Para ilustrar essa diferença, foram apresentados os livros *O Patinho Surdo* e *Chapeuzinho Surda (Chapeuzinho Azul)*, que contam com versões tanto em português quanto em escrita de sinais (SignWriting). Nesses casos, quando há a presença da escrita de sinais, a obra é classificada como Literatura em Libras. Entretanto, quando existe apenas a versão em português — como acontece com *O Patinho Surdo* — ela passa a ser considerada **Literatura Surda**.

A **Literatura Surda**, em geral, é feita para a comunidade surda e pode ser escrita ou sinalizada. Ela pode ser escrita em língua oral na modalidade escrita ou em língua de sinais. Já a **Literatura em Libras** é específica do Brasil e costuma ser apresentada em vídeos ou na escrita de sinais. Por outro lado, a Literatura Surda pode abordar diversas formas de expressão, sempre focadas, de alguma forma, na comunidade surda. No caso do objeto de estudo desta pesquisa de doutorado as análises realizadas foram em obras da **Literatura em Língua de Sinais**.

Literatura em qualquer língua de sinais é criada em uma língua de modalidade gestual-visual-espacial. “Literatura em língua de sinais” traz uma perspectiva diferente para essa forma de “literatura surda”, em que o foco está na língua. O conceito de “língua de sinais” inclui todas as línguas de sinais mundiais em comparação ao conceito de “língua oral”, que engloba todas as línguas de modalidade oral-auditiva, portanto as línguas orais. Essa literatura é caracterizada por ser produzida em uma língua de sinais, como literatura em ASL (americana), literatura em BSL (britânica), em DGS (alemã) e em Libras (brasileira). Literatura em Libras, então, é um tipo de literatura em língua de sinais, que faz parte da literatura surda brasileira (Sutton-Spence, 2021, p. 41).

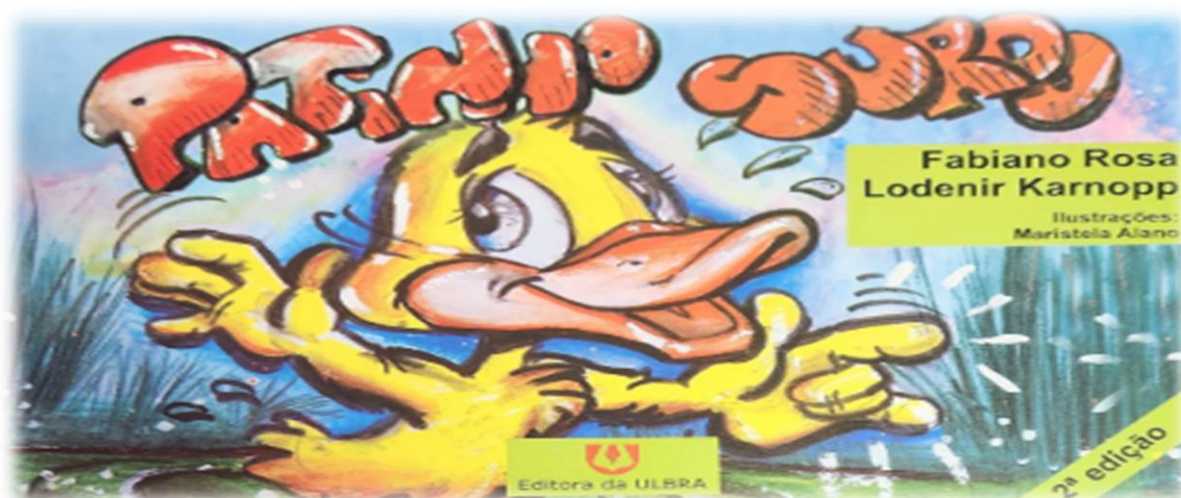
Na sequência, a aula avançou para uma discussão mais aprofundada sobre os critérios que definem a Literatura Surda. Para instigar a autorreflexão dos participantes, lançamos uma pergunta: *quais seriam, afinal, os critérios necessários para classificar uma obra como literatura surda?*

Explicamos que, segundo Sutton-Spence (2021) existem quatro principais critérios, embora não seja obrigatório que todos estejam presentes ao mesmo tempo. Uma obra pode atender a apenas um deles e, ainda assim, ser considerada literatura surda. O primeiro critério é a **autoria surda**: a obra deve ser escrita ou sinalizada por uma pessoa surda. O segundo é a **temática**, que envolve a experiência de ser surdo, a língua de sinais ou a subjetividade surda.

O terceiro refere-se ao **público-alvo**, pois a obra deve ser destinada à comunidade surda, favorecendo a identificação e o pertencimento. Por fim, o quarto critério é a **apresentação em Libras**, garantindo que o conteúdo seja expresso na Língua Brasileira de Sinais.

Em seguida, passamos a aplicar os critérios a uma obra selecionada: *O Patinho Surdo*. Observamos que ela se enquadra no critério da **temática**, por retratar aspectos ligados à experiência e à cultura surda. Além disso, também atende ao critério do **público-alvo**, já que foi pensada para leitores surdos. Dessa forma, a obra pode ser reconhecida como parte da Literatura Surda.

Figura 30 – Livro *Patinho Surdo*.



Fonte: imagem retirada da internet

Durante a aula, destacamos que os gêneros literários são múltiplos e refletem a diversidade das comunidades e culturas. Cada um possui critérios próprios e formas distintas de classificação, permitindo compreender a literatura de diferentes maneiras. Longe de ser algo rígido ou exclusivamente formal, a literatura é capaz de despertar emoções variadas, como lágrimas, risos e humor.

Nesse contexto, mencionamos a poesia de **Shirley Vilhalva**, uma autora surda que, por escolha própria, escreve poesia em língua portuguesa — decisão que pode ser entendida como resultado das influências culturais e comunitárias em sua trajetória. Para os estudantes surdos universitários, conhecer essa produção foi uma surpresa, já que muitos nunca haviam tido contato com obras escritas por autores surdos no gênero poético.

Os gêneros literários possuem subdivisões, o que significa que podem ter características em comum, mas também apresentar diferenças. Por exemplo: **poesia** é muito diferente de uma

piada; **fábula** é distinta de uma narrativa; **narrativas** e outros gêneros literários são considerados formas de arte produzidas por diferentes comunidades.

Em relação aos gêneros que conhecemos, existem aqueles mais antigos e outros mais recentes. Por exemplo, temos três gêneros principais: **lírico, dramático e narrativo**. Muitas pessoas pensam que o gênero dramático está relacionado apenas ao drama, mas, na realidade, a comédia também faz parte desse gênero.

Explicamos ancorados teoricamente em Sutton-Spence (2021) que os gêneros literários em Libras podem ser classificados de diferentes maneiras. Quando observamos a **forma**, encontramos, por exemplo, a **poesia**, que se desdobra em várias modalidades: poema de homenagem, poema maluco, haikai, lírico, narrativo, renga, slam, cordel e canções. Além dela, também se destacam o **Visual Vernacular (VV)**, com seu estilo expressivo e cinematográfico, e as **histórias delimitadas**, criadas a partir de restrições específicas, como o uso do alfabeto ou de números.

Outra forma de classificação é pelo **conteúdo** e pelo **público-alvo**, abrangendo desde produções para crianças até obras voltadas a grupos específicos. Por fim, há a divisão entre **ficção** — quando a obra não representa fatos — e **não ficção**, que inclui autobiografias, relatos e textos religiosos (Sutton-Spence, 2021).

A parte introdutória foi relevante para que os universitários surdos compreendessem todo o contexto da literatura antes de entrar na linguagem estética, que é o foco do estudo.

Iniciamos a reflexão a partir da palavra “**estética**”. Geralmente, ela é associada à beleza, à maquiagem, à aparência física ou até mesmo à ideia de corrigir o corpo. Contudo, seu sentido é mais amplo: a estética diz respeito a tudo aquilo que chama a atenção e desperta sensibilidade. No campo da literatura surda, esse conceito mantém a mesma essência, pois o conteúdo artístico pode carregar metáforas, símbolos ou significados profundos, assim como acontece na arte visual e na literatura em geral.

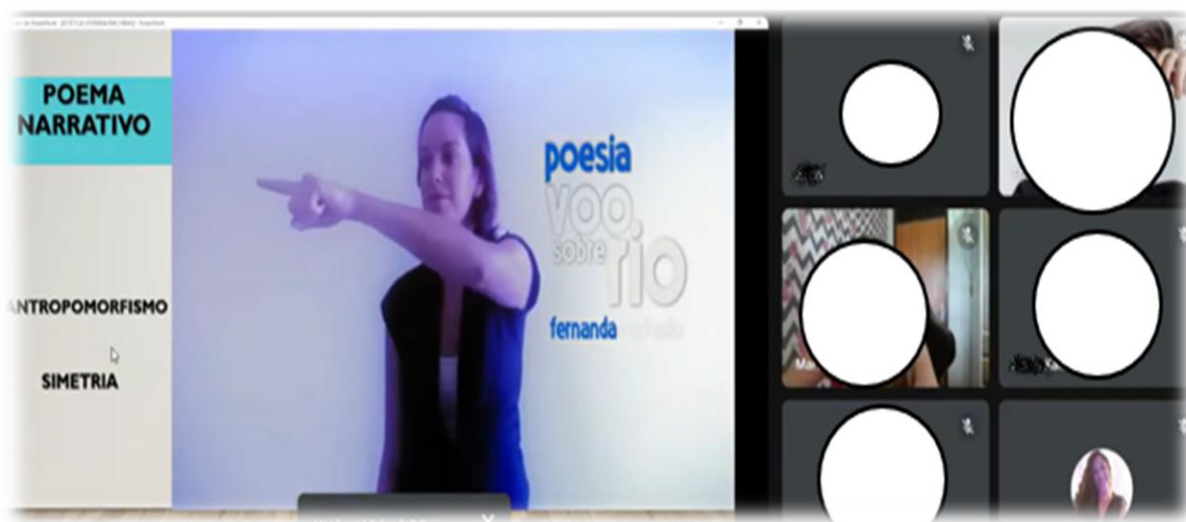
As respostas surgiram de forma avulsa, mas logo ficou evidente que o **classificador** era o mais lembrado e conhecido pelo grupo. A partir de sugestões e provocações, outros elementos, fundamentados em Sutton-Spence (2021), começaram a ser citados e reconhecidos, como: **espaço, expressão não manual, configuração de mão, velocidade, morfismo, incorporação, antropomorfismo, simetria e assimetria, além das perspectivas múltiplas**.

Notou-se que os últimos elementos mencionados eram pouco familiares para a maioria, o que ficou evidente pelas expressões de dúvida em seus rostos. No entanto, à medida que cada conceito foi explicado, os participantes conseguiram compreendê-los, entendendo também que uma obra não precisa reunir todos esses elementos ao mesmo tempo para ser considerada estética.

Ao avançarmos no estudo dos conceitos da linguagem estética, escolhemos analisar a primeira obra: *Voo sobre o Rio* (2014), da autora surda **Fernanda Machado**. O poema apresenta a chegada de um pássaro que sobrevoa a cidade do Rio de Janeiro, um cenário de beleza singular marcado por ícones como o Cristo Redentor e o Morro do Corcovado. Durante o voo, o pássaro decide pousar e encontra outro. Juntos, compartilham pequenos momentos de intimidade: fazem carinho, alimentam-se, conversam, trocam beijos e permanecem próximos até que chega a hora da despedida. Então, eles retomam o voo pela cidade, deixando em cena a leveza e a poesia de sua trajetória.

Os participantes, ao assistirem à obra, reconheceram o valor literário presente na narrativa, confirmando que pessoas surdas também são leitoras de literatura surda. No entanto, relataram dificuldades em realizar uma análise mais aprofundada em termos acadêmicos, devido à falta de acesso prévio a esse tipo de formação no contexto educacional.

Figura 31 – Poesia de Fernanda Machado



Fonte: Canal de *isurdo*²⁴

Os participantes observaram as poesias com o objetivo de identificar os elementos estéticos e, pouco a pouco, compreender o significado de cada um deles. A atividade favoreceu

²⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=YaAy0cbjU8o>

a interação entre o grupo e os palestrantes, criando um espaço de troca de percepções. Durante o exercício, perceberam a presença de elementos que até então lhes eram desconhecidos, como as **múltiplas perspectivas**, o **morfismo** e o **antropomorfismo**, recursos pouco comuns em situações cotidianas ou informais. Em contrapartida, reconheceram com mais facilidade aqueles que já lhes eram familiares, como o **movimento**, a **velocidade**, a **incorporação**, as **expressões não manuais** e os **classificadores**.

Outro exemplo analisado foi a obra *Mãos do Mar* (2012), do poeta surdo **Alan Henry**. Trata-se de um poema lírico, pois revela sentimentos e pensamentos íntimos do próprio autor. Na performance, Alan recorre a elementos da natureza para dar forma a experiências de sofrimento, tensão, perseguição, opressão, mas também de luta, resiliência, resistência e libertação diante da proibição da Língua de Sinais.

Após a exibição, perguntamos aos participantes quais elementos estéticos mais chamaram sua atenção. A resposta inicial foi a **simetria**. Embora não estivesse incorreta, ao reverem a obra perceberam que o aspecto mais marcante era, na verdade, o uso da **mesma configuração de mão**, recurso bastante visível, aliado ao **morfismo**, que aparecia de forma mais discreta em função do conteúdo. O poeta foi estratégico ao combinar configuração de mão e morfismo de maneira lenta e sutil, em sincronia com a imagem de fundo, criando um processo de transformação que, à primeira vista, podia passar despercebido.

Figura 32- *Mãos do mar*



Fonte: Canal do autor Alan Henry²⁵

Na obra *Como Veio a Alimentação* (2011), a poeta surda **Fernanda Machado** apresenta, por meio da poesia, as diferenças sociais em torno da alimentação. Enquanto o pobre, ligado ao

²⁵ https://www.youtube.com/watch?v=K399DQf9XRI&list=RDK399DQf9XRI&start_radio=1

contexto rural, precisa trabalhar a terra para plantar e garantir o sustento, o rico, associado ao ambiente urbano, já encontra o alimento pronto para o consumo.

Durante a exibição, os participantes foram convidados a identificar o máximo possível de elementos estéticos presentes na obra. Na análise, observaram o uso da **incorporação humana** combinada com **classificadores**, representando, de um lado, a riqueza (à direita) e, do outro, a pobreza (à esquerda), o que cria um contraste visual marcante. Além disso, reconheceram a presença de **expressões não manuais**, do **espaço metafórico** e da **assimetria**, que reforçaram o impacto poético da narrativa.

Figura 33 - Como veio a alimentação



Fonte: Canal no youtube da autora Fernanda Machado

Dando continuidade ao estudo, analisamos a obra *As Brasileiras* (2018), de **Klicia Campos** e **Anna Luiza**. Na interpretação dos participantes, a poesia apresentava as diferenças entre duas regiões do Brasil: Nordeste e Sul. Foram destacadas questões ligadas à classe social, ao tipo de moradia, ao acesso à tecnologia, ao clima e, sobretudo, à escassez de água no Nordeste, evidenciando a diversidade presente em um mesmo país.

Na análise estética, os participantes identificaram elementos como **simetria**, **incorporação humana**, **expressões não manuais** e **classificadores**. Aproveitamos para complementar que o elemento principal da obra é o **espaço topográfico**, em conjunto com a **assimetria**, já que ambos permitem representar visualmente aspectos regionais específicos — como os diferentes tipos de moradia e as estruturas urbanas. Esse recurso se relaciona diretamente à geografia e reforça as particularidades de cada região retratada.

Figura 34- As brasileiras



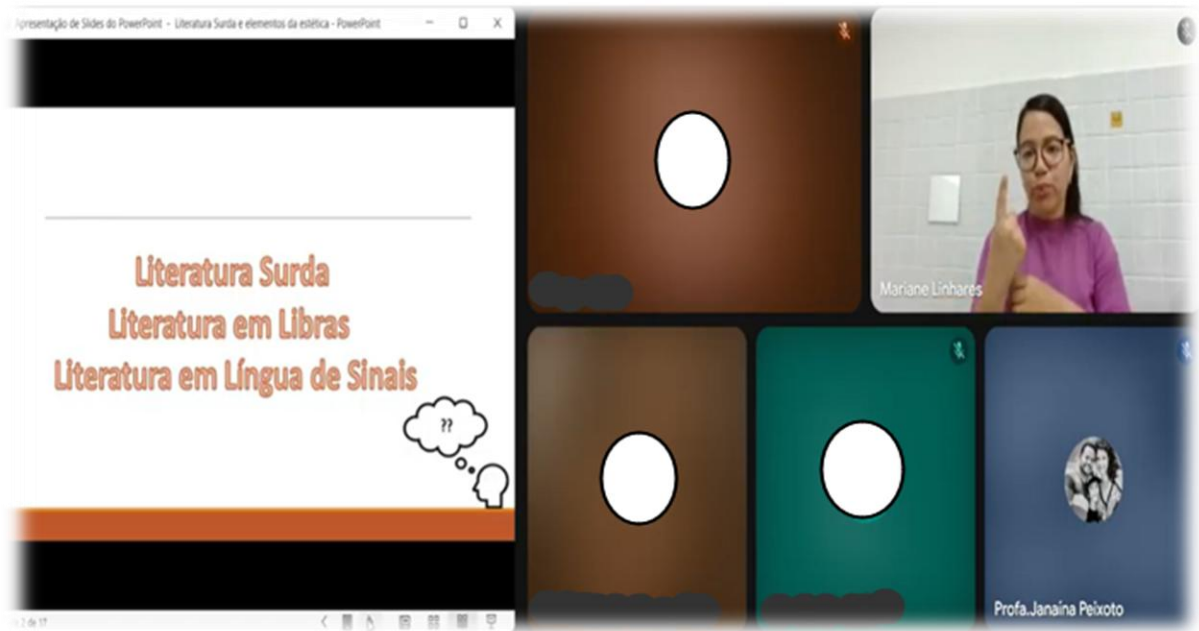
Fonte: site librando UFSC²⁶

Para encerrar o minicurso, apresentamos aos participantes algumas obras mais curtas, explorando gêneros como o **Visual Vernacular**, o **renga** e o **haikai**. O objetivo foi mostrar que, independentemente do formato ou da extensão, toda produção inserida no contexto da **Literatura em Libras** — ou em qualquer outra Língua de Sinais — carrega em si os **elementos estéticos**. Esses elementos podem variar em intensidade, forma e presença, mas estão sempre ali, compondo a riqueza e a singularidade da experiência literária.

A segunda etapa do minicurso aconteceu no dia 24 de setembro de 2024 e foi conduzida pela pesquisadora Mariane Linhares. Realizado de forma virtual, por meio do Google Meet, o encontro contou com a presença dos estudantes surdos universitários e da Professora Doutora Janaina Peixoto. Nesse encontro, o foco esteve voltado para as atividades práticas, momento em que os participantes puderam aplicar os conteúdos discutidos na aula teórica e, ao mesmo tempo, aprofundar seus conhecimentos sobre a linguagem estética da literatura surda.

²⁶ <https://librando.paginas.ufsc.br/2019/08/26/as-brasileiras/>

Figura 35 - Aula de Mariane Linhares



Fonte: elaborado pela autora

No início do minicurso, destaquei de forma objetiva três aspectos fundamentais do estudo literário: a Literatura Surda, a Literatura em Libras e a Literatura em Língua de Sinais. Para cada uma dessas categorias, apresentei os sinais específicos que as representam, ressaltando que uma mesma obra pode reunir uma ou mais dessas características, dependendo da perspectiva analítica adotada pelo leitor.

Como exemplo prático, escolhi a obra *O Curupira: The Boy with Backwards Feet*, tradução realizada por Fábio de Sá, que integra o repertório da literatura folclórica brasileira. Essa escolha possibilitou que os alunos refletissem sobre as particularidades da Literatura Surda, ao mesmo tempo em que analisavam seu conteúdo e sua linguagem estética. Para orientar essa reflexão, propus algumas perguntas norteadoras:

Quem é o autor? Fábio de Sá.

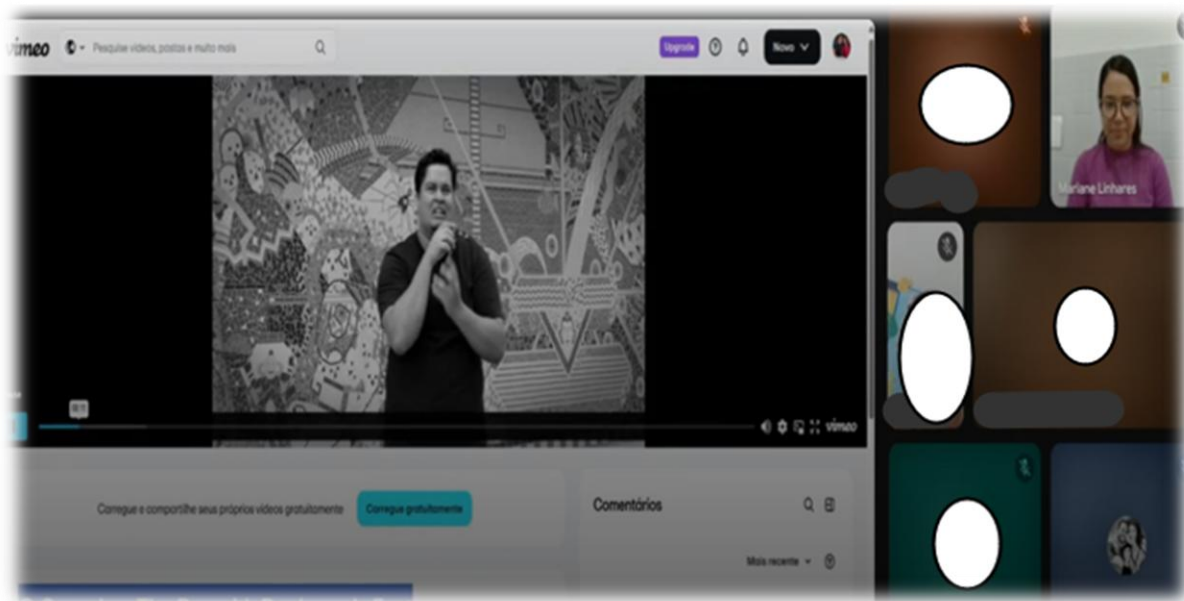
Ele é surdo ou ouvinte? Surdo.

Qual o idioma utilizado na obra? Língua Brasileira de Sinais (Libras).

A obra aborda temáticas relacionadas diretamente à comunidade surda? Não.

Mas, afinal, para quem a obra foi pensada? Para os surdos.

Figura 36 – Narrativa de Sá



Fonte: <https://vimeo.com/292526263/912dd5f1b4>

A tradução feita por Fabio de Sá ofereceu aos leitores surdos a oportunidade de se aproximarem da literatura popular brasileira e, ao mesmo tempo, fortalecerem sua conexão com as manifestações culturais que compõem a identidade nacional. Embora a obra não trate diretamente de questões relacionadas à surdez, seu vínculo com a Literatura Surda se estabelece pelo fato de ter sido traduzida por um autor surdo. Além disso, a obra integra a Literatura em Libras, já que essa é a língua utilizada pelo narrador.

Uma análise distinta foi feita a partir da obra *The Golf Ball*, de Stefan Goldschmidt (2012). Produzida em Língua Americana de Sinais (ASL) e classificada no estilo **Visual Vernacular (VV)**, a narrativa assume um caráter cinematográfico, em que o artista “invade” a câmera e conduz o espectador por meio de uma linguagem corporal intensa e expressiva. Assim como na obra anterior, algumas questões norteadoras ajudam a guiar a reflexão: *Quem é o autor? Ele é surdo ou ouvinte? Qual o idioma utilizado na obra? O conteúdo aborda diretamente temáticas relacionadas à comunidade surda? E, por fim, para quem a obra foi pensada?*

Ao analisarem a obra, observaram que, embora a obra esteja apresentada em ASL e se insira no campo da Literatura em Língua de Sinais, sua narrativa retrata, de maneira clara, uma cena de uma partida de golfe. O autor recorre ao antropomorfismo para representar a bola de golfe, utilizando expressões não manuais e variações de velocidade a fim de transmitir a intensidade e o movimento que caracterizam o deslocamento do objeto.

Na atividade seguinte, foi apresentado o conto *A Pedra Rolante*. O enredo foi adaptado por Sandro Pereira, um autor surdo brasileiro que se inspira no poeta Ben Bahan, criador da obra *Ball Story*. A narrativa envolve oito personagens que se encantam por uma pedra cintilante, transformada por um cientista e que, em seguida, começa a rolar. Entre os personagens figuram a própria pedra, o cientista montado em um cavalo, um cachorro, uma mulher, um homem idoso, um pássaro, uma pessoa gorda e os surdos, todos em busca do destino enigmático desse objeto.

Um dos aspectos mais marcantes da produção é sua linguagem estética, especialmente, pelo uso dos classificadores criados para cada personagem em um único ponto de articulação, incluindo a representação dos surdos. Dessa forma, ainda que se trate de uma adaptação, a obra dialoga tanto com a Literatura Surda quanto com a Literatura em Libras, atendendo aos critérios de texto sinalizado e à temática surda.

Figura 37 – *A pedra rolante*



Fonte: Youtube²⁷

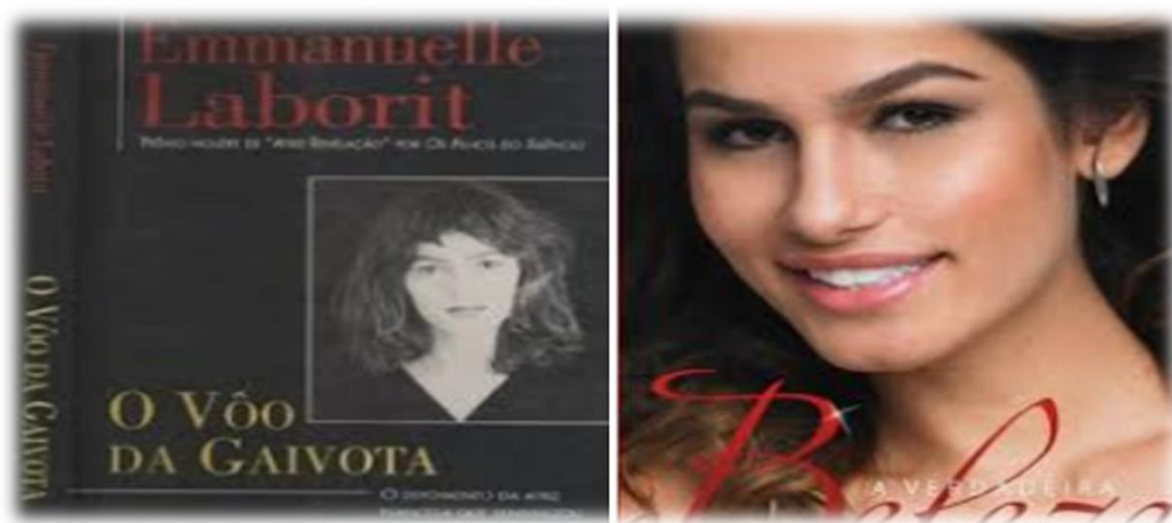
Ao final da atividade de poesia em Língua de Sinais, foram apresentadas algumas obras literárias amplamente reconhecidas pela comunidade surda. Entre elas, destacou-se a autobiografia *O Voo da Gaivota* (1994), da autora francesa Emmanuelle Laborit. A obra retrata o preconceito vivenciado em diferentes esferas — social, profissional, acadêmica, pedagógica e familiar — e se insere em um momento histórico em que o movimento surdo começava a provocar transformações epistemológicas e conceituais. Nesse contexto, a surdez deixava de ser compreendida como deficiência para ser reconhecida como uma diferença cultural.

A segunda autobiografia apresentada foi a de Vanessa Vidal, brasileira, ex-modelo e atualmente professora de Libras na Universidade Federal do Ceará (UFC). Em seu livro *A*

²⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=kPXWu5UCTzk&t=17s>

Verdadeira Beleza (2009), a autora compartilha sua trajetória de superação diante das barreiras impostas pela sociedade em função de sua surdez. Tanto a obra de Vanessa Vidal quanto a de Emmanuelle Laborit integram o campo da Literatura Surda, ainda que estejam em formato físico e escrito, pois foram produzidas por autoras surdas e abordam experiências, identidades e vivências singulares da comunidade surda.

Figura 38 – Obras



Fonte: Imagem retirada da internet

Outra questão trabalhada no minicurso foi a existência da Literatura Surda em livros físicos e digitais. Um exemplo é *O Patinho Surdo* (2005), adaptação de Fabiano Rosa e Lodenir Kanopp, que ressignifica o clássico *O Patinho Feio* ao trazer como protagonista um personagem que não consegue ouvir. A narrativa permite que crianças surdas se identifiquem com o personagem e, ao mesmo tempo, convida leitores ouvintes a refletirem sobre a surdez de maneira lúdica. Outro título apresentado foi *A Fábula da Arca de Noé* (2014), de Cláudio Mourão, uma obra bilíngue (Português e Libras) que combina texto, ilustrações e recursos em vídeo. A história acompanha Dado, um filhote de dalmata surdo convidado para uma exposição cultural e artística dentro de uma grande arca construída pelo capitão Noé. A narrativa valoriza a cultura surda ao inserir o personagem em um contexto de diversidade e protagonismo, evidenciando que a surdez não é uma limitação, mas parte de uma identidade cultural.

Por fim, foi mencionada a obra *O Negrinho e Salimões* (2014), de Tatyana Monteiro, que narra a trajetória de dois jovens surdos que se conhecem na Amazônia. Diante da desaprovação de suas famílias, os amigos decidem fugir pelo rio, mas acabam desaparecendo nas águas. Essa produção está disponível gratuitamente online, com ilustrações originais, texto

em português, versão em escrita de sinais (SignWriting) e também em formato de vídeo no YouTube²⁸.

Nessa atividade, buscou-se explorar a dimensão estética da poesia em língua de sinais, com o objetivo de ampliar a sensibilidade expressiva dos participantes. Para isso, foram selecionadas obras que possibilitam a experimentação de diferentes recursos visuais e corporais. O foco esteve em elementos como: velocidade, uso do espaço e simetria; configurações de mão utilizadas de forma estética e metafórica; morfismo, com mudanças nas configurações de mão; incorporação de personagens humanos; representação de animais, plantas e objetos inanimados; uso de classificadores; exploração de elementos não manuais; e perspectivas múltiplas.

Em um trecho da obra *Bolinha de Ping-Pong* (2009), de Rimar Segala, observa-se uma forte ênfase nos elementos narrativos e descritivos construídos a partir dos classificadores, que envolvem tanto o espaço quanto os personagens. O autor inicia a narrativa descrevendo um torneio repleto de torcedores. No centro do campo, encontra-se um árbitro com um apito, enquanto, à direita, surge um homem furioso, de cabelos e barba longos. Ao lado dele, aparece uma mulher serena, caracterizada pelo lenço na cabeça, pelas luvas e pelo batom. Com o início da competição, sucedem-se jogadas intensas de bola para os dois lados, até que a bolinha “clama por ajuda” e o árbitro intervém.

Na análise dos elementos estéticos da obra *Bolinha de Ping-Pong*, identificaram-se recursos como a **expressão não manual, a variação de velocidade, a incorporação, o uso do espaço, a simetria e os classificadores**. Esses elementos foram apresentados de forma clara, de modo a evidenciar aos estudantes que, embora a narrativa seja extensa, cada leitor pode construir uma interpretação própria. Isso ocorre porque a experiência estética em Libras está diretamente relacionada à percepção individual, ao repertório cultural e à sensibilidade de cada um.

Na narrativa *História: Eu x Rato (Libras)* (2018)²⁹, de Rodrigo Custódio, retrata uma situação cotidiana e bem-humorada: ao encontrar um rato no depósito da casa de sua mãe, o autor passa a tentar eliminá-lo de diversas formas. No entanto, todas as tentativas fracassam, resultando em uma sucessão de cenas cômicas. Produzida em Libras, a obra explora de maneira intensa **as expressões não manuais**, que constituem seu principal recurso estético. Além disso, Custódio utiliza a **incorporação** para representar o rato, recorre aos **classificadores** para elementos como o rabo, o pau e a estante, e manipula variações de **velocidade** no movimento

²⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=EX4PbFTDOY4&t=8s>

²⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=UmsAxQB5NQA>

narrativo. Esses recursos permitem transmitir humor, tensão e exagero, envolvendo o público em uma atmosfera que combina suspense e comicidade.

A penúltima obra apresentada no minicurso foi a poesia visual em Libras *Celular*³⁰ (2018), desenvolvida por Anna Luiza Maciel. A produção utiliza uma estrutura de inspiração cinematográfica para representar as funcionalidades e características de um aparelho celular. Ao articular **ritmo**, **composições visuais** e **a exploração do espaço**, a narrativa proporciona uma experiência estética próxima da linguagem do cinema. Entre os elementos estéticos empregados, destaca-se a utilização de **múltiplas perspectivas**.

Figura 39 - *Celular* de Ana Luiza



Fontes: Vimeo

A última obra apresentada no minicurso foi o poema em Língua de Sinais Britânica (BSL) intitulado *World 2*³¹. Construído no estilo **renga**, no qual cada poeta contribui com um fragmento, o poema teve como eixo temático a viagem, o espaço e o tempo, desenvolvendo uma narrativa coletiva e interligada. Entre os recursos estéticos, destacou-se o uso de **classificadores** para representar elementos como o universo, o pássaro, o trem, a tecnologia, o astronauta e o foguete, compondo imagens visuais que enriqueceram a poética sinalizada e proporcionaram múltiplas possibilidades de leitura ao público.

Ao analisar as respostas dos participantes às perguntas, percebemos que quanto mais eles praticavam, mais aprendiam, aprofundavam e dialogavam. Os participantes sentiram-se confortáveis para responder sem insegurança, refletindo a partir da compreensão dos colegas

³⁰ <https://vimeo.com/267275098>

³¹ <https://www.youtube.com/watch?v=WuYo2d51IKA&t=3s>

surdos. Houve, inclusive, um participante que comentou ter criado sua própria poesia em Libras por admirar outro autor surdo. Este é um dado muito relevante pois:

O contato entre pessoas surdas em contextos que permitem o desenvolvimento da literatura em Libras é muito importante. Nenhum artista de Libras surge de repente como artista completamente formado. Suas experiências na escola e na universidade, sua exposição ao teatro surdo e a outras literaturas e, em todos os casos, seus encontros com outros artistas de literatura surda, fazem com que se tornem o que são hoje. Da mesma forma, os públicos devem se acostumar à literatura surda para valorizar e promover essa parte da cultura surda. (Sutton-Spence, 2021, p.246)

Toda essa experiência reflete a evolução da poesia em Libras ao longo do tempo. Podemos esperar o surgimento de cada vez mais gêneros no Brasil, criados por artistas surdos brasileiros ou inspirados em produções de outras línguas de sinais e línguas orais de outros países.

Demonstramos, assim, a existência de diversos tipos de poemas para apreciação, e que não há apenas uma maneira de categorizá-los. O papel do poeta, portanto, é criar, inovar e contribuir para a diversidade de gêneros.

5.3- Resultados das análises das obras: *The Rosebush*, *Caterpillar* e *A Creative Storytelling Without Words*.

Nesta parte, apresentamos a etapa final da análise do estudo. Trata-se do momento em que os alunos surdos começam a refletir e responder à entrevista semiestruturada que foi sinalizada enquanto uma conversa, agora em um ambiente virtual e em uma fase diferente da pesquisa — ainda que com as mesmas poesias: *The Rosebush* e *Caterpillar*. No entanto, com o objetivo de aprimorar a aquisição e o aprofundamento dos estudos sobre elementos estéticos da literatura em Língua de Sinais, foi acrescentada mais uma obra: *A Creative Storytelling Without Words*.

Figura 40 - *A Creative Storytelling Without Words*



Fonte: Canal de NBC News

De acordo com o estudo, foi possível observar o desenvolvimento linguístico e literário dos participantes surdos, considerando ter um intervalo de 16 meses entre a primeira entrevista semiestruturada e o momento posterior à oficina, que contou com aulas teóricas, práticas e atividades voltadas ao aprofundamento da aprendizagem dos elementos estéticos da Literatura em Língua de Sinais.

Nesta etapa contamos com uma redução de 50% dos participantes, devido a motivos pessoais de cada sujeito participante, por isso, alguns não participaram das aulas ofertadas. Entre esses motivos, podemos citar: a conclusão do curso de graduação, o que gerou desinteresse em continuar participando de pesquisas na universidade; a falta de tempo decorrente de compromissos profissionais; a incompatibilidade de horários com as disciplinas do curso; e a participação em eventos. Em todos os casos, os participantes estavam cientes de que poderiam se desligar da pesquisa sem qualquer prejuízo pessoal e suas decisões foram respeitadas, como já havia sido informado e previsto no TCLE.

Ao analisar as respostas à pergunta: “o que você entendeu?”, buscamos identificar o que foi compreendido por cada um deles a respeito do conteúdo apresentado. A metáfora apareceu como resposta mais recorrente. Embora existam diversas definições para metáfora, segundo Sutton (2021): “a essência é entender e experimentar um tipo de coisa em outros termos. Assim, a coisa apresentada não é o seu significado. A pessoa fala algo, mas tem a intenção de que a outra pessoa entenda o que foi dito de outra maneira.”. No caso da poesia *The Rosebush*, os participantes analisaram que a cor representa algo forte, que naturalmente provoca pensamentos

que podem ser positivos ou negativos. Uma das falas foi selecionada como exemplar, reitero que as falas aqui foram traduzidas da Libras para o português, assim, segundo a participante Aurora:

O que entendi é que na metáfora, a roseira simboliza a comunidade surda e sua língua em Língua Americana de Sinais-ASL. A planta cresce de forma vibrante e natural, representando a vitalidade e a beleza da cultura surda. No entanto, ela enfrenta ameaças externas que tentam controlá-la ou destruí-la. (Tradução nossa, 2025).

A participante, por ser surda, relatou que a poesia lhe fez recordar a história do Povo Surdo. Por isso, acredita que se trata de uma metáfora: a roseira, com suas muitas flores, representaria a Comunidade Surda, formada por vários sinalizantes reunidos em grupo, compartilhando a mesma língua — algo natural para os surdos, mas ainda não para a sociedade. Por esse motivo, sofrem opressões. Esse foi o conteúdo compreendido por ela. Os estudantes Dsetfe e Pedro também apresentaram um entendimento semelhante ao de Aurora. Já a Nina citou:

Eu entendi que a poesia é feita em classificadores-CL e Língua Americana de Sinais-ASL. A poesia mostra uma expressão sobre flores nascendo na terra. No começo, a terra é preparada e as flores começam a crescer, surgem muitas flores. Uma pessoa má aparece e não gosta das flores, então tenta cortar todas. Mas as flores resistem, não deixam. Depois, uma criança vê as flores e acha bonito, corta e levar uma para casa. A flor vai ficando fraca. Posteriormente, tenta cortar outras, mas não consegue porque as flores morrem. Então percebi que as flores precisam da terra para viver, e que ajudam a terra também. (tradução nossa, 2025).

A Nina, por sua vez, teve uma perspectiva diferente. Ela procurou focar na tradução do que a poesia representava para ela, sem ter uma relação com o tema: Surdo. Essa interpretação individual comprova que cada pessoa tem uma forma de pensar, compreender, além de uma cultura, identidade e olhar singulares. Outro ponto importante destacado foi a atenção dada a um dos elementos estéticos da literatura em língua de sinais: o uso do classificador, que atraiu a atenção dos participantes.

Dando continuidade à análise, apresentamos agora os resultados coletados a partir da obra: *Caterpillar*. Foi selecionada a fala do Surdo Pedro: “Ficou muito claro para entender a poesia pelas habilidades imagéticas que consegue expressar de forma visual a lagarta, a árvore e a borboleta durante o processo de transformação que é a metamorfose.” (tradução nossa, 2025).

Figura 41 – Participante surdo



Fonte: Captura de imagem da entrevista realizada após o minicurso.

Nesta obra, não houve a presença da metáfora como resultado das respostas dos participantes, por se tratar de uma poesia que apresenta um plano de fundo colorido, em que o autor utiliza o antropomorfismo nos personagens e objetos, transmitindo uma sensação de leveza imaginária na representação da lagarta, da árvore e da borboleta, ao longo da sequência narrativa. Segundo Aurora:

O vídeo "Caterpillar" de Ian Sanborn que narra a transformação de uma lagarta em borboleta. Através de gestos expressivos e uso do espaço. Sanborn representa o ciclo de vida da lagarta: seu nascimento, crescimento, formação do casulo e eventual metamorfose em borboleta. (tradução nossa, 2025).

A estudante compreendeu o conteúdo de forma semelhante a dos demais participantes: identificou a fase da metamorfose, sem associação à metáfora ou ao tema da surdez. No entanto, ela percebeu o narrador como protagonista da narrativa, e não como um recurso estético — no caso, o antropomorfismo, que consiste em atribuir forma humana a animais ou objetos.

Prosseguindo, agora acerca do conteúdo da obra: *A Creative Storytelling Without Words*. Observaremos o entendimento de Dsetfe:

Na poesia foi apresentado mar, árvore, pássaro, coração e chuva. Não sei a Língua Americana de Sinais-ASL, mas conseguir compreender pelo contexto como também pela ilustração imagética de cor cinza junto com a sinalização que colaborou para a minha compreensão perfeita. (Tradução nossa, 2025).

Podemos perceber que Dsetfe compreendeu os aspectos subjetivos apresentados na poesia. Seu entendimento foi semelhante ao de Pedro, que relatou: “eu entendi que o tema evolve água e pássaro com efeito da imagem envolvendo as mãos”. (tradução nossa, 2025).

Figura 42 – Participante universitario surdo



Fonte: Captura de imagem da entrevista realizada após o minicurso.

Neste momento, abordaremos a segunda questão: “Você não sabe ASL, correto? Então, como você compreendeu as poesias, o que você acha que contribuiu para sua compreensão?”.

A Aurora respondeu com base na poesia *The Rosebush*:

Não entendo a Língua Americana de Sinais-ASL, mas compreendi a poesia através da expressão facial e do jeito de sinalizar a metáfora que ela muda fisicamente seu corpo e sua expressão para representar diferentes personagens (como os adultos e as crianças), sem precisar dizer quem são. O que contribuiu foram: expressão facial e classificadores. (tradução nossa, 2025).

Apesar de não compreender a Língua de Sinais Americana (ASL), ela destacou dois elementos estéticos que contribuíram para o seu entendimento da obra: os elementos não manuais e os classificadores. Outra participante Surda, Nina, teve percepção semelhante: “Sim, eu não sei ASL, consegui entender a poesia por causa das expressões faciais e dos classificadores. A forma como a pessoa usou o espaço, o movimento das mãos e o rosto me ajudaram a entender a história.” (tradução nossa, 2025). Ambas, portanto, evidenciaram os mesmos recursos como facilitadores da compreensão.

Figura 43 – Participante Surdo



Fonte: Captura de imagem da entrevista realizada após o minicurso.

A seguir, analisaremos os resultados referentes à obra *Caterpillar*, observando como os participantes chegaram à compreensão. Nina relatou que:

Eu não sei ASL, consegui entender a poesia por causa da forma como a pessoa usou o corpo e as expressões. Os gestos mostravam claramente a lagarta rastejando, depois o casulo, e por fim a borboleta voando. Isso ajudou muito a entender a história mesmo sem saber os sinais. A emoção no rosto também ajudou a sentir o momento da transformação. (tradução nossa, 2025).

Mesmo sem utilizar os termos técnicos relacionados ao estudo dos elementos estéticos, é possível concluir que Nina compreendeu a poesia por meio do uso do antropomorfismo, de elementos não manuais e de classificadores. Já Pedro afirmou: “não entendo ASL e ao tentar entender percebi que é semelhante as poesias no Brasil, porém senti que os americanos usam mais a expressão não manuais.” (Tradução nossa, 2025)

Agora, apresentarei os resultados referentes à obra *A Creative Storytelling Without Words*. Esta poesia se destacou dos demais relatos por ser a única que conta com ilustração imagética acompanhando a sinalização, o que contribui significativamente para o entendimento de qualquer leitor— seja sinalizante ou não — de forma mais rápida.

A penúltima pergunta foi: “Que parte (s) você achou mais bonita e por quê?”. Nas três obras analisadas, houve uma convergência nas respostas, com destaque para trechos que transmitiam leveza e causavam uma impressão de beleza e tranquilidade. Esses efeitos foram atribuídos ao uso de recursos como movimentos suaves, expressões não manuais,

antropomorfismo, classificadores, mesma configuração de mão, velocidade e uso do espaço na construção do sentido de “bem”.

Figura 44 - Trio de obras



Fonte: Canal de *George Veditz* site, *Sorenson*, NBC News.

Na última pergunta: “Quais elementos estéticos você identificou nesta poesia em ASL?”, foi possível observar que, de forma geral, a maioria dos participantes mencionou **expressões não manuais e classificadores** em todas as obras. Isso evidencia que não há poesia em Língua de Sinais sem esses dois elementos estéticos, uma vez que são eles que conferem sentido à beleza, à atração, à criatividade e ao sentimento expressos na performance.

Na obra *Caterpillar*, o **antropomorfismo** foi o principal destaque, sendo identificado pelos participantes após a compreensão do conceito desse elemento. Em *The Rosebush*, os destaques foram: **expressões não manuais, classificadores e metáfora**. Já na poesia *A Creative Storytelling Without Words*, foram identificados os elementos de **velocidade, movimento, morfismo, simetria e expressões não manuais**. Segundo Pedro:

Eu consegui identificar a gota da chuva que faz parte da velocidade por ser rápido, simetria por ser igual e configuração de mão. Outro exemplo, é o morfismo de um sinal para outra que é a onda que transforma em rio. Expressão não manual sempre acompanha (tradução nossa, 2025).

O elemento “perspectivas múltiplas” não foi citado por nenhum participante. No entanto, outras respostas que não estavam incorretas foram registradas, como a “incorporação”,

embora alguns a tenham confundido com o antropomorfismo. O uso do espaço foi mencionado apenas em relação a uma das obras.

A poesia que mais atraiu os participantes foi *Caterpillar*, de Ian Sanborn. Aurora explicou:

A maneira como ele expressou me cativou. A fluidez dos seus sinais e a intensidade das emoções transmitidas pareceram mais impactantes. Talvez tenha sido a maneira como a poesia usa o espaço, expressão facial e os movimentos corporais que me conectaram mais com a performance. (tradução nossa, 2025).

Trata-se de um vídeo leve, com uma performance de alto nível, cuja perfeição e criatividade no uso do antropomorfismo, aliadas às cores e à temática, que conquistam o leitor. Em contraste, *The Rosebush*, de Ellen Mae, apresenta um conteúdo forte e metafórico, o que torna a compreensão mais desafiadora, mesmo contando com quase todos os elementos estéticos. Por fim, *A Creative Storytelling Without Words*, de Douglas Ridloff, se diferencia por utilizar ilustração imagética e fundo com pinturas — elementos não tão comuns na poesia em língua de sinais produzida por surdos brasileiros, que valorizam, geralmente, a performance natural.

As respostas foram elaboradas de forma solidária e consciente, sem nenhuma restrição de resultados. Em comparação a primeira entrevista, a análise comprova que os participantes, neste segundo momento após o minicurso, foram capazes de adquirir mais conhecimento sobre os elementos estéticos, conteúdo e performance da literatura em língua de sinais, demonstrado de forma eficiente suas respostas em Libras.

Durante as atividades, foi possível perceber que os alunos surdos se sentem linguisticamente mais à vontade quando inseridos em um contexto comunitário surdo — um ambiente que lhes proporciona conforto e segurança por compartilharem a mesma língua, cultura, identidade e modalidade. É nesse espaço que transmitem seus valores e orgulhos, algo que pode ser observado desde gerações passadas, marcadas pelo sentimento de opressão e insegurança.

6. CONCLUSÃO

A partir das construções teóricas sobre o que se compreende por Literatura Surda, percebemos, ao longo deste trabalho, que este campo de estudo está em constante desenvolvimento, uma vez que depende da produção literária humana. Dessa forma, a presente tese se apresenta como uma proposta de discussão e diálogo com a dimensão estética, fazendo uma relação embasada na semiótica, afinal, trata-se de uma literatura visual-espacial. Com o passar do tempo, a cultura e seus costumes se modificam, mas a estrutura literária tende a permanecer similar. O que realmente promove avanços nesse campo é a forma como esses estudos são abordados.

O formato do trabalho ter-se dado como pesquisa-ação foi um diferencial que contribuiu para o aprofundamento desta proposta, pois permitiu ir além da teoria e explorar a estética de forma prática, em conjunto com os alunos. Com essa abordagem em mente, torna-se imprescindível retomar alguns pontos cruciais da pesquisa.

Historicamente, a existência da Literatura Surda era repassada de geração para geração mundialmente sem um registro formal, o que ocorria muitas vezes pela ausência de meios para efetuar a gravação dessas literaturas. Afinal, a tecnologia e a possibilidade de difusão da Literatura Surda por meios digitais são algo recente, que revolucionou a forma como ela é acessada e compartilhada.

Nesse contexto, a pesquisa valeu-se da tecnologia para formalização e análise. Ferramentas como o Google Meet permitiram reunir os participantes de forma remota, e a posterior gravação das respostas possibilitou que a análise fosse feita de maneira minuciosa e atenta. A formalização da pesquisa representa um passo significativo em direção à retransmissão da Literatura Surda por outras formas, elevando-a, mais uma vez, ao status de objeto de estudo.

No Brasil, a Lei Libras nº 10.436/2002 e o Decreto Federal nº 5.626/2005 foram marcos legais que proporcionaram o reconhecimento e o avanço dos estudos sobre a Língua de Sinais, sua cultura e sua produção. Essa regulamentação, em nível federal, abriu portas para a pesquisa acadêmica, estimulando a criação de novas teses e dissertações, para além de viabilizar a criação do curso de graduação em Letras Libras.

Lodenir Karnopp foi uma das primeiras pesquisadoras da Literatura Surda, posteriormente surgiram pesquisadores como Claudio Mourão, Nelson Pimenta, Fernanda Machado além de, algumas referências desta pesquisa, Rachel Sutton-Spence e Janaina Peixoto.

A autora Sutton-Spence é uma das mais renomadas pesquisadoras da Literatura Surda a nível global, ou seja, ela é respeitada em diversos países, nessa tese pude utilizar além de seu referencial teórico o de Janaína Peixoto, a qual faz uma ponte entre o que a Sutton-Spence pesquisa e o contexto brasileiro, ampliando assim a perspectiva desse trabalho para a combinação e a expansão dessas ideias.

A partir disso, é possível compreender a dimensão que a Literatura Surda pôde tomar em produções acadêmicas, adquirindo, assim, um estatuto de importância e relevância para esse saber e, conseqüentemente, para a população surda. Se a produção literária diz do humano, a Literatura Surda é um recorte do humano que diz das vivências e experiências dos sujeitos surdos, estabelecendo um lugar para suas narrativas no mundo. Afinal, ela permite que a identidade desses sujeitos, sua história, o enfrentamento de desafios historicamente marcantes (como foi o oralismo) e a celebração da comunidade tenham protagonismo.

A metodologia de pesquisa-ação, adotada neste trabalho, demonstrou a possibilidade de os sujeitos surdos construírem novas narrativas a partir de textos pré-existentes que dialogam com a sua realidade. Ao propor a análise das poesias, o que emergiu foram os olhares e as experiências dos alunos surdos do curso de Letras Libras. A escolha de ter sujeitos surdos como participantes foi uma decisão fundamental para esta pesquisa, por terem a Libras como L1, além de serem estudantes universitários do curso de Letras Libras, isso proporcionou uma perspectiva e contribuição única e singular, que só poderia ser obtida a partir desse perfil de participante.

Considerando que a matéria prima da produção literária surda é a palavra/sinal, o presente estudo como objeto as poesias em Língua de Sinais Americana de autores surdos: *The Rosebush* da Ella Mae Lentz e *Caterpillar* do Ian Sanborn. Com o avanço da pesquisa, percebemos a necessidade de uma análise mais aprofundada, e uma terceira poesia intitulada *A Creative Storytelling Without Words* do Douglas Ridloff, foi acrescentada. O acréscimo dela veio para contribuir na discussão de outros elementos estéticos para além dos propostos pelas outras poesias.

A pesquisa teve como objetivo geral *investigar a compreensão do conteúdo de poesias em Língua de Sinais Americana (ASL) por um público de alunos universitários surdos brasileiros*. Para alcançar esse objetivo, o trabalho foi dividido em três etapas práticas: uma entrevista semiestruturada, um minicurso de formação sobre a estética da literatura surda e a reaplicação da entrevista semiestruturada, posterior ao minicurso.

A primeira etapa consistiu em uma entrevista semiestruturada, realizada sem que os participantes tivessem acesso a qualquer conteúdo prévio sobre Literatura Surda. Durante a

aplicação, a presença da pesquisadora, que interpretava as perguntas para que os alunos pudessem responder em Libras e assistir às poesias em ASL, foi fundamental. A segurança e o conforto linguístico proporcionados pelo fato de a pesquisadora ser surda, com a mesma cultura e identidade, e por ter estudado na mesma universidade, transformaram a pesquisa em uma conversa genuína, permitindo descobrir a perspectiva e o conhecimento de cada participante.

Parte dessa primeira etapa contribuiu para o alcance do primeiro objetivo específico: *Analisar como acontece a recepção dos textos poéticos em ASL para surdos brasileiros*. No decorrer dessa etapa, enquanto os alunos elaboravam suas percepções sobre as poesias, eles elencaram os elementos que contribuíram para a compreensão do contexto poético, estabelecendo uma relação entre a poesia e elementos já conhecidos por eles.

A partir de então, ainda dentro das entrevistas semiestruturadas, foi possível o alcance do segundo objetivo específico, o de identificar nas respostas dos alunos surdos participantes da pesquisa quais elementos estéticos da literatura surda utilizada pelos poetas americanos favoreceram mais a compreensão do conteúdo das obras. A análise dessas opiniões é fundamental, e um exemplo disso foi o que a aluna Aurora apresentou sobre a poesia *Caterpillar*:

O vídeo “Caterpillar” de Ian Sanborn que narra a transformação de uma lagarta em borboleta. Através de gestos expressivos e uso do espaço. Sanborn representa o ciclo de vida da lagarta: seu nascimento, crescimento, formação do casulo e eventual metamorfose em borboleta. (tradução nossa, 2025).

Aqui, percebemos a compreensão do conteúdo por parte da estudante. Essa compreensão foi similar entre os participantes: eles identificaram a fase da metamorfose, mas não houve, de imediato, uma associação ao tema da surdez ou uma leitura metafórica. No entanto, o que se destacou na fala da aluna foi sua percepção sobre o narrador como um protagonista, e não apenas como um recurso estético ou uma escolha, como é o caso do antropomorfismo, que atribui forma humana a animais ou objetos.

Essa percepção contribui para a leitura que esta pesquisa obteve sobre a Literatura Surda: o fato de a aluna ver um protagonista e não somente um narrador demonstra e reafirma que a literatura em Libras, para a comunidade surda, é um meio de se ver, de se enxergar e de imprimir nessa leitura uma forma de compreender o que a cerca. Dessa forma, o modo intuitivo de leitura reforçou o planejamento do terceiro objetivo específico: o de disseminar o conhecimento formal acerca da estética da literatura surda, como veremos a seguir.

Para cada uma das poesias que compuseram o corpus de pesquisa e que nortearam a entrevista semiestruturada, foi possível perceber que cada obra agregou um novo elemento referente à estética da literatura surda. Por exemplo, em *Caterpillar* o destaque foi o

antropomorfismo; em *The Rosebush* os elementos destacados foram as **expressões não manuais, classificadores e metáfora**; e em *A Creative Story Without Words* destacaram-se os elementos de **velocidade, movimento, morfismo, simetria e expressões não manuais**.

Uma confusão que ocorreu entre os participantes foi a distinção entre os conceitos de Antropomorfismo e Incorporação. Além disso, outros equívocos foram percebidos, ocasionados em sua maioria pelo desconhecimento ou ausência de aprofundamento em torno da estética da Literatura Surda. Esse resultado também justificou a segunda etapa, diretamente relacionada ao terceiro objetivo: *contribuir para a multiplicação do conhecimento sobre a linguagem estética literária em Língua de Sinais*.

A segunda parte do trabalho consistiu na realização de um minicurso com aulas remotas. Seu objetivo era aprofundar o conhecimento dos participantes sobre os elementos estéticos da poesia, que são: **velocidade, espaço e simetria, configurações de mãos (estética e metafórica), morfismo, incorporação, antropomorfismo, classificadores, expressões não manuais e múltiplas perspectivas**. Dessa forma, a realização da oficina foi crucial para solucionar o problema identificado anteriormente: o desconhecimento ou a ausência de aprofundamento em torno da estética da Literatura Surda.

Há uma necessidade, reconhecida por esta pesquisa, de legitimar e de sistematizar o conhecimento já pré-existente dos participantes e da comunidade surda, construindo uma ponte que interliga a teoria à prática. Isso possibilita um novo modo de posicionamento diante das produções narrativas disseminadas na comunidade. Assim, para além do consumo e contato com essa literatura, os alunos participantes do estudo puderam analisá-la de forma mais crítica e formal, abrindo caminho para novas pesquisas.

A teoria, quando agregada ao saber, torna-se essencial para a sua formalização. Assim, a possibilidade de disseminação desse conhecimento formalizado eleva o saber para além do ambiente acadêmico, transformando-o em uma ferramenta que pode ser utilizada pelos participantes em suas próprias realidades.

Os resultados foram satisfatórios, pois durante as aulas os alunos se esforçaram e conseguiram identificar os elementos estéticos na poesia em Língua de Sinais. Ficou comprovado que a fluência ou o domínio básico de uma determinada língua não são necessários para a identificação desses elementos; o mais importante foi o conhecimento do conceito e da definição de cada um deles.

Na última etapa, cada aluno que participou da aula remota respondeu à mesma entrevista semiestruturada da primeira fase, utilizando as poesias "**The Rosebush**" e "**Caterpillar**". Além disso, incluímos uma obra complementar: "**A Creative Storytelling Without Words**". As

respostas foram dadas perfeitamente em Libras, sem qualquer questionamento ou dificuldade por parte dos participantes, afinal, é mais simples demonstrar e discutir a estética da Literatura Surda em Língua de Sinais devido à sua visualidade e espacialidade.

Isso demonstra o êxito na condução da pesquisa, pois o resultado positivo obtido comprova a escolha assertiva de realizar a oficina, preenchendo as lacunas já identificadas e formalizadas como proposições por meio dos objetivos da pesquisa. Portanto, a partir do êxito da realização deste estudo, é possível que as universidades possam incentivar que outros estudos e projetos de extensão se iniciem.

Um dos obstáculos enfrentados na elaboração deste trabalho, por contar com a participação de alguns alunos, foi a ausência de alguns deles durante as entrevistas semiestruturadas e a oficina. Apesar do número reduzido (ocasionado por diversos fatores de ordem pessoal e pelo caráter voluntário da participação), foi possível comprovar a hipótese de que a compreensão de uma poesia em uma língua não dominada pode ocorrer por meio da estética literária em Língua de Sinais, como foi demonstrado através da análise das respostas.

Os objetivos e o referencial teórico da pesquisa, ao serem consolidados na prática e na vivência de cada aluno, contribuíram para o alcance desse resultado. O procedimento metodológico de abordagem qualitativa e de natureza explicativa (Ludke e André, 1986) permitiu que esta pesquisa-ação dialogasse com o campo, ampliando e disseminando o conhecimento sobre a estética da Libras e a sua compreensão, apesar da evasão dos participantes, a metodologia robusta e eficaz possibilitou o alcance dos resultados aqui apresentados.

Os participantes da pesquisa eram universitários, surdos e fluentes em Língua de Sinais Brasileira. O ambiente de troca tornou-se profícuo pelo fato de eu também ser uma pessoa surda e inserida na comunidade. Isso facilitou não apenas a comunicação, mas também o estabelecimento de uma confiança mútua, garantindo que o espaço estava voltado às trocas, ao aprendizado e à clareza do que havia sido proposto.

A relação entre os sujeitos surdos e a leitura nem sempre foi algo palatável e agradável, em decorrência dos inúmeros processos de educação e aprendizagem, e também porque a literatura popularmente conhecida não é, em sua maioria, pensada para esse público. A percepção dessa mudança se configura como uma das principais contribuições da pesquisa: a possibilidade de um novo campo de significação para essa relação. A construção de uma semiótica com o olhar voltado para essas nuances é um caminho promissor para a continuidade de outras pesquisas, visando a multiplicação e difusão desse conhecimento.

Foi observado nas análises e na oficina que os surdos, naturalmente, conseguem

compreender o conteúdo sem dominar a Língua de Sinais Americana (ASL) por uma questão visual e por já possuírem o conhecimento intuitivo dos elementos estéticos. Quando a análise da obra é ensinada, com a explicação passo a passo, a apresentação de exemplos e a discussão dos elementos estéticos da poesia, tudo se torna mais claro e científico, pois se trata de uma língua de modalidade gesto-visual.

Além disso, os participantes ganharam segurança ao descobrirem que a compreensão do conteúdo da poesia é individual e que não faz sentido classificá-la como "correta" ou "incorreta". Em alguns contextos, a imposição de uma interpretação considerada "adequada" enfraquece a autonomia e a experiência individual, fazendo com que comentários genuínos e espontâneos sejam tolhidos pela crença em um padrão ideal de resposta.

Durante o processo metodológico, houve algumas dificuldades que resultaram em uma limitação: a dificuldade em contar com todos os participantes em um único horário remoto. Essa situação não limitou o resultado da pesquisa, mas serviu como uma valiosa aprendizagem. Em um outro estudo analítico, o ideal seria realizá-lo presencialmente na universidade, com a possibilidade de dividir a turma em dois horários, para que os participantes pudessem escolher o melhor momento para estarem presentes. Isso tornaria a interação muito mais ativa, pois a dinâmica presencial é distinta da remota e pode contribuir de forma ainda mais significativa.

Podemos afirmar que o presente trabalho contribuiu e contribuirá para futuros estudos da Literatura Surda em Língua de Sinais. Foi possível analisar o conteúdo e os elementos estéticos de três obras, demonstrado ao longo do trabalho, sem que houvesse um domínio linguístico da Língua de Sinais utilizada na poesia. A validação dessa hipótese é uma forma de comprovar a viabilidade e a legitimidade do que tem sido produzido pelas comunidades surdas e pelos usuários de Línguas de Sinais.

O conhecimento abrange um novo campo de saber, onde as produções acadêmicas sobre a estética visual e espacial podem ser acessíveis e construtivas a partir da inserção e contribuição de novos pesquisadores. Isso possibilita uma conexão entre cultura, identidade, semiótica e artes, além de conferir visibilidade à área e de expandir os estudos para além de uma única Língua de Sinais. A tese não se afirma aqui como um fim, mas como a possibilidade de um novo começo.

Dessa forma, a investigação e o fato de destacar elementos estéticos que se apresentam em Língua de Sinais de forma visual, bem como a percepção de padrões entre eles, disponibiliza, a partir da publicação deste trabalho, uma forma de sistematizar e compreender a estética da construção de poesias em outras Línguas de Sinais. Um exemplo disso é a exploração do que se tem publicizado enquanto poesia da Língua de Sinais Francesa. A partir

de então, podem surgir não apenas estudos que contemplem o aprofundamento a partir de outras línguas, mas também estudos comparativos entre elas.

Acredita-se também que esse seja um caminho para a descoberta e o aprofundamento de outras pesquisas no que se refere ao campo estético da literatura surda, podendo ser aplicado para além do gênero da poesia, abrangendo o campo da prosa, das narrativas, e de gêneros que possam surgir e difundir-se de forma expansiva dentro da cultura surda. Afinal, a tese se torna uma peça-chave fundamental enquanto ferramenta fértil para a exploração dos diversos gêneros que contemplem a estética da construção de um texto visual.

O que foi aqui construído não somente ensinou, construiu ou cumpriu com os objetivos propostos, como também valorizou o conhecimento existente, elevando as produções de sentido a pontos significativos de elucubração de uma teoria anteriormente distanciada da prática. A tese foi escrita por uma pessoa, mas construída a partir do conjunto de trocas. Partir do ponto de legitimação do uso da poética e da estética de uma comunidade trouxe força para a tese, encorajando e tornando essa pesquisa uma ferramenta promotora da expansão dos estudos e da valorização das Línguas de Sinais.

O êxito desse trabalho, bem como as suas lacunas percebidas enquanto obstáculos, apontam para a resolução de algo anteriormente inexplorado, afinal, fazer pesquisa se refere também a isso: a busca por algo inédito. O campo da Literatura Surda é vasto e merece ser cada vez mais explorado, com a dignidade que merece.

7. REFERÊNCIA

AGUIAR, V. T. e BORDINI, M. da G.. **Literatura: a formação do leitor, alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

ALVES, E. de O.. **Português como segunda língua para surdos: iniciando uma conversa**. 1. ideia. 2020.

ALVES, E. de O.; PEIXOTO, J. A. (Orgs.). **A Língua Brasileira de Sinais: aspectos semióticos e linguísticos da produção do texto e do discurso**. Revista Acta Semiótica et Lingvistica, v. 26, Ano 45, n. 4, 2021.

ARNHEIM, R.. **Arte e Percepção Visual**. São Paulo: Pioneira/EDUSP, 1980.

BAHAN, B. Face-to-Face Tradition in the American Deaf Community: Dynamics of the Teller, the Tale, and the Audience. In: BAUMAN, D. L., NELSON, J. L. e ROSE, H. M. **Signing the Body Poetic: Essays on American Sign Language Literature**. 1. ed. Los Angeles: UC PRESS, 2006, cap. 2, p. 21-50.

BARROS, D. **Teoria Semiótica do Texto**. . Ed. Parma. 2002.

BELAUNDE, C. Z.; SOFIATO, C. G.. **O visual na educação de surdo**. Revista Espaço, n. 52, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.20395/re.v0i52.615>. Acesso em: 01 mar. 2024.

BERARDINELLI, A.. **Da poesia à prosa**. . Tradução Maurício Santana Dias. Organização e prefácio Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Cosac & Naify,. 2007.

BOSSE, R. O. H.. **Pedagogia cultural em poemas da língua brasileira de sinais**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) –Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/98601>.

BRASIL. **Decreto 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n o 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

BRASIL.. **Lei Federal 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.

BUARQUE. F. **Chapeuzinho Amarelo**. Rio de Janeiro (Brasil): Berlendis & Vertecchia Editores, 1979.

BURCH, S. **Signs of resistance: American Deaf cultural history, 1900 to 1942**. New York: New York University Press, 2002.

BYRNE, A. **American Sign Language (ASL) literacy and ASL literature: A critical appraisal**. Tese (Doutorado) - University of Toronto, Toronto, Canada. 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/283671976_American_Sign_Language_ASL_Literacy_and_ASL_Literature_A_Critical_Appraisal.

CAMPELLO, A. R. S. E.. **Pedagogia Visual na Educação dos Surdos**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Florianópolis, 2008. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/91182>.

CAMPOS, K. Araújo; NARDES, A. L. V. A. L. G. M.. As Brasileiras. **librando**, 2019. Disponível em: <https://librando.paginas.ufsc.br/2019/08/26/as-brasileiras/>.

CÂNDIDO, A.. Direitos Humanos e literatura. In: A.C.R. Fester (Org.) **Direitos humanos**. Cjp / Ed. Brasiliense, 1989.

CÂNDIDO, A.. **Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos**. 5ª ed. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1975. 2 v

CÂNDIDO, A.. **Iniciação à literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.

CÂNDIDO, A.. **Literatura e Sociedade**. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1965.

CARVALHO SALES, T. A.. Literatura Surda em sala de aula: adaptações literárias. **Línguas & Letras**, [S. l.], v. 25, n. 58, 2024. DOI: 10.5935/1981-4755.20230035. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/34478>. Acesso em: 21 ago. 2025.

CITELLI, A.. **O texto argumentativo**. 1. São Paulo: Editora Scipione. 1994.

COLLODI, C.. **Pinóquio**. São Paulo: FTD, 2013.

CULLER, J.. **Teoria Literária: uma introdução**. São Paulo: Beca Produções Culturais, 1999.

DA SILVA, F. M.. **Uma proposta para o estudo da percepção: em torno da semiótica cognitiva**. Alfa: revista linguística, São Jose de Rio Preto, vol. 59 (3), p. 471-500, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alfa/a/rrKXndhC4bgv9yzKWv9yNSv/?lang=pt>.

DE ARAUJO, M. F.. **Poesia Como veio alimentação, de Fernanda Machado (2011)**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eiH0CqYNe6s>.

DURÃO, F. A.. **Metodologia da Pesquisa em Literatura**. 1. São Paulo: Editora Parábola. 2020.

EAGLETON, T.. **A ideia de cultura**. 2.ed. São Paulo: editora Unesp, 2011.

EAGLETON, T.. **Teoria da literatura: uma introdução**. Trad. de Waltensir Dutra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006

ECO, U.. **Como se faz uma tese**. 12. São Paulo: Editora Perspectiva. 1995.

ECO, U.. **Tratado Geral da Semiótica**. Perspectiva. 2005.

EL ANDALOUSSI, K.. **Pesquisas-ações: ciências, desenvolvimento, democracia**. São Paulo: Edufscar, 2004.

FERNANDES, J. D. C.. **Semiótica e gramática do design visual**. Editora UFPB, 2011.

FRANÇA, J. L.. **Manual para normalização de publicações técnico-científicas**. 4. Belo Horizonte: Ed. UFMG. 2000

FRIEDRICH, H. **Estrutura da lírica moderna**. . (da metade do século XIX a meados do século XX). Tradução Marise M. Curioni. Tradução de poesia Dora F. da Silva. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades. 1991.

GARCIA, G. P. G.. **Literatura Surda e Literatura Coda: produções visuais que retratam realidades culturais singulares**. Tese (doutorado em estudo semiotico). Universidade Federal da Paraíba-UFPB, João Pessoa, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/31809>.

GOLDFELD, M.. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. 2a Ed. São Paulo: Plexus Editora, 2002.

GOMES, A. P. G.; HEINZELMAN, R. O.. **Cadernos Conecta Libras 1**. São Paulo: Editora Arara Azul, 2015.

GOMES-SOUSA, F. E.. **As tecnologias digitais como instrumentos potencializadores no ensino de língua portuguesa para surdos**. Dissertação (Mestrado em Ensino), Universidade Federal Rural do Semiárido-UFERSA, Mossoró – RN, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufersa.edu.br/handle/prefix/5174>.

GONDIM, L. M.P. e LIMA, J. C.. **A pesquisa como artesanato intelectual: considerações sobre método e bom senso**. 1. João Pessoa: Manufatura. 2002

GREGORIN FILHO, J. N.. **Literatura Infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores**. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J.. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Contexto, 2012.

HAGUETTE, T. M. F.. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1997.

HALL, S. (org.). **Representation. Cultural representation and cultural signifying practices.** London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997.

HAMBURGER, M.. **A verdade da poesia: Tensões na poesia modernista desde Baudelaire.** São Paulo: Cosac & Naify. 2007.

HEGEL, G. W. F.. **Cursos de Estética.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000

HEINZELMANN, R. O.. **Literatura surda no currículo das escolas de surdos.** São Paulo: Pimenta Cultural, 2023.

HENRY, A.. **Mãos do mar (Libras).** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=K399DQf9XRI&list=RDK399DQf9XRI&start_radio=1.

HOLCOMB, T.. **Introduction to American Deaf culture.** New York, NY: Oxford University Press, 2013.

HONORA, M.; FRIZANCO, M.. **Coleção contos clássicos em libras.** São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.

JACOBS, J.. **Os Três Porquinhos** – adaptação de Maria Luísa de Abreu Lima Paz. – São Paulo: Girassol, 2004.

KARNOPP, L.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. (orgs.). **Cultura Surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações.** Canoas: Editora ULBRA, 2013.

KARNOPP, L.. **Literatura Surda.** Curso de Licenciatura e Bacharelado em Letras- Libras na Modalidade a Distância. Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

KARNOPP, L.. **Material de estudos da disciplina de Literatura Surda.** Curso de licenciatura em Letras-Libras. Florianópolis: UFSC, 2008.

KARNOPP, L.; ROSA, F.. **Patinho Surdo**. Canoas: Ed. Ulbra, 2005.

KARNOPP, L.; ROSA, F.. **Patinho Surdo**. Canoas: Editora ULBRA, 2005 (e 2ª ed. em 2011).

KRENTZ, C. B.. The Camera as Printing Press: How Film Has Influenced ASL Literature. In: In:

BAUMAN, D. L., NELSON, J. L. e ROSE, H. M. **Signing the Body Poetic: Essays on American Sign Language Literature**. Los Angeles, 1. ed., p. 51-70, 2006.

LABORIT, E.. **O grito da gaivota**. Tradução de Lelita de Oliveira. São Paulo: Best Seller, 1994. Escrito com a colaboração de Marie-Thérèse Cuny.

LADD, P.. **Em busca da Surdidade 1 - Colonização dos Surdos**. Tradução de Mariana Martini. Portugal: Surd'Universo, 2013.

LADD, P.. **Em busca da Surdidade 2 - Compreender a Cultura Surda**. Tradução de Mariana Martini. Portugal: Surd'Universo, 2017.

LAJOSO, M.. **O que é literatura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

LANE, H., HOFFMEISTER, R., BAHAN, B.. **A journey into the Deaf-World**. San Diego, CA: DawnSignPress, 1996.

LEGUARI, D. H.; SANTOS, G. M. Dos.. **Literatura Surda como recurso na construção da identidade surda**, pp. 30–50. In.: SALVADOR, Janice Aparecida de Souza et al. (orgs.). Estudos e reflexões sobre Língua Brasileira de Sinais. Paraná: FASUL Editora. 2016

LEIGH, I. W.; ANDREWS, J. F. e HARRIS, R. L.. **Deaf culture: exploring Deaf Communities in the United States**. San Diego, CA: Plural Publishing, 2017.

LENTZ, L. M.. **The Rosebush by Ella Mae Lentz**. Youtube, 19 de junho de 2015. 4min51segs. Acesso em: 7 de maio de 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W9biUSeHRlo>

LIMA, N, G.. **CULTURA SURDA EM QUADRINHOS: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DE TIRINHAS DA COLETÂNEA “THAT DEAF GUY – A WIDE RIDE”**. Dissertação (mestrado em Letras)-Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa,2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/21319>

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A.. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MACHADO, F. de A.. **Simetria na Poética Visual na Língua de Sinais Brasileira**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Programa de Pós Graduação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/107555>.

MARQUEZI, L.. **Literatura surda: o processo de tradução e a transcrição em signwriting**. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/210366>.

MINAYO, M.C.S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 29 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MORGADO, M.. MARTINS, M.. **A Transmissão de Valores e a Construção da Identidade em Jovens Surdos**. In: PERLIN, G.; STUMPF, M. (Orgs.). Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas. Curitiba: Editora CRV, 2012

MORGADO, M.. Literatura em língua gestual. In: KARNOPP, Lodenir; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise. (orgs.). **Cultura surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações**. Canoas: ULBRA, 2011.

MOURÃO, C. H. N.. **Literatura surda: experiência das mãos literárias**. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/151708>.

MOURÃO, C. H. N. **Literatura Surda: produções culturais de surdos em Língua de Sinais**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós Graduação de Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/32311>.

MOURÃO, C. H. N.. Literatura surda: produções culturais de surdos em língua de sinais. In: KARNOPP, Lodenir; KLEIN; Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise (org.). **Cultura surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações**. Canoas: ULBRA, 2011

NÖTH, W. & SANTAELLA, L.. **Introdução à Semiótica**. São Paulo: Paulus, 2017.

NOTÍCIAS DA NBC.. **Poesia visual do poeta surdo: uma narrativa criativa sem palavras**
| **think** | **Notícias da NBC**. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=xRcwVRf5BS8&t=3s>.

OLIVEIRA FILHO, J. B. A.. **ANÁLISE VERBO-VISUAL DE TEXTOS LITERÁRIOS ADAPTADOS PARA A COMUNIDADE SURDA**. Dissertação (mestrado em Letras). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/21269>

OLIVEIRA, B. M. J. F. de.. **Conversas sobre normalização de trabalhos acadêmicos**. 1. João Pessoa: Editora Universitária, UFPB, 2007.

OLIVEIRA, M. M. De.. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Recife: Ed. Bagaço, 2014

OLIVEIRA, N. F. De.. **O espetáculo semiótico da literatura surda adaptada no gênero drama**. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/32257>

PEIXOTO, J. A. Percurso Histórico Dos Estudos Literários Na Comunidade Surda Brasileira. In: JÚNIOR, G. C. *et al* (org.). **Saberes e reflexões interdisciplinares: prática e pesquisa**. Itapiranga: Schreiber, 2023. Cap. 2, p.15-26.

PEIXOTO, J. A.. **A tradição literária no mundo visual da comunidade surda brasileira**. Vol. 02. Coleção Pós Letras. 2020. João Pessoa.

PEIXOTO, J. A.; VIEIRA, M. R.. **Artefatos culturais do povo surdo: discussões e reflexões**. João Pessoa : Sal da Terra, 2018.

PERISSÉ, G.. **Literatura & educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PESQUISA, Poeta.. **A roseira ~ Por Ella Mae Lentz**. Disponível em: <http://www.thevoicesproject.org/poetry-library/the-rosebush-by-ella-mae-lentz>.

POKORSKI, J. de O.; DEMIANCZUK, M. L. S.; SCHULZ, L.. **Poesia em Língua de Sinais: uma revisão bibliográfica**. Revista Entre Parênteses, Minas Gerais, v. 2, n. 7, 2018. Disponível em: <https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/article/view/790>

PORTO, S.. PEIXOTO, J. A.. **Literatura Visual**. UFPB. João Pessoa. 2013.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B.. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M.. **Língua de Herança Língua Brasileira de Sinais**. Penso. 2017. Porto Alegre.

RAMALHO, H. G.. **A estética literária na poesia de mulheres surdas nordestinas**. Dissertação (mestrado em Letras). Universidade Federal da Paraíba-UFPB, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/32239>.

RASTIER, F.. **Greimas e a Linguística**. Tradução para Língua Brasileira de Sinais. Sandra Maria Diniz Oliveira Revista Acta Semiótica et Lingvistica, Vol 25, ano 44, nº 4, 2021.

ROCHA, S.. **Memória e História: A Indignação de Esmeralda**. Petrópolis,RJ: Editora Arara Azul, 2010.

ROSA, F.; KLEIN, M.. **O que sinalizam os professores surdos sobre a literatura surda em livros digitais**. In.: KARNOPP, L.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. **Cultura Surda na contemporaneidade**: negociações. Canoas: Ed. da ULBRA, 2011. p. 91-112.

ROSE, H. M. The Poet in the Poem in the Performance: The Relation of Body, Self, and Text in ASL Literature. In: BAUMAN, D. L.; NELSON, J. L.; ROSE, H. M. **Signing the Body Poetic: Essays on American Sign Language Literature**. 1. ed. Los Angeles: UC PRESS, 2006, cap. 7, p. 130-146.

SALVATORE, D'Onofrio.. **Metodologia do trabalho intelectual**.. 1. São Paulo: Atlas. 1999.

SANBORN, I. **"Caterpillar" by Ian Sanborn**. Youtube, 11 de abril de 2017. 3min13secs. Acesso em: 7 de maio de 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4PeYpRbg18Y&t=3s>

SANTAELLA, L.. **O que é Semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SANTOS, C. S. G. Dos.. **Teoria do Efeito Estético e Teoria Histórico cultural: o leitor como interface**. Recife: Bagaço, 2009.

SANTOS, C.. Ícones metaforizados e iconicidade em Libras. **Cadernos de estudos linguísticos**, Campinas, vol. 59, n2. p. 419-437 mai./ago. 2017. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8648382/16616>

SANTOS, E. C. P. DOS.. No princípio era a palavra, mas a palavra foi traduzida para os sinais.

Cadernos de tradução, Santa Catarina, vol. 38 (3), p. 93-124 dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2018v38n3p93/37388>

SANTOS, S. M. D. O.. **TRANSCODIFICAÇÃO DE CONTOS POPULARES PARA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: UMA LEITURA SEMIÓTICA DA CULTURA SURDA**. Dissertação (mestrado em Letras). Universidade Federal da Paraíba-UEPB. João Pessoa, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/11942>

SARTRE, J. P.. **O que é literatura?** Trad. Carlos Felipe Moisés. 3.ed. São Paulo: Ática, 2004

SETIC-UFSC.. **LIBRANDO – Compartilhando Literatura Surda**. Disponível em: <https://librando.paginas.ufsc.br/2019/08/26/as-brasileiras>.

SILVA, C. A. de A.. **Cultura surda: agentes religiosos e a construção de uma identidade**. Editora Terceiro Nome, 2019.

SILVA, T. T.. **Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico**. Belo Horizonte, autêntica, 2000.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2009.

SILVERSTEIN, S.. **Árvore generosa**. Tradução de Fernando Sabino. Rio de Janeiro: Ed. Record. 2001.

SKLIAR, C.. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 7. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015.

SODRÉ, N. W.. **Quem é o povo no Brasil?**. Marília/SP: Lutas anticapital, 2019.

SORENSEN. **"lagarta"** de Ian Sanborn. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4PeYpRbg18Y&t=1s>.

SOUSA, L, J, G.. **VIDA E OBRA DO POETA POPULAR SURDO MAURÍCIO BARRETO: UM ESTUDO DE ABORDAGEM SEMIÓTICA**. Dissertação (mestrado em Letras)-Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/22341>

STROBEL, K.. **As imagens dos outros sobre a cultura surda**. 3 ed., Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.

STROBEL, K.. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis. Ed. Da UFSC, 2008.

SUTTON-SPENCE, R.. **Literatura em Libras [livro eletrônico]**/Rachel Sutton-Spence; [tradução Gustavo Gusmão]. --1-- ed. Petrópolis, RJ: Editora AraraAzul, 2021.

SUTTON-SPENCE, R.; MACHADO, F. de A.; MACIEL, A. L.; QUADROS, R. M. de. **Antologias Literárias em Libras**. Fórum Linguístico. Santa Catarina, v 17, n 4, p. 5506 - 5525, dez. 2020. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/77279>. Acesso em 02 de abr de 2023.

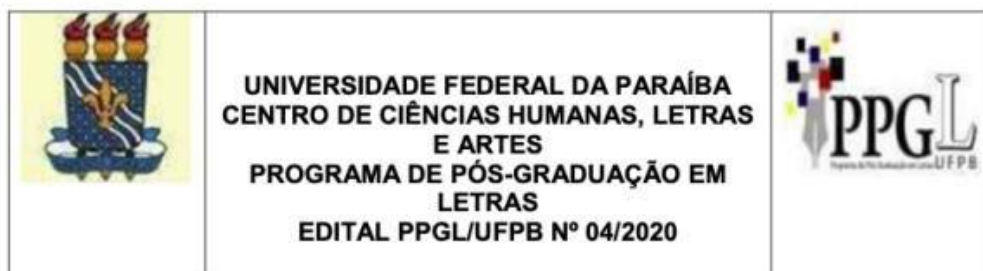
SUTTON-SPENCE, Rachel. **Fernanda Machado Voo Sobre Rio filmado por Martin Haswell 2011 Libras**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FNifG_h-tDM&t=100s.

VIEIRA, M, R.. **O PASSARINHO DIFERENTE: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA NA LITERATURA SURDA**. Dissertação (mestrado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2021. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/21273?locale=pt_BR.

WILCOX, S.; WILCOX, P. P.. **Aprender a ver**. Petrópolis, RJ: Editora Arara Azul, 2005.

ZIRALDO.. **O menino maluquinho**. 2ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2008.

APÊNDICE 1



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado(a) **PARTICIPANTE DE PESQUISA**,

Os pesquisadores Mariane Linhares da Silva e Janaina Aguiar Peixoto convidam você a participar da pesquisa intitulada **“POESIA EM LÍNGUA DE SINAIS AMERICANA (ASL): UM ESTUDO SEMIÓTICO COM ALUNOS UNIVERSITÁRIOS SURDOS BRASILEIROS”**. Para tanto você precisará assinar o TCLE que visa assegurar a proteção, a autonomia e o respeito aos participantes de pesquisa em todas as suas dimensões: física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural e/ou espiritual – e que a estruturação, o conteúdo e forma de obtenção dele observam as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos preconizadas pela **Resolução 466/2012 e/ou Resolução 510/2016**, do Conselho Nacional de Saúde e Ministério da Saúde.

Sua decisão de participar neste estudo deve ser voluntária e que ela não resultará em nenhum custo ou ônus financeiro para você (ou para o seu empregador, quando for este o caso) e que você não sofrerá nenhum tipo de prejuízo ou punição caso decida não participar desta pesquisa. Todos os dados e informações fornecidos por você serão tratados de forma anônima/sigilosa, não permitindo a sua identificação.

Objetivo da pesquisa de investigar a compreensão do conteúdo de poesias em Língua de Sinais Americana (ASL) por um público de alunos universitários surdos brasileiros. E **objetivo específicos**: realizar uma breve oficina sobre Literatura Surda para nivelar o conhecimento básico; analisar como acontece a recepção dos textos poéticos em ASL para surdos brasileiros; identificar nas respostas dos alunos surdos participantes da pesquisa quais elementos estéticos da literatura surda utilizada pelos poetas americanos favoreceram mais a compreensão do conteúdo das obras.

A pesquisa será de abordagem qualitativa, de natureza explicativa. Na perspectiva da pesquisa-

ação, selecionaremos 2 (duas) obras poéticas em Língua de Sinais Americana registradas em vídeo para assim iniciarmos a coleta de dados para posterior análise. Nesse momento, buscaremos os indícios sobre questões estéticas, criativas e literárias identificando os seus respectivos elementos. Sobre a escolha dos sujeitos, conforme Minayo(2010), a boa seleção dos sujeitos ou casos a serem incluídos no estudo é aquela que possibilita abranger todo o problema investigado em suas múltiplas dimensões. Os critérios para a escolha dos participantes serão: Surdos fluentes em Língua Brasileira de Sinais; e, exclusivamente, alunos surdos do curso de Letras/Libras em universidades públicas pela região nordeste. Os participantes também serão selecionados pelo critério de aceitação. A inclusão social desses indivíduos tem uma vinculação significativa para este estudo. Os sujeitos da pesquisa serão 10 (dez) participantes (surdos), com idades entre 18 e 60 anos com vínculo ativo na universidade entre o primeiro ao nono semestre. Para preservar a identidade dos participantes da pesquisa seus nomes serão omitidos por meio de nome fictício de algum autor ou representante do Povo Surdo em sua homenagem. As pesquisas em língua de sinais, ao se utilizarem de métodos visuais, têm implicações éticas, uma vez que para o anonimato/confidencialidade dos participantes sejam mantidos, mesmo com registro em vídeo das respostas e da aplicação da oficina, esta pesquisadora se compromete a não divulgar essas imagens. Além disso, com este objetivo, os integrantes envolvidos na pesquisa assinarão o termo de consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Como procedimentos de construção de dados, utilizaremos a entrevista semiestruturada para compreender alguns termos e situações existentes nos diários, como também para o aprofundamento de alguns aspectos.

Quanto ao passo a passo da pesquisa, inicialmente os integrantes da pesquisa tomarão conhecimento da proposta do estudo e se comprometerão a colaborar com o estudo, tendo o direito de desistir a qualquer momento sem prejuízos pessoais. A pesquisa será realizada em três etapas:

- a) O primeiro momento para um encontro com uma oficina bilíngue para surdos que será uma aula introdutória a respeito da temática para nivelar e selecionar os dez sujeitos;
- b) A segunda após a seleção irei mostrar dois vídeos com poesia em ASL com uma duração entre um até quatro minutos por ser um momento que eles precisam aprender, segundo Sutton-Spence (2021) a observar, descrever e explicar para que possam identificarem, compreenderem os elementos literário surdo por meio da poesia. Porém, será de forma arbitrária e imparcial por ter compreensão individual, por Mourão (2016), são “visualeitores” que é a expressão visual por sinalizantes que explora por meio da sua língua de sinais referindo a pessoas surdas. Como

observar, descrever e explicar uma poesia na própria língua não é fácil, e se torna mais difícil quando é uma língua estrangeira, do caso deste trabalho será a Língua de Sinais Americana (ASL) que faz ter a necessidade de ver/ler o texto mais de uma vez para que chegue a sua conclusão/compreensão/percepção. No momento que cada um for expressar o que compreendeu na arte linguística através da estética da poesia será registrado por uma câmera de vídeo em sigilo em uma sala reservada para riqueza do resultado haverá perguntas colaborativas (em anexo) para que a pesquisadora identifique os elementos da poesia detectados por eles;

c) A terceira ao finalizar as gravações nesta parte será o tempo de assistir, observar, analisar e identificar os elementos da poesia que podem ser encontradas em três partes, nos estudos de Sutton-Spence (2021), entre elas são: performance, conteúdo e linguagem.

Os riscos relacionados com sua participação são: constrangimento ao interagir com estranhos; sentir-se intimidados durante o acompanhamento e a observação, por parte da pesquisadora, do processo de produção (sinalização, são sujeitos surdos brasileiros que expressará por meio da Libras); receio e vergonha de sinalizar conforme as orientações dadas na correção; estresse; receio da divulgação de seus dados pessoais; receio da divulgação de informações sobre o seu desempenho a resposta da entrevista semiestruturada.

Os benefícios relacionados com a sua participação são: possibilidade de uso de todos os recursos linguísticos aprendidos nas oficinas; desenvolvimento da autonomia e do pensamento crítico e criativo durante a reescrita dos textos a partir da entrevista semiestruturada; construção de um percurso individual de aprendizagem por meio da poesia sinalizada e também propulsionar novos estudos.

Informação de Contato do Responsável Principal e de Demais Membros da Equipe de Pesquisa

Mariane Linhares da Silva (Universidade Federal da Paraíba-UFPB)

Marianelinhares92@gmail.com

Telefone: (84) 98109-1004

Janaina Aguiar Peixoto (Universidade Federal da Paraíba-UFPB)

Janaina.peixoto@academico.ufpb.br

Endereço e Informações de Contato da Universidade Federal da Paraíba-UFPB

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes-CCHLA

Enderenço: Universidade Federal da Paraíba Campus - Jardim Cidade Universitária, João Pessoa - PB, 58033-455.

Telefone: [\(83\) 3216-7330](tel:(83)3216-7330)

Horário de atendimento ao público externo:

Segunda à Sexta das 08h às 13h

Trabalho Interno:

Segunda à Sexta das 14h às 17h

Endereço e Informações de Contato do Comitê de Ética Pesquisa(CEP)/CCS/UFPB

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)

Centro de Ciências da Saúde (1º andar) da Universidade Federal da Paraíba Campus I –

Cidade Universitária / CEP: 58.051-900 – João Pessoa-PB

Telefone: +55 (83) 3216-7791

E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

Horário de Funcionamento: de 07h às 12h e de 13h às 16h. Homepage:

<http://www.ccs.ufpb.br/eticaccsufpb>

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Ao colocar sua assinatura ao final deste documento, **VOCÊ**, de forma voluntária, na qualidade de **PARTICIPANTE** da pesquisa, expressa o seu **consentimento livre e esclarecido** para participar deste estudo e declara que está suficientemente informado(a), de maneira clara e objetiva, acerca da presente investigação. E receberá uma cópia deste **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**, assinada pelo(a) Pesquisador(a) Responsável.

Você, **PARTICIPANTE** da pesquisa aceita participar: () SIM () NÃO.

João Pessoa-PB, _____ de _____ de 2023.

Participante da pesquisa

Responsável da pesquisa

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar o CEP e a CONEP:

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba, Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar – CEP 58051-900 – João Pessoa/PB - (83) 3216-7791 – E-mail: eticaccsufpb@hotmail.com. Horário de Funcionamento: 08:00 às 12:00 e das 14:00 às 17:00 horas.

CONEP – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Bairro Asa Norte, Brasília-DF – CEP: 70.719-040 – Fone: (61) 3315-5877 – E-mail: conep@saude.gov.br

A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) é uma comissão do Conselho Nacional de Saúde - CNS, criada através da Resolução 196/96 e com constituição designada pela Resolução 246/97, com a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo Conselho. O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um colegiado

interdisciplinar e independente, com “múnus público”, que deve existir nas instituições que realizam pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil, criado para defender os interesses dos sujeitos em sua integridade e dignidade para contribuir no desenvolvimento da pesquisa.

APÊNDICE 2

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA QUE SERÁ REALIZADA EM LIBRAS

Nome fictício: _____

Idade: _____

Universidade que estuda: _____

Semestre: _____

O curso é da modalidade presencial () ou Educação a Distância ()

Você é fluente em () Libras () ASL

Profissão: _____

PERGUNTAS INICIAIS

1 - O que você entendeu? (para analisar a compreensão do conteúdo)

2 - Você não sabe ASL, correto? Então, como você compreendeu as duas poesias, o que você acha que contribuiu para sua compreensão?

3 - Que parte (s) você achou mais bonita e por quê? (para analisar elementos estéticos)

4 - A sinalização de qual poeta você gostou mais e por quê? (para analisar a performance)